JOHN LONDERRY BATISTA

PUC-SP

A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ: a perspectiva psicanalítica de D. W. Winnicott

Mestrado em Psicologia Clínica

PUC-SP

São Paulo - 2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

John Londerry Batista

A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ: a perspectiva psicanalítica de D. W. Winnicott

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da Prof.ª Dra. Edna Maria Severino Peters Kahhale.

São Paulo
2017

AUTORIZO A DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

BATISTA, John Londerry
A capacidade de estar só: a perspectiva psicanalítica de D. W. Winnicott; orientadora:
Edna Maria Severino Peters Kahhale, São Paulo – 2017.
170 p.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica. Área de Concentração: Psicanálise) – Psicologia Clínica Pontifícia Universidade

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Dedico este trabalho a todos aqueles(as) que encontrei e encontrarei no meu caminho que necessitam e necessitarão de meus CUIDADOS, consciente de que, como explícita Leonardo Boff, o cuidado é o fundamento sem o qual não existiria o ser humano.

“Na solidão, permanecemos diante da realidade crua das coisas. E, no entanto, descobrimos que a crueza da realidade que nos inspirou temor não é causa nem de temor, nem de vergonha. Está revestida da amável comunhão do silêncio, e esse silêncio está relacionado com o amor.”
Thomas Merton

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amigo de todas as horas, a quem sinto muito perto de mim e que me possibilita a experiência de estar só, da comunicação silenciosa.

A Nossa Senhora, invocada por mim, como Mãe das Mercês, que não me deixa esquecer daqueles(as) que sofrem por ter sua liberdade e dignidade desrespeitadas.

À Profa. Dra. Edna Maria Severino Peters Kahhale, pelo incondicional apoio e por acreditar no meu potencial de pesquisador, mesmo nos momentos mais difíceis. A minha profunda gratidão e respeito a essa grande pesquisadora tão generosa no compartilhar seus conhecimentos, que sempre se coloca diante de nós como uma companheira de caminhada.

À Profa. Dra. Rosa Maria Tosta, por suas valiosas e generosas contribuições na banca de qualificação e por ter aceitado participar da banca de defesa final deste trabalho.

Aos meus pais, Cicero Londerry e Maria Brasilina Ribeiro, que me acolheram nesta existência e me capacitaram na arte de amar, apresentando-me, em pequenas doses, esta vida como valorosa, digna de ser vivida.

A minha imensa gratidão à Ordem Mercedária - Província Mercedária do Brasil, da qual faço parte, na pessoa dos Superiores Provinciais, Pe. fr. Lisaneos Prates (2014), o qual aprovou este projeto de estudo, e Pe. fr. Rogério Soares (2015), que proveu as condições necessárias a fim de que pudesse realizar tal estudo.

Aos amigos psicanalistas, Prof. Dr. Manuel Maria Rodriguez Losada e Prof. Ms. Joana Barros, que me acompanharam ao longo desta pesquisa, sobretudo nos momentos mais difíceis, revelando-se realmente amigos. A minha gratidão pelo apoio, incentivo, carinho e todas contribuições feitas diretamente à pesquisa.

Ao Prof. Rodolfo Fenille Ferraz, psicanalista, por sua generosa ajuda, na leitura do material, nas valiosas correções e discussões. A minha gratidão a Deus por ter conhecido essa pessoa tão generosa e humana. Agradeço-lhe a amizade com que sempre me recebe.

Ao amigo e irmão Pe. fr. Elias Ortiz Fernandez, O. de M., a minha imensa gratidão. É engrandecedor para mim conviver com essa pessoa tão generosa, capaz de alegrar-se com as realizações dos outros e ser apoio nos dias difíceis.

Ao irmão e amigo Pe. fr. Santiago Rodriguez Garcia-Navas, O. de M., que muitas vezes se colocou disponível, assumindo os meus trabalhos, a fim de que tivesse tempo para poder elaborar o material da pesquisa, a minha gratidão.

À ir. Maria do Carmo S. Fernandes de Jesus, FNSV, minha amiga de muito tempo, considero-a minha irmã, pela tradução do resumo deste trabalho na língua inglesa.

À prof. Elza Atala, por sua incansável generosidade na revisão gramatical e ortográfica dos meus trabalhos.

A Eleonora Smits, pela revisão ortográfica e gramatical deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, por sua seriedade e consistentes reflexões no campo da pesquisa em Psicologia.

Aos amigos que conheci no Programa: Claudia Brito, Regina Cocco, Irene Neta, Lesle Marciel, Alessandro Camargo, Ir. Maria Manuela, DSCS. Agradeço-lhes a possibilidade de compartilhar comigo conhecimento e amizade.

Aos jovens formandos da Província Mercedária do Brasil que estão sob meus cuidados, agradeço-lhes a compreensão, sobretudo, das minhas ausências, a fim de que pudesse elaborar este estudo.

Aos meus pacientes, que me ensinam muito sobre a vida.

À Dra. Maria de Fátima Dias, psicanalista, por acolher-me e possibilitar-me continuar o meu crescimento pessoal.

A uma família muito especial para mim, Artulino Gonçalves Ramos e Maria do Amparo Travassos Ramos, e suas filhas Patrícia Ramos e Maria Paula Ramos. Conviver com esta família é ter a certeza de que quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro. Não posso deixar de lembrar da disponibilidade de Patrícia Ramos nas fotocopias do material utilizado nesta pesquisa.

A alguns amigos e irmãos da Ordem das Mercês, Pe. fr. Edalan Guedes de Andrade, Pe. fr. Jociel Batista e Pe. fr. José Carlos de Souza e Pe. fr. Layon Rogers Viana Rosário, pelo apoio de sempre e constante oração.

Ao CNPQ e Capes, pelo apoio financeiro deste estudo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a capacidade de estar só desde a perspectiva psicanalítica de D. W. Winnicott, buscando, assim, a importância dessa formulação teórica para o amadurecimento humano e, consequentemente, mostrando a sua relevância para a clínica. Em nossa experiência clínica, encontramos muitas pessoas que temem estar sós e sempre estão em busca de alguém ou de algo para fazer. E, com muita frequência, escutamos desses indivíduos que, quando estão sós, não sabem o que fazer, sentem-se perdidos, desamparados, por isso, preferem trabalhar sem descanso para se sentirem vivos. Isso nos levou a nos interessar pelo estudo da capacidade de estar só à luz do pensamento psicanalítico winnicottiano. Para tanto, tendo em vista o princípio clássico da hermenêutica, no qual cada conceito de um autor deve ser elucidado na totalidade de sua obra, buscamos a compreensão da capacidade de estar só no conjunto do pensamento psicanalítico de D. W . Winnicott. Desse modo, procuramos contextualizar o ponto de partida da visão psicanalítica winnicottiana e compreensão global de sua perspectiva psicanalítica, enfatizando alguns conceitos, tais como: o de animal humano, o de experiência, o de ego e de id, a sua noção de instinto e de pulsão, o de falso e verdadeiro si-mesmo, o de relação de ego (*egorelatedness*), o paradoxo, o de ambiente favorável, e, especialmente, a sua fundamental teoria do amadurecimento emocional humano. Destacamos tais conceitos, pois, eles sustentam o entendimento do tema do estudo. A partir disso, procuramos refletir sobre a capacidade de estar só e, para explicitar a compreensão desta original formulação winnicottiana, servimos de um caso clínico atendido e descrito pelo próprio Winnicott, o denominado caso B. A partir da teoria do amadurecimento emocional de D. W. Winnicott, a capacidade de estar só se associa a um importante momento inicial do desenvolvimento humano: a solidão essencial. Com evoluir do processo integrativo do indivíduo, cinco temas fundamentais necessitam ser estabelecidos para que ele experimente o estar só como capacidade: primeiro, o estatuto de um identidade unitária, segundo, a aquisição de uma personalidade e uma identidade pessoal (si-mesmo verdadeiro), terceiro, a organização do núcleo egoico, que possibilita experimentar um ambiente pessoal, quarto, o desenvolvimento pessoal facilitado pelo ambiente materno e, por último, o reconhecimento e a incorporação dos cuidados maternos (mãe-ambiente) como um objeto bom. Assim, na perspectiva winnicottiana, o estar só, como capacidade, constitui um fenômeno altamente sofisticado, em que o indivíduo, gozando de saúde emocional, pode experimentar, com toda confiança em si e no ambiente em que está inserido, o estar consigo mesmo, tranquilamente, sendo capaz de descansar, relaxar sem perder o contato com a realidade compartilhada e, além disso, viver as suas relações interpessoais, seja de amizade ou amorosas, com sentido pessoal, experimentando-as como real e valorosas.

Palavras Chaves: A capacidade de estar só. Solidão. Winnicott, Teoria do Amadurecimento Emocional. Caso B. Integração do si-mesmo.

ABSTRACT

This work aims to understand the capacity to be alone from the psychoanalytic perspective of D. Winnicott, thus seeking the importance of this theoretical formulation for human maturation and, consequently, showing its relevance to the clinic. In our clinical experience, we find many people who fear being alone and are always in search of someone or something to do. And very often we listen to these individuals who, when alone, do not know what to do, feel lost, helpless, so they prefer to work without rest to feel alive. This led us to interest in the study of the capacity to be alone in the light of Winnicottian psychoanalytic thinking. For this, in view of the classical principle of hermeneutics, in which each concept of an author must be elucidated in the totality of his work, one sought the comprehension of the capacity to be alone in the whole psychoanalytic thought of D. W. Winnicott. In this way, we tried to contextualize the starting point of the Winnicottian psychoanalytic vision and global comprehension of its psychoanalytic perspective, emphasizing some concepts, such as: the human animal, the experience animal, the ego and id, his notion of Instinct and drive, that of false and true self, that of ego (egorelatedness), the paradox, that of favorable environment, and especially its fundamental theory of human emotional maturation. We emphasize these concepts, therefore, as they support the understanding of the study theme. From this, we sought to reflect on the ability to be alone and to explain the understanding of this original Winnicottian formulation, served as a clinical case attended and described by Winnicott himself, the so-called case B. From the theory of emotional maturity of DW Winnicott, the ability to be alone is associated with an important initial moment of human development: the essential solitude. With evolving from the integrative process of the individual, five fundamental themes need to be established for him to experience being alone, as ability: first, the status of a unitary identity; Acquisition of a personality and a personal identity (true self); Third, the organization of the egoic nucleus that makes possible to experience a personal environment; Fourth, personal development facilitated by the maternal environment and, finally, the recognition and incorporation of maternal (mother-environment) care as a good object. Thus, in Winnicott's perspective, being alone as a capacity is a highly sophisticated phenomenon, in which the individual enjoying emotional health can experience, with all confidence in himself and in the environment in which he is inserted, being with himself, calmly, Being able to rest, relax without losing contact with shared reality and, moreover, live their interpersonal relationships, be it friendship or loving, with personal sense, experiencing them as real and valiant.

Keywords: The capacity to be alone. Solitude. Winnicott. Theory of Emotional Maturity. Case B. Integration of the self.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

1.1 Revisão da Literatura 16
1.2 Método 22

2 WINNICOTT: NOVO QUADRO TEÓRICO PARA PENSAR OS FENÔMENOS PSÍQUICOS NO CAMPO DA PSICANÁLISE 27

2.1 Elementos Biográficos e Gênese da Nova Perspectiva Psicanalítica Winnicottiana 30
2.2 O Animal Humano e o Viver Criativo 37
2.3 A Psique-Soma: a Existência do Animal Humano 43
2.4 Os Conceitos de Verdadeiro e Falso Si-mesmo 49
2.5 Ego e Id 55
2.6 As Formulações Psicanalíticas Winnicottinas e o Estar Só como Conquista 63

3 TEORIA DO AMADURECIMENTO EMOCIONAL EM D. W. WINNICOTT 65

3.1 Aspectos Gerais da Teoria do Amadurecimento Emocional 65
3.2 Solidão Essencial 69
3.3 Dependência Absoluta 72
3.4 Dependência Relativa 88
3.4.1 Os fenômenos transicionais e o espaço potencial: a capacidade de simbolizar e brincar 90
3.4.2 O estágio do uso do objeto 96
3.4.3 O estágio do EU SOU 98
3.4.4 O estágio do concernimento (*concern*) 101
3.5 Independência Relativa 107

4 A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ 117

4.1 A Intenção do Artigo: *A Capacidade de Estar Só* (1958) 117
4.2 Winnicott: o Estar Só e a Literatura Psicanalítica 118
4.3 O Estar Só: a sua Relevância para Saúde Emocional 121
4.4 A Teoria do Amadurecimento Emocional e a Capacidade de Estar Só 123
4.5 A Relação de Ego (*Ego Relatedness*) 125
4.6 O Fundamento da Capacidade de Estar Só: o Paradoxo 134
4.7 A Cena Primária: Consolidação da Capacidade de Estar Só 138
4.8 A Intimidade: Condição *sine qua non* para Compartilhar o Estar Só 140
4.9 O Caso B 142

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 155

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 162

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, investigaremos o estar só como capacidade temática abordada na psicanálise por D. W Winnicott. Por que elegemos tal aspecto do pensamento winnicottiano como tema de estudo?

O estar só como capacidade, na perspectiva winnicottiana, constitui um fenômeno altamente sofisticado, em que o indivíduo pode experimentar, com toda confiança em si e no ambiente em que está inserido, o estar consigo mesmo, tranquilamente, sendo capaz de descansar e relaxar. Tal fenômeno será considerado pelo psicanalista inglês como uma conquista no desenvolvimento emocional do indivíduo, a partir de uma sequência de tarefas realizadas por ele, nos distintos estágios do amadurecimento, possibilitada por um ambiente que facilite tal realização. Vale a pena recordar que a conquista do estar só tem as suas bases na relação inicial mãe-bebê e constituir-se-á completamente nas relações triangulares. A capacidade de estar só não é um estágio do desenvolvimento maturacional, mas "[...] um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional" (WINNICOTT, 1958/1983, p. 31).

Do ponto de vista clínico, o autor o considera como um importante fenômeno clínico, pois se faz presente em quase todos os tratamentos psicanalíticos, observado clinicamente por meio do silêncio do paciente.

> Em quase todos os nossos tratamentos psicanalíticos há ocasiões em que a capacidade de ficar só é importante para o paciente. Clinicamente isto se pode representar por uma fase de silêncio, ou sessão silenciosa, e esse silêncio, longe de ser evidência de resistência, representa uma conquista por parte do paciente. Talvez tenha sido esta a primeira vez que o paciente tenha tido a capacidade realmente de ficar só (Winnicott, 1958/1983, p. 31).

Assim, além das questões do desenvolvimento emocional que podemos compreender com o referido conceito, parece-nos que Winnicott, por meio dele, abre-nos uma nova perspectiva no que tange ao silêncio na relação analítica, interpretado muitas das vezes como resistência. Seria o silêncio só resistência? Apoiados em Winnicott, afirmamos que não. Todavia, como diferenciar os vários silêncios na clínica psicanalítica?

Cabe também fazer uma distinção entre a capacidade de estar só e o conceito de solidão essencial, ainda que os dois conceitos estejam associados, a partir da teoria do amadurecimento pessoal, como veremos no decorrer da pesquisa.

Para considerar a questão da solidão essencial, é importante recordar a formulação winnicottiana de que *o ser emerge do interior do não-ser*[1]. Essa afirmação pode ser esclarecida ao ter presente a ideia de Winnicott da não integração[2] nos períodos iniciais do desenvolvimento emocional do bebê e a tendência inata no ser humano à integração numa identidade unitária.

> No início, há não-integração, não há vínculo algum entre corpo e psique, e não há lugar para uma realidade não-Eu. Teoricamente, este é o estado original, não padronizado e não planificado [...] Ao examinarmos as raízes mais precoces do desenvolvimento emocional, encontramos uma dependência cada vez maior. Nos estágios iniciais a dependência do ambiente é tão absoluta que não há utilidade alguma pensarmos no novo indivíduo humano como sendo ele a unidade. Nesse estágio, a unidade é o conjunto ambiente-indivíduo (ou um nome mais adequado que se lhe possa dar), unidade da qual o novo indivíduo é parte. [...] A semente de todo o desenvolvimento futuro está aí (estados pré-primitivos), e a continuidade da experiência de ser é essencial para a saúde futura do bebê que virá a ser um indivíduo (Winnicott, 1988/1990, p 153).

A partir dessa compreensão, Winnicott se perguntará sobre esse estado inicial e original do bebê: "Qual é o estado do indivíduo humano, quando o ser emerge do interior do não-ser?*"* (WINNICOTT, 1988/1990, p. 153). O psicanalista inglês chegará a uma proposição paradoxal, a de solidão essencial. Paradoxal, pois ao mesmo tempo que o indivíduo encontra-se só, necessária e absolutamente, depende de alguém para se manter nessa solidão e continuar a ser.

Essa solidão só existe em condições de dependência máxima. Nesse estado, o bebê desconhece a existência de um ambiente externo, mas depende dele para experimentar o estado de solidão essencial. Este estado é fundamental e

---

[1] Esse será um dos aspectos que conduzirá Winnicott a não considerar a noção freudiana de pulsão de morte. Na compreensão do psicanalista inglês, o bebê não provém de um estado inorgânico, mas de componentes orgânicos (espermatozoide e um óvulo) e a sua experiência mais primitiva é a de emergir do estado do não ser para ser e continuar sendo. A experiência infantil é alheia a qualquer impulso que tenha como meta um estado inorgânico. Neste sentido, Winnicott acredita que o desejo

[2] No pensamento winnicottiano, o estado de não integração não significa desintegração. O estado de não integração faz referência aos estados em que o bebê, sem a presença de nenhuma emergência instintual como, por exemplo, a fome, descansa no colo da mãe sem nenhuma orientação de espaço e tempo. Este estado nos indivíduos com saúde emocional será o estado de relaxamento, configurando a capacidade de o indivíduo descansar.

inerente ao ser humano e jamais o reproduziremos ao longo da vida. Contudo, ele perpassa a vida afora do indivíduo.

Nos primórdios da vida humana há a solidão essencial; é o estado posterior ao não ser, ao não-estar-vivo. “No amadurecimento do lactente, viver se origina e se estabelece a partir do não-viver, e existir se torna um acontecimento que substitui o não-viver, assim como a comunicação se origina do silêncio” (WINNICOTT, 1963a/1983, p. 173). A base da natureza humana é a solidão essencial.

Decorrente dessa concepção winnicottiana da origem do ser humano, podemos afirmar que o “[...] ser humano não é deduzível dos genes, nem fruto de uma constituição dada, tampouco deriva do desejo consciente da mãe[3] (DIAS, 2012, p. 146). O ser do bebê, emergindo do interior do não ser, é lançado na vida sem nenhum fundamento determinado para o seu existir. A única determinação é o estar vivo e a tendência à integração numa unidade, única estrutura do existir humano, mas vazia de conteúdo[4].

Assim sendo, a solidão essencial, no pensamento do autor, constitui um estágio primitivo e o estar só como capacidade conquistada será um indicativo de que o processo maturacional seguiu o seu curso normal, sem interrupções e bloqueios, de tal modo que, nos momentos em que o indivíduo é capaz de experimentar o fenômeno do estar só, estará escorado em seu estado primitivo inicial, a solidão essencial, embora não possa reproduzi-lo ou acessá-lo tal qual no início. “O desejo de alcançar esse estar sozinho é bloqueado por diversas ansiedades, e por fim ele se oculta no interior da capacidade da pessoa saudável de estar a sós e se fazer cuidar por uma parte do self especialmente destacada para tomar conta do todo” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 154).

A partir dessa compreensão, a incapacidade de estar só constituirá um sinal de patologia, indicando que o indivíduo interrompeu seu processo maturacional. Na visão winnicottiana, esse sinal patológico só poderá ser compreendido, tendo

---

[3] Dias (2012), em seu livro a *Teoria do amadurecimento humano de D. W. Winnicott*, em uma nota de rodapé, ao falar do tema da solidão essencial, chama à atenção que é muito frequente e pode ser considerado normal, como afirma Winnicott, que o filho seja resultado de um pequeno acidente e “[...] é uma atitude sentimental dar muita importância ao fato de que a criança seja concebida a partir de um desejo consciente” (WINNICOTT, 1966a/ 2013, p. 44).

[4] De acordo com Winnicott (1984a/2011, p. 47), “[...] o estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano” e a conquista desse estado é regida por “[...] algo universal no desenvolvimento do indivíduo, qual seja, **a tendência inata integradora que pode conduzi-lo a um status de unidade**” (WINNICOTT, 1969a/1994, p. 189. Grifo nosso).

presente a teoria do amadurecimento pessoal, sendo assim possível individuar o tipo de patologia.

"A pessoa que não conquistou essa capacidade, porque não experimentou a solidão acompanhada [a dependência absoluta], a 'solidão com', vive o estar só como 'solidão sem', caindo no vazio afetivo ou procurando uma interação permanente com outros" (LEJARRAGA, 2012, p. 122).

Uma vez esclarecido o conceito do estar só, à luz do pensamento winnicotianno, passemos a considerar a razão que motivou o nosso estudo teórico de tal conceito. No contexto atual, é muito comum encontrarmos em jornais, em revistas e em programas de televisão a temática da solidão como incapacidade de estar só. Por meio desses meios de comunicação social, que veiculam pesquisas sobre a temática, a incapacidade de estar só é apresentada como a mais nova e grave epidemia dos tempos hodiernos. As pessoas revelam em tais publicações o seu tédio e o seu medo de estarem sós, podendo ser o consumismo e o excessivo uso dos dispositivos de comunicação uma maneira de ludibriar tais sentimentos. Essas reportagens se fundamentam na constatação de um mundo ocidental mergulhado no individualismo e num encapsulamento. Com todo desenvolvimento tecnológico de comunicação na cultura hodierna, o indivíduo se sente abandonado, desamparado, sem dispor de relacionamentos interpessoais significativos[5].

Em nossa experiência clínica, esta realidade também se faz presente. Encontramos muitas pessoas que temem estar sós e sempre estão em busca de alguém ou de algo para fazer. E, com muita frequência, escutamos desses indivíduos que, quando estão sós, não sabem o que fazer, sentem-se perdidos, desamparados, por isso, preferem trabalhar para se sentirem vivos. Até justificam isso com uma frase muito popular: o trabalho dignifica o homem. Eles precisam estar sempre em atividade: parar, descansar, desfrutar de momentos de lazer e de silêncio, tudo isso é um tédio, é angustiante. Isso nos levou ao interesse pelo estudo

---

[5] Indicamos aqui as análises do contexto social de Zygmunt Bauman (2004) em seu livro *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* para o aprofundamento da temática desde a perspectiva social e cultural. Sem dúvida, é relevante essa problemática social contemporânea, isto é, os vínculos afetivos que, por seguirem os padrões da cultura do descartável, tornam-se frágeis e insólitos. Como não é o foco do nosso estudo mostrar tais incidências no processo de subjetivação dos indivíduos, apenas as apontamos aqui, considerando em nosso horizonte de interpretação a importância do meio social na constituição do psiquismo. De fato, a relação mãe-bebê como o fundamento do psiquismo saudável trazido à luz por Winnicott está inserida em um contexto social e este contexto a influencia.

dessa problemática à luz da psicanálise winnicottiana. Diante da incapacidade de estar só de alguns de nossos pacientes, perguntávamos: o que leva um indivíduo a não conseguir estar só? Por que experimentam o estar só como tédio ou como medo do abandono? Por que alguns indivíduos numa sessão de psicoterapia falam compulsivamente, tornando a sessão barulhenta a tal ponto de não escutar o terapeuta e nem a si mesmo?

O estar só não é um tema novo no campo do conhecimento. Normalmente, utiliza-se a terminologia solidão para tratar do fenômeno; no entanto, a palavra é tomada em diferentes acepções no desenrolar da reflexão e é passível que isso ocorra dada a polissemia da palavra reconhecida por Tanis (2004)[6] no campo psicanalítico, mas também evidenciada em outras áreas do conhecimento. Assim, podemos encontrar o estar só abordado pela literatura, pela filosofia, pela teologia mística e pela psicanálise em distintos vieses. Encontraremos, por exemplo, uma reflexão sobre a temática nos seguintes autores: Clarice Lispector[7], Jean-Jacques Rousseau, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Thomas Merton, Melaine Klein. Citamos aqui alguns autores que tematizaram a solidão, a fim de mostrar a importância do tema na produção do conhecimento, mas não pretendemos desenvolver as suas reflexões aqui, tampouco compará-las com a perspectiva teórica que adotamos neste estudo.

Masud Khan (1978/2000), na introdução do livro de Winnicott *Da pediatria à Psicanálise*, comenta a reflexão winnicottiana sobre a capacidade de estar só e, no mesmo item, sobre *o concern*. Nesse comentário, Khan refere-se à capacidade de estar só com a terminologia solidão. O autor situa a reflexão winnicottiana sobre a 'solidão' diante da produção do conhecimento geral e destaca a sua originalidade. Para ele, Winnicott, diante da tradição, isto é, dos filósofos, dos místicos e dos poetas que idealizaram o estado isolado e solitário do ser humano nobre e

---

[6] Tanis (2004) nos mostra a polissemia da terminologia solidão no campo psicanalítico, uma vez que ela assume multiplicidade de formas, de significados e de estados afetivos. Assim, a solidão pode ser uma experiência frutuosa ou realmente uma experiência de abandono, de desamparo e de angústia. Isso nos abre a perspectiva de que estar só não está vinculado diretamente à experiência de desamparo. Vincular a experiência da solidão ao desamparo seria empobrecer a reflexão sobre a temática, enriquecida em vários campos do conhecimento que consideram as múltiplas facetas dessa experiência. Isso não excluí a relevância de pensar em uma possível psicopatologia da solidão na qual o tema do desamparo pode ser contemplado.

[7] Para aprofundar a temática em Clarice Lispector, sugerimos a tese de doutoramento de Maria de Fátima Batista Costa, defendida em 2007 na Universidade Federal de Pernambuco, com o título: ...**da Solidão e da Condição...** por uma antropologia da solidão: uma abordagem a partir de Clarice Lispector e Martin Heidegger.

glorificavam o sofrimento implícito em tal condição, pensa uma terceira via em seu artigo *Capacidade de estar de só* (1958) para considerar a temática: como resultado positivo do processo do amadurecimento decorrente da relação mãe-bebê. Khan cita um trecho do artigo referido que reportamos aqui:

> Embora muitos tipos de experiência levem à formulação da capacidade de estar só, há um que é básico, e sem o qual a capacidade de estar só não surge; essa experiência é de estar só, como lactante ou criança pequena, na presença da mãe. Assim, a base da capacidade de estar só é um paradoxo; é a capacidade de estar só quando mais alguém está presente (WINNICOTT, 1958/1983, p. 32).

Além de situar a reflexão winnicottiana sobre a 'solidão' na produção do conhecimento, Masud Kahn também a contextualiza no campo psicanalítico. Em breves palavras, o autor alude às diferenças teóricas de Freud e de Winnicott para pensar o ser humano e a cultura. "Freud olhou para o coração do homem e ali viu uma pobre criatura existindo periclitantemente ao longo do tempo. Ele examinou a única criação do homem, a cultura, e encontrou "mal-estar" e subterfúgios em toda parte" (KHAN, 1978/2000, p. 46). Prossegue enfatizando a diferença entre os dois autores:

> Winnicott acabou por avaliar de outro modo a situação do indivíduo humano diante da vida. Winnicott divisou precisamente na vulnerabilidade do homem o seu verdadeiro potencial para relacionar-se com o outro a partir da necessidade e do desejo, não meramente visando à gratificação autônoma de impulsos compulsórios do id através da cumplicidade com os demais. **Ele percebeu o mistério e deu-lhe o nome de paradoxo, e tentou defini-lo em vez de resolvê-lo** (Khan,1978/2000, p. 46. Grifo nosso).

Assim, a reflexão de Winnicott sobre a 'solidão' assumirá contornos específicos calcados em todo seu desenvolvimento teórico-clínico.

> No decorrer de sua longa estrada de trabalhos clínicos, Winnicott defrontou-se com um vasto mostruário do desespero e do sofrimento humanos. Ele nunca foi uma opaca máquina de interpretar. Seu trabalho era uma parte integrante da sua experiência pessoal. Apesar de toda a dor e desesperança por ele sentidas e por ele percebidas em outros, viu o destino do indivíduo humano banhado por uma luz jubilosa. Para ele, a pessoa humana em seu ambiente cultural era um ser viável e criativo. Mesmo que em certos aspectos Winnicott fosse um verdadeiro solitário, era um solitário que incluía os outros, na intenção de incrementar a sua experiência de si mesmo, ao mesmo tempo que enriquecia a vida deles através de seu encontro consigo mesmo. Não admira, pois, que durante os últimos anos de sua vida ele tenha dedicado às duas experiências centrais da vida humana

> – a solidão e o concernimento – sua atenção e seus pensamentos mais profundos (KHAN, 1978/2000, p. 47).

Tendo presente algumas observações clínicas e do contexto atual brevemente descritas acima, temos como escopo nesta pesquisa compreender o conceito winnicottiano, a capacidade de estar só, à luz da teoria do amadurecimento pessoal. Nesse sentido, os comentários de Khan esboçados acima nos fazem entender a necessidade de ter presente o desenvolvimento teórico-clínico de D. W. Winnicott[8], a fim de que se possa colher a riqueza conceitual da capacidade de estar só para o desenvolvimento emocional do indivíduo e, em consequência disso, a sua relevância para o trabalho clínico.

1.1 Revisão da Literatura

Sendo nossa pesquisa de caráter teórico, fizemos, então, uma revisão bibliográfica, detendo-nos em artigos que tratavam de nossa temática. Para tal revisão, utilizamos a revista Natureza Humana, Volume 9, número especial I, publicada em maio de 2007, que elenca uma série de artigos e dissertações publicados no Brasil sobre Winnicott. Além disso, procuramos nas bases de dados da web Scielo, Pubmed, Web of Science e no Google acadêmico. Muito pouco material encontramos sobre o nosso tema de pesquisa.

Os artigos[9] encontrados fazem ou um resumo do texto *A capacidade de estar só* (1958) ou, a partir de um estudo de caso clínico, mencionam o estar só no

---

[8] A partir da leitura de Dias (2012), afirmamos que o desenvolvimento teórico-clínico de Winnicottt culminará na teoria do amadurecimento emocional, central contribuição de Winnicott para a psicanálise, configurando um modo de compreensão dos fenômenos clínicos e realização da clínica psicanalítica. Winnicott (1953a/1997, p. 115) diz que a teoria do amadurecimento "está sempre no back-ground" de seu trabalho clínico.

[9] Cito aqui os artigos a que tive acesso nas publicações brasileiras: BELMONT, Sérgio A. ***Solidão, véspera do encontro.*** In: MELLO Filho, Júlio de e SILVA, A. L. M. L. *Winnicott, 24 anos depois.* Rio de Janeiro: Revinter, 1995. p. 175-184; GOLDENBERG, Ruth. C. **Da solidão ao encontro***.* In: OUTEIRAL, José O. e GRAÑA, Roberto B. (orgs.), *Donald W. Winnicott: estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 112-115; GRAÑA, R. B. **Sobre a capacidade de estar só**. In: OUTEIRAL, José O. e GRAÑA, Roberto B. (coord.). *Donald W. Winnicott: estudos.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 200-205; KALINA, E. **A incapacidade de estar só e o uso abusivo de drogas psicotóxicas.** In: OUTEIRAL, José Ottoni e GRAÑA, Roberto Barberena (coord.). *Donald W. Winnicott: estudos.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 206-209; LEVINZON, G. K. **A capacidade para estar só no processo analítico.** In: CATAFESTA, Ivonise F. da M. (Org.). *A clínica e a pesquisa no final do século: Winncott e a Universidade.* São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 211-216. Quanto a publicações internacionais, busquei na base de dados *Web of Science*, não encontrando nada significativo sobre o referido assunto.

sentido winnicottiano. Contudo, não situam a capacidade de estar só dentro da perspectiva da teoria do amadurecimento pessoal, não deixando clara a gama de conceitos imbricados na formulação winnicottiana do estar só. Tais resumos não permitem que o leitor, pouco conhecedor de Winnicott, entenda a profundidade daquilo que propõe em tal reflexão, assim como a originalidade do autor.

Essa constatação, ao ler esses artigos, reforçou a importância de pensar a capacidade de estar só na teoria do amadurecimento, delineando assim, a partir da teoria, a gama de conceitos que a sustentam.

Neste sentido, Dias (2012) afirma que, embora a teoria do amadurecimento seja a contribuição central de Winnicott à psicanálise, essa teoria não é explorada plenamente, com as consequências teóricas e clínicas que advêm dela. De acordo ainda com Dias (2012), Winnicott, a partir de 1960, assume o horizonte teórico da teoria do amadurecimento como fundamental para a compreensão dos conceitos relativos aos distúrbios psíquicos e para a classificação deles. No entanto,

> [...] esse ponto não tem sido explicitado pelos seus comentadores. O mesmo ocorre com as várias apresentações gerais da obra de Winnicott. Na maior parte destas, encontram-se interpretações cuidadosas e densas de aspectos de sua obra, mas não a **articulação interna de seu pensamento como um todo, de modo a explicitar a chave conceitual que lhe dá unidade e coerência** (DIAS, 2012, p. 22. Grifo nosso).

Portanto, tendo como pressuposto a unidade e coerência do pensamento winnicottiano na teoria do amadurecimento pessoal e a sua total relevância para a compreensão dos fenômenos do desenvolvimento emocional humano, empreenderemos o nosso estudo da capacidade de estar só à luz da teoria[10].

Deparamo-nos, nesta revisão bibliográfica, também com dois artigos que fogem das características dos artigos mencionados acima, uma vez que fazem uma comparação entre Winnicott e Klein no que diz respeito à temática da solidão[11]. Um,

---

[10] A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott não deve ser compreendida como um instrumento de especulação intelectual a ser aplicada em cada caso. “Ao contrário, salientando o modo pelo qual ela participa da prática, Winnicott afirma que [...] ao enfrentar o território desconhecido de um novo caso clínico, é a teoria que leva consigo, e que, de tal modo, foi se tornando parte dele mesmo que ele nem ao menos precisa pensar nela de maneira deliberada. Ele simplesmente vê através dela. Um pouco adiante, no mesmo texto, Winnicott compara-se a um violoncelista que, primeiro, trabalha a técnica e, depois, começa realmente a tocar a música, usando a técnica, certamente” (DIAS, 2012, p. 52).

[11] Embora o artigo esteja intitulado *O tema da solidão: Klein e Winnicott revisitados*, os autores estão tratando da capacidade de estar só em Klein e Winnicott, que terá contornos distintos nos referidos

escrito por Seeward et al. (1995) com o título *O tema da solidão: Klein e Winnicott revisitados,* situa brevemente a capacidade de estar só dentro do pensamento winnicottiano, comparando-o com Melaine Klein e o seu texto de 1963, *Sobre o sentimento de solidão.* E o outro, produzido por Jordão (2007) com o título *Pequeno ensaio metapsicológico sobre a solidão e suas implicações.* Os dois artigos trabalham com a ideia de que o texto de Winnicott e o de Klein sobre a solidão são complementares, ainda que tenham pontos de partida distintos e divergências teóricas significativas. Vejamos o que apontam esses dois artigos.

Seeward et al. (1995) afirmam que tanto Klein como Winnicott tratam do mesmo tema com vértices diferentes: Klein trata o tema a partir das angústias primitivas, já Winnicott aborda a solidão a partir da teoria do desenvolvimento emocional, chegando à noção de solidão como capacidade. De acordo com os autores, o ponto de convergência entre Klein e Winnicott sobre o tema da solidão se dá na capacidade de internalização de um objeto bom.

> Klein diz que "uma internalização bem-sucedida do objeto bom é a raiz de uma identificação com ele, o que fortalece o sentimento de confiança e daquilo que é bom tanto no objeto quanto no self." Uma relação feliz com o primeiro objeto e sua bem-sucedida internalização, então, implica que o amar pode ser dado e recebido. Resultado disso, o bebê pode vivenciar satisfação em resposta à presença e ao afeto da mãe. E mais: 'As lembranças destas vivências felizes são um recurso à disposição da criança pequena quando ela se sente frustrada, porque se ligam à esperança de novos tempos felizes'. Não estará Klein se referindo aqui ao que Winnicott se reporta quando observa ser a confiança do indivíduo quanto ao seu relacionamento com o objeto interno bom o que lhe confere a capacidade de 'estar contente mesmo na ausência do objeto ou estímulos externos? (SEEWALD et al., 1995, p. 31).

Jordão (2007, p. 104) também argumenta que:

> Ao exame comparativo de ambos os textos, uma constatação se impõe: mais ainda que simplesmente complementares, trata-se aqui de duas faces de uma mesma moeda, não sendo excessivo afirmar que as considerações de um carecem – quase demandam – das formulações do outro para ganharem seu pleno sentido e alcance. Pois, se a capacidade de estar só denota saúde e desenvolvimento emocional primitivo adequado (nos termos de Winnicott), ela só é possível se não for assaltada pelo sentimento de solidão, como dele trata M. Klein.

---

autores devido a seus pressupostos teóricos divergentes no que tange à constituição psíquica. Não aprofundaremos essas divergências pois fogem aos nossos objetivos de investigação aqui.

Para fundamentar a sua ideia, Jordão (2007) mostrará que a complementariedade da temática da solidão tratada por Winnicott e por Klein está embasada na dependência da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo. Ideia muito semelhante à de Seeward et al. (1995).

Esta aproximação conceitual teórica em parte não nos parece descabida, se considerarmos que Winnicott também trata da introjeção do objeto bom na realidade psíquica como um aspecto para a conquista do *estar só* ao longo do processo de desenvolvimento emocional. O próprio autor dirá, servindo-se da linguagem de Klein:

> A capacidade de estar só depende da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo. Um seio ou pênis interno bom ou uma relação interna boa estão suficientemente bem estabelecidas e defendidas pelo indivíduo (pelo menos na situação atual) para este se sentir confiante quanto ao presente e ao futuro. [...] Com essa linguagem nos referimos ao estágio do desenvolvimento do indivíduo anterior àquele que é descrito pelo complexo de Édipo (WINNICOTT, 1958/1983, p. 34) .

No entanto, é preciso ter presente que o autor, à luz da teoria do amadurecimento, dará um novo enfoque à temática da introjeção no desenvolvimento emocional saudável, situando-a no momento em que o bebê, na saúde, já se integrou em uma identidade unitária. Por isso, o autor inglês, como transcrito na citação, localizará a aquisição da introjeção e projeção em momento anterior ao estágio do Édipo, ou seja, do desmame ao concernimento: momento na vida do bebê em que já possui um certo grau de integração egoica. Assim, afirma Winnicott (1958/1983, p 34): “[...] um grau considerável de maturidade do ego é presumido. Presume-se a integração do indivíduo em uma unidade, caso contrário não faria sentido se referir ao interior e ao exterior, ou em dar um significado especial à fantasia interior”.

Por conseguinte, na visão winnicottiana, o bebê, antes da possibilidade de introjeção de um objeto bom em sua realidade psíquica, necessitará de constituir a sua interioridade – constituir-se psiquicamente-, em outras palavras, estruturar-se numa unidade identitária, existindo assim um dentro e um fora, um mundo interior e exterior, sendo possível a introjeção objetal em seu interior que servirá para enriquecer a si mesmo por meio da fantasia. A esse processo no início da vida do bebê, Winnicott chamará de incorporação e não introjeção, marcando uma diferença entre os dois conceitos, sendo que a incorporação está ligada à constituição

estrutural da identidade unitária do sujeito e o outro, ao enriquecimento do psiquismo uma vez constituído.

Dias (2011, p. 174) assevera que o conceito de incorporação não fora tão explicitado pelo autor. No entanto, a estudiosa da obra de Winnicott afirma que esse conceito é onipresente na obra do psicanalista inglês uma vez que mostra num nível molecular a forma como o indivíduo saudável assimila os sentimentos e funções do soma vivo no início da vida - por meio da elaboração imaginativa das partes -, tornando-o com o desenvolvimento do si-mesmo mais autônomo e capaz de cuidar de si mesmo, assim como o ambiente, entendido como ego auxiliar cuida do lactente no início da vida.

Não é possível deixar de acenar aqui as distintas concepções de bebê pensadas por Klein e Winnicott, uma vez que elas incidem sobre a compreensão do estar só e, em consequência, na discriminação entre incorporação e introjeção proposta por Winnicott.

Logo no início da vida, o bebê kleiniano é afligido pelo conflito entre a pulsão de vida e de morte. Para lidar com o conflito pulsional, o recém-nascido deve-se servir do mecanismo mental de introjeção e de projeção, de tal modo que o bebê deverá introjetar um objeto totalmente bom a fim de aplacar a desagregadora pulsão de morte que é projetada no objeto externo. E é ancorada nesse pensamento que Klein tratará do tema da solidão como um sentimento de desamparo.

O estar só como uma aquisição saudável não pode ser pensado na lógica conceitual kleiniana. Derivado da sua concepção de psiquismo, o sentimento de solidão na ótica kleiniana provém das angústias persecutórias que afligem o bebê nas primeiras horas de sua vida devido ao conflito pulsional inato ao bebê. Isso quer dizer que o bebê já tem discriminado o mundo interior e exterior, cenário do conflito pulsional, projetando a agressividade identificada como pulsão de morte e introjetando objetos bons que farão com que o indivíduo suporte o sentimento de solidão. Na visão kleiniana, a solidão como desamparo é uma condição constitucional do ser humano, sendo possível aplacá-la pela introjeção de objetos bons.

Dias (2011, p. 180) aponta que o entendimento kleiniana das relações iniciais com os objetos externos faz com que a psicanalista austríaca postule a ideia de que a introjeção e a projeção estejam presentes no início da vida infantil. As

relações iniciais com objetos externos constituem um dos principais pontos de divergência entre Winnicott e Melaine Klein.

Winnicott compreenderá o bebê a partir da tendência inata à integração na unidade, deixando de lado o conflito pulsional, e por isso, pensando a solidão como conquista adquirida, sinal importante de saúde psíquica. O que é constitucional no ser humano? A tendência à integração numa unidade, dirá o autor inglês, dando significado ao termo incorporação: no período da dependência absoluta o bebê se apropria de si por meio da incorporação dos cuidados maternos suficientemente bons, formando a sua personalidade e o sentimento de si-mesmo. E esses cuidados maternos globais constituirão a base estrutural do estar só como capacidade, como veremos mais adiante.

A partir daquilo que foi dito acima, nota-se que as concepções kleiniana e winicottiana sobre a constituição do psiquismo possuem divergências essenciais que incidem na maneira de pensar o estar só. Os termos incorporação e introjeção evidenciam isso. O presente estudo explicitará que a capacidade de estar só pode ser entendida, apenas, tendo presente a originalidade do pensamento de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional humano. A compreensão de Winnicott sobre psique, soma e mente, ao longo do estudo pode também elucidar melhor a originalidade do autor inglês no campo da psicanálise.

Neste sentido, tendo presente a originalidade do pensamento de Winnicott sobre a constituição psíquica e a visão do autor em relação aos conceitos de incorporação e introjeção, pensamos que a ideia de complementariedade entre o pensamento kleiniano e winnicottiano não tem muito sentido no que tange ao tema da solidão, como aventam os autores Seeward et al. (1995) e Jordão (2007). A capacidade de estar só em Winnicott não remete a um modo de mitigar os sentimentos de solidão próprios da precariedade do bebê e do conflito pulsional.

Quando essa capacidade, na visão winnicottiana, não é conquistada no estágio inicial, observar-se-á mais do que sentimento de abandono e desamparo, fruto de um conflito pulsional não resolvido, mas um não alojamento da psique no corpo, um não contato com a realidade compartilhada, um isolamento, um medo do colapso, entre outras características próprias dos estados psicóticos, dos esquizoides e das personalidades limítrofes.

Devemos aqui também fazer referência à dissertação de mestrado defendida na Puc-SP em 2010 por Karin Sapocsnik Szapiro com o título *A capacidade de ficar*

só como uma conquista: uma abordagem Winnicottiana. Essa dissertação se propôs estudar o conceito winnicottiano enfocando, como se dá tal conquista ao longo do amadurecimento emocional, à luz de D. W. Winnicott e os pressupostos necessários à conquista da capacidade de estar só. O referido estudo não aprofunda de forma suficiente os pressupostos teóricos implicados na formulação winnicottiana, focando mais a relação terapêutica e alguns exemplos clínicos.

O estar só como capacidade integradora só pode ser teorizado por Winnicott, a partir de algumas inovações originais, tais como a existência psicossomática, a elaboração imaginativa das funções corpóreas, a noção de verdadeiro e falso si-mesmo e a teoria do amadurecimento pessoal.

Assim a pesquisa objetiva aprofundar a compreensão dos fundamentos da capacidade de estar só na perspectiva winnicottiana, destacando esse conceito clínico como sinal de maturidade e promotor de saúde emocional no indivíduo e, a partir desta compreensão, ajudar aqueles que não são capazes de estarem sós.

1.2 Método

A pesquisa constitui um estudo teórico sobre um aspecto do pensamento winnicottiano que não poderemos entender sem levar em consideração a teoria do amadurecimento emocional primitivo de D. W. Winnicott.

Apesar de nossa investigação teórica focar um conceito específico de um autor da psicanálise, não envolvendo o método psicanalítico, configura-se como uma pesquisa no campo da psicanálise. Nesta perspectiva, Naffah Neto argumenta a plausibilidade desses tipos de pesquisas para o desenvolvimento da área.

> [...] há, ainda, **um terceiro tipo de pesquisa que envolve a psicanálise**, mas que não utiliza a pesquisa-escuta psicanalítica – no seu sentido mais amplo – como ferramenta de trabalho. Trata-se de pesquisa em: filosofia (epistemologia) ou história da psicanálise, bem como pesquisas que relacionam a psicanálise a processos sociais e/ou culturais, geralmente **levadas a cabo por filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos ou psicólogos (não necessariamente, psicanalistas). São, na verdade, pesquisas fundamentais – que investigam os fundamentos** – ou pesquisas interdisciplinares, bastante importantes, na medida em que podem questionar, colocar em xeque e rever os próprios alicerces sobre os quais a psicanálise se assenta, ou as formações sociais/culturais com as quais se articula. Isso, entretanto, não as torna pesquisas-psicanalíticas, stricto sensu, já que não trabalham numa relação interna com a clínica, esta dimensão inalienável da pesquisa em psicanálise (NAFFAH NETO**,** 2006, p. 282. Grifo nosso).

Para tanto, adotaremos como método de leitura o princípio clássico da hermenêutica, em que cada frase (conceito) de uma obra deve ser compreendida dentro do todo da obra e a obra deve ser iluminada em sua totalidade por cada frase que lhe pertence[12], elucidado por Gadamer (2015). Assim, leremos as afirmações em relação ao nosso tema tendo presente a totalidade de sua obra, reconhecendo a teoria do amadurecimento emocional como o fator que dá unidade à obra e ao pensamento de D. W. Winnicott.

Antes de tudo, é preciso dizer que a produção literária de Winnicott não tem uma linearidade, não sendo uma obra preparada pelo autor com a finalidade de apresentar o seu pensamento. O que temos é um conjunto de artigos provenientes de suas conferências ministradas a profissionais médicos, a psicanalistas, a sacerdotes e a outros profissionais da área de humanas, em que expõe a sua reflexão sobre sua clínica. A sua única obra literária mais estruturada em forma de livro é o *Natureza Humana* (1988)[13]. Mesmo este livro foi preparado para a sua experiência de docente, como expõe Clare Winnicott no prefácio da obra. Neste sentido, a produção literária de Winnicott, a modo de comparação, não carrega consigo semelhanças com a obra freudiana, em que podemos identificar a evolução do pensamento freudiano ao longo do tempo. Isso não significa dizer que, ao longo dos escritos winnicottiano, não se possa reconhecer a evolução do seu pensamento teórico-clínico.

Apesar dessa dificuldade dos escritos winnicottianos, Dias (2012) nos oferece uma compreensão útil sobre a evolução do seu pensamento, importante para nos situar na leitura do autor inglês.

> De um modo geral, e deixando de lado os textos da década de 1930, em que ele escreve como pediatra, pode-se distinguir três fases na sua obra: a

---

[12]A nossa leitura utilizará o método hermenêutico clássico, introduzido por Schleiermacher na sua leitura das Sagradas Escrituras e reafirmado por Dilthey para o estudo das ciências humanas em geral. Em Heidegger, na primeira fase de sua obra, e em Gadamer, sobretudo, em todas as questões relativas ao método, a hermenêutica é apresentada como um procedimento descritivo por excelência (Dias, 2012).

[13] O livro *Natureza Humana* foi preparado em dois momentos, uma primeira versão finalizada em agosto de1954 e a versão final por volta de 1967 e será publicado após a morte do autor. De acordo com Clare Winnicott, ao prefaciar a obra, o escopo original do material era oferecer anotações aos estudantes que não conseguiam tomá-las durante a aula e disponibilizá-las para todos os pesquisadores da natureza humana. Clare Winnicott, no mesmo prefácio, diz que a razão desse livro se deve ao fato de Winnicott em 1936 ter iniciado a sua docência, lecionando sobre o crescimento e desenvolvimento humano para professores de primeiro grau e, em 1954, quando fez a primeira edição do material, estava lecionando num curso para assistentes sociais.

> que vai de 1940 até a publicação, 1951, do artigo seminal sobre os objetos transicionais; a fase da década de 1950, em que a decisão de desenvolver sua própria perspectiva teórica fica mais explícita; e, finalmente, a fase que começa na década de 1960, sobretudo com a publicação do artigo de 1962, "A integração do ego no desenvolvimento da criança", no qual ele introduz os conceitos centrais de tendência inata ao amadurecimento e de objeto subjetivo (DIAS, 2012, p. 21).

E como entenderemos a obra de Winnicott no campo psicanalítico em nosso horizonte interpretativo? Embora o psicanalista inglês seja reconhecido mundialmente por seu grande impacto e originalidade na psicanálise, há entre os estudiosos de sua obra uma grande divergência de avaliações. Dias (2012) aponta que alguns autores o consideram um continuador de Freud e de Klein, sendo Winnicott um clínico genial e não um teorico[14]; outros, contudo, reconhecem haver grandes diferenças teóricas entre o modelo psicanalítico freudiano e Kleiniano e Winnicott[15] e outros, ainda, afirmam que ele teria revolucionado a psicanálise (LOPARIC, 2001; DIAS, 2012 [2003]; FULGENCIO, 2009). Nesta mesma direção, aludimos aqui às pesquisas orientadas por Zeljko Loparic no grupo de pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas, credenciado ao CNPq e hoje sediado na Unicamp, que sustentam o caráter revolucionário de Winnicott, lendo-o como um novo paradigma na psicanálise à luz da teoria do conhecimento de Thomas Khun. Winnicott, na história da psicanálise, constitui um tema já discutido amplamente e, não sendo o foco da nossa pesquisa, limitamo-nos a fazer referência ao assunto a fim de compor o nosso horizonte de interpretação da obra winnicottiana. Tendo presentes essas discussões, partimos aqui do pressuposto de que o autor em questão introduz concepções significativas e originais para a compreensão do ser humano no campo psicanalítico, derivando disso inovações teóricas e técnicas na condução de uma análise.

Sendo o princípio clássico hermenêutico, o procedimento metodológico desse estudo, devemos, então, abordar alguns elementos fundamentais winnicottianos, buscando a compreensão dos fundamentos da formulação

---

[14] À modo de exemplo desse modo de compreender Winnicott, temos: GREEN, A. **Sobre a loucura pessoal.** Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Obra originalmente publicada em 1972); GEETS, C. **Winnicott.** Paris: Jean-Pierre Delarge; Entrevista de Jean-Bertrand Pontalis a Anne Clancier publicada in: Clancier, A. & Kalmonovitch, J. **Le paradoxe de Winnicott.** Paris: Payot,1984.

[15] À modo de exemplo dessa compreensão do psicanalista inglês, temos: PHILLIPS, A. **Winnicott.** London: Fontana Press, 1988; ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott.** Rio de Janeiro: Revinter, 2000. (Obra originalmente publicada em 1996).

winnicottiana que nos propomos investigar. São eles: o animal humano, o conceito de experiência, o seu conceito de ego e de id, a sua noção de instinto e de pulsão, o conceito de falso e verdadeiro si-mesmo, o conceito de relação de ego (*egorelatedness*), o conceito do paradoxo, a ideia de ambiente favorável. Isso nos permitirá compor o nosso quadro de leitura, para posteriormente nos debruçarmos sobre o tema de nosso estudo. Individuamos tais conceitos pois eles sustentam o entendimento da capacidade de estar só em Winnicott. Para tratar dessas terminologias winnicottianas, utilizaremos alguns comentadores reconhecidos no campo acadêmico por suas pesquisas sobre D. W. Winnicott, como Alfredo Naffah Neto (2005, 2007a, 2007b, 2012, 2014), Ana Lila Lejarraga (2012, 2015), Elza Dias (2012), Leopoldo Fulgencio (2006, 2009, 2010, 2011, 2013, 2014), Ricardo Rodulfo (2008, 2009), Zeljko Loparic (1997a, 1997b, 2000, 2001, 2005, 2011, 2012) e, além de buscar nos próprios textos de Winnicott tais definições.

Trataremos também da teoria do amadurecimento emocional, teoria-guia, para aprofundar o pensamento de Winnicott e encontrar a unidade dos conceitos do psicanalista inglês.

A partir desse caminho, entraremos no texto *A capacidade de estar só* (1958), explicitando a relevância e a profundidade do conceito winnicottiano para o desenvolvimento emocional e a saúde psíquica humanos.

Enfim, concluiremos a pesquisa servindo-nos de um caso clínico da literatura psicanalítica winnicottiana, o reconhecido caso B. Por que decidimos por esse caso entre tantos publicados pelo autor? No conjunto da obra winnicottiana, o caso B sinaliza um momento de evolução de seu pensamento psicanalítico teórico-clínico. Khan (1972/2010), na introdução do livro de Winnicott, *Holding e interpretação* (1986), em que estão publicados um considerável fragmento do segundo momento de análise do caso B feito com o pediatra e psicanalista inglês, asseverou que se podem encontrar no referido trabalho winnicottiano as bases rudimentares dos conceitos desenvolvidos posteriormente pelo autor. Os conceitos importantes do pensamento psicanalítico clínico de Winnicott, como *holding*, objeto transicional e dependência, encontram-se presentes no relato clínico do caso B. Assim, baseando-se na relação mãe-bebê permeada pelo *holding* materno, o psicanalista inglês teoriza sobre a natureza e o caráter da transferência e o papel do *setting* terapêutico. Winnicott também mostrou nesta análise de caso como, a partir da dependência e do holding suficientemente bom concedido pela figura materna, o

indivíduo chega à vivência da realidade compartilhada de forma espontânea e saudável. Fundamentado nos conceitos teórico-clínicos, explicitará na análise do caso o estar só como capacidade. Em base dessa relevância assinalada, decidimos por tomar esse caso para ilustrar a capacidade de estar só na presença de alguém.

2 WINNICOTT: NOVO QUADRO TEÓRICO PARA PENSAR OS FENÔMENOS PSÍQUICOS NO CAMPO DA PSICANÁLISE

As contribuições de Winnicott à psicanálise oferecem uma nova compreensão epistemológica e uma inovadora antropologia elaboradas a partir de suas observações clínicas. Isso significa dizer, em outras palavras, que em Winnicott se observa nitidamente que a mudança de linguagem foi uma mudança conceitual estruturante de um raciocínio clínico novo no campo da psicose e da tendência antissocial em relação a Freud e Melanie Klein.

Winnicott, em seus escritos, se reconheceu fruto da escola psicanalítica freudiana, mesmo que as suas inovações teóricas e clínicas questionaram a teoria freudiana. Uma das justificativas do seu reconhecimento como fruto do pensamento freudiano encontra-se no fato, como ressalta Loparic (2012), de que Winnicott não abandonou o método científico freudiano em suas investigações sobre a natureza humana -sem recorrer às especulações metapsicológicas- e a partir do método psicanalítico descreveu fenômenos não contemplados por Freud em suas investigações clínicas com pacientes psicóticos e limítrofes e, a partir dessas investigações, considerou a clínica freudiana da neurose, agregando novos aspectos às teorizações freudianas do complexo edípico. Assim se expressa Winnicott sobre a ciência criada por Freud:

> Na verdade, há certas coisas em que Freud veio a acreditar que nos parecem, a mim e a outros analistas, não serem de modo algum corretas – mas isso não importa. O fato é que Freud criou um método de abordagem científica ao problema do desenvolvimento humano; desafiou a relutância em se falar abertamente de sexo e especialmente da sexualidade infantil, e considerou os instintos como realidades básicas e dignas de estudo; **legou-nos um método a ser utilizado e desenvolvido, pelo qual poderíamos conferir as observações de outros e fazer as nossas próprias;** demonstrou a existência do inconsciente reprimido e lançou luz sobre as operações do conflito inconsciente; insistiu no pleno reconhecimento da realidade psíquica (o que é real no indivíduo, e não apenas o realizado em ato); procurou, intrepidamente, formular teorias relativas aos processos mentais, algumas das quais tornaram-se geralmente aceitas. (WINNICOTT, 1950/2011, p. 29. Grifo nosso).

Não há uma convergência de opiniões entre os estudiosos em relação ao que representam as contribuições de Winnicott no seio da psicanálise. Alguns estudiosos (FIGUEIREDO, 2002; NAFFAH NETTO, 2007a[16]) o consideram como um autor inscrito dentro de uma linhagem teórica psicanalítica que possui as suas raízes em Ferenczi e Michel Balint. Encontram-se também autores (AGUAYO, 2002; MEYER, 1994) que entenderam a obra winnicottiana alicerçada nos pressupostos kleinianos, vinculando-a ao quadro conceitual de Melaine Klein[17]. Já outros estudiosos (ABRAM, 2008; DETHIVILLE, 2008; DIAS, 2012; FULGENCIO, 2006, 2009, 2010; GIRARD, 2010; LEHMANN, 2003, 2007; PHILLIPS, 2006; LOPARIC, 1997a, 1997b, 2000, 2001, 2005, 2011, 2012; RODULFO, 2008) reconhecem as semelhanças e as divergências de alguns aspectos do pensamento winnicottiano com Ferenczi e M. Balint, no entanto, mostram que as contribuições da teoria winnicottiana instauram um novo paradigma de compreensão da natureza humana calcado na amadurecimento humano. Em consequência disso, a proposta psicanalítica winnicottiana agregou ferramentas importantes à prática clínica além da interpretação verbal da transferência neurótica. Dentro dessa perspectiva, compreende-se que a contribuição de Winnicott, longe de acomodar-se ao paradigma freudiano, suplantou-o, desenvolvendo aspectos teóricos-clínicos estruturantes na análise de crianças e pacientes psicóticos distintos dos trabalhos de

---

[16] De acordo com esse estudioso da obra de Winnicott, a teorização winnicottiana tem como base *o ponto de vista do bebê*, diferente daquele da mãe ou do observador externo. Essa asserção pode ser explicitada no exemplo do bebê ao sugar o dedo. Do ponto de um observador externo, o bebê estaria buscando prazer, alucinando o seio ao sugar o dedo. Winniccott interpretará o sugar do dedo pelo bebê como uma busca do corpo materno e como substituição deste, na tentativa de prolongar o controle onipotente a fim de assegurar que pode recriar o objeto quando necessitar dele. Para Winnicott, o bebê possui a sensação prazerosa no ato de sugar, no entanto, essa é registrada gradualmente pelo si-mesmo do indivíduo, fazendo assim parte das lembranças prazerosas capazes de produzir desejo – sexualidade infantil. E neste sentido, para o psicanalista inglês, o fundamental em tal experiência é sentir-se confiante e potente por parte do bebê. Ao pensar a psicanálise do *ponto de vista do bebê*, Winnicott insere-se na tradição psicanalítica que o precede - por exemplo já presente em Fairbain (1941)- da *busca do objeto e não da satisfação,* como propusera Freud. No entanto, por um novo ângulo, Winnicott assume *o ponto de vista do bebê* radicalmente para construir a sua psicanálise e, a partir desse ponto de vista, formulará o conceito central de experiência (NAFFAH NETO, 2007a).

[17] Loparic (1997a, p. 45), ao considerar essa leitura de Winnicott na história da psicanálise, diz: "Luiz Meyer, ao comentar a carta de rompimento que Winnicott dirige, em novembro de 1952, a M. Klein, sustenta que seria um grave erro e um risco perigoso [sic] considerar Melanie Klein como ingênua ou desprevenida: as razões alegadas por Winnicott nas suas críticas têm seu fundamento na própria teoria Kleiniana. À luz dessa certeza, afirma Meyer, é 'preciso pensar Winnicott a partir de Melanie Klein'". Explicitando esse entendimento, Meyer (1994, p.87) diz: "[...] de uma maneira um pouco gráfica e simplificada, poderíamos dizer que a visão de Winnicott é especular à dela, já que o foco de Melanie Klein se dirige ao 'good enough baby'".

alguns psicanalistas pós-freudiano como Melanie Klein (1882-1960) e Anna Freud (1895-1982). Tal leitura da história da psicanálise foi proposta e sistematizada pelo filósofo Loparic em 1995, no artigo *Winnicott e o pensamento pós-metafísico*, com base na noção de mudança de paradigma científico de Thomas Khun.

Desde 1968, a obra de Winnicott é reconhecida pela maioria dos psicanalistas, considerando-o como um das maiores figuras da história da psicanálise e reunindo assim muitos estudiosos no Brasil e no exterior em torno de sua obra[18], embora, como já dito, haja divergências entre tais autores sobre o significado das contribuições de Winnicott na história da psicanálise.

Tendo presente essas divergências de leitura da obra winnicottiana, parte-se neste estudo de um ponto comum entre os estudiosos de D. W. Winnicott, isto é, a originalidade de seu pensamento psicanalítico decorrente de sua prática clínica com contribuições inovadoras à psicanálise tradicional[19].

Os novos e inovadores pressupostos teóricos-clínicos depreendidos de sua clínica com bebês e psicóticos permitiram, sem dúvida, a Winnicott teorizar o *estar só* como uma conquista ao longo do processo do amadurecimento, descrevendo tal observação clínica como um sinal sofisticado de maturidade, portanto, um elemento que denota integração emocional na vida do indivíduo, como se poderá observar ao longo deste estudo. Formulação essa imediata e original na literatura psicanalítica, como expressa Winnicott no início do seu artigo *A capacidade de estar só na presença de alguém* (1958).

Não resta dúvida de que Winnicott dialogou com o pensamento psicanalítico, sobretudo com Freud e M. Klein, sem que com isso mantivesse uma fidelidade cega aos pressupostos da psicanálise tradicional, sendo assim possível aportar com

---

[18] Tais estudiosos reconhecem a originalidade das contribuições psicanalíticas winnicottianas, adotando ou não a leitura da história da psicanálise proposta por Loparic (2001). Em uma nota de rodapé de um texto que se propõe comparar os elementos centrais da teorização junguiana à luz da psicanálise winnicottiana, Loparic (2012) cita autores do mundo inteiro a despeito da leitura destes do pensamento winnicottiano na história da psicanálise. São eles: Adam Philips, Christopher Reever e Jan Abram, na Inglaterra, Dodi Goldman, Heinz Kohut, Jay R. Greenberg, Stephen A. Mitchell, Thomas H. Ogden e M. Eigen, nos EUA, André Green, Jean-Bertrand Pontalis, Jean-Pierre Lehmann, Laura Detheville e René Roussillon, na França, Axel Honneth e Caroline Naubaur, na Alemanha, Vincenzo Bonaminio, na Itália, Ofra Eshel, em Israel, Elsa Oliveira Dias, Gilberto Safra, José Outeiral e Júlio de Melo, no Brasil.

[19] A terminologia psicanálise tradicional é sugerida por Dias (2012) em referência à teoria psicanalítica produzida por Freud e Melanie Klein, os quais são considerados por Winnicott em suas discussões as matrizes para a disciplina. Winnicott reportou às obras desses autores com a expressão: tradicional ou ainda ortodoxa (Winnicott, 1969b/1994, p. 176; 1970a/1994, p. 196).

novos elementos, inovadores e significativos, para o desenvolvimento da disciplina psicanalítica.

2.1 Elementos Biográficos e Gênese da Nova Perspectiva Psicanalítica Winnicottiana

Recorrer a alguns elementos biográficos de um autor pode ajudar a compreender o seu desenvolvimento teórico de maneira mais ampla. Tratando-se da obra de Winnicott, essa afirmação é factível.

Blanco (2011, p. 28) percebe uma sintonia direta entre a obra winnicottiana e a sua forma de relacionar-se com a vida e com as pessoas. De acordo com o autor, as modificações teóricas, clínicas e técnicas de Winnicott são passíveis de compreendermos se consideramos as suas características pessoais: a sua concepção de vínculo humano, o valor dado a aspectos sensíveis da existência humana, o seu olhar a pessoa e não aos mecanismos psíquicos, o valor do gesto espontâneo e a recepção dele, e, enfim, a sua pergunta fundamental: o que faz a vida valer a pena ser vivida?

A fim de ilustrar essa sintonia entre vida e obra de Winnicott, Blanco (2011) refere-se a uma reflexão de Clare Winnicott a respeito do conceito winnicottiano de área transicional e a sua ligação com a sua personalidade.

> Como sugeri, a pista essencial para o trabalho de D. W. W. sobre objetos e fenômenos transicionais pode ser encontrada em sua própria personalidade, em sua maneira de relacionar-se e de fazer os demais com ele se relacionarem, e em todo o seu estilo de vida. O que quero dizer é que foi a sua capacidade de brincar, que nunca lhe desertou, que o conduziu de modo inevitável para a área de pesquisa que conceituou em termos de objetos e fenômenos transicionais (WINNICOTT, C.,1994, p. 2).

Nesta perspectiva, exploremos alguns elementos bibliográficos de Winnicott com a finalidade de entender suas perspectivas psicanalíticas. Naturalmente, o intuito aqui não é associar cada fato de sua personalidade a um conceito desenvolvido pelo autor, mas bem, em linhas gerais, compreender alguns aspectos biográficos do autor e como o interesse pela psicanálise e as suas contribuições vão emergindo.

Donald Woods Winnicott nasceu em 7 de abril de 1896 em Plymouth. Os seus pais, Frederick e Elizabeth Winnicott, deram-lhe o mesmo nome de seu avô

materno. Winnicott era o filho mais novo e teve duas irmãs, Cathlen e Violet, que tinham, respectivamente, cinco e seis anos quando ele nasceu.

Winnicott, sendo o único filho do casal Winnicott, ao escrever sobre a sua infância relata que, de certa maneira, era um filho único com múltiplas mães e com um pai demasiadamente preocupado durante a sua juventude com as questões da cidade e dos negócios. O seu pai tinha quarenta e um anos quando ele nasceu e era comerciante. Sendo um homem público de sucesso, foi Prefeito de Plymouth por duas vezes (1906-1907,1921-1922) e Juiz de Paz; foi ordenado Cavaleiro da Ordem do Império Britânico, em 1924. Por ser comerciante, ausentava-se muito de casa. Winnicott, fundamentalmente, foi educado pela mãe, as irmãs e a babá. No entanto, o seu pai, quando estava em casa, era realmente presente em sua vida.

A sua mãe foi uma figura obscura; há poucas descrições sobre ela. Winnicott não publicou nada sobre sua mãe além de um poema, aos 67 anos. Ele enviou esse poema[20] ao seu cunhado, James Britton, com as seguintes palavras: “Você se importaria de ler isto, que me foi muito custoso escrever. É como se sentimentos tivessem de alguma forma espinhos saindo-lhes de dentro. Nunca me aconteceu antes e espero que não aconteça novamente” (PHILLIPS, 2006, p. 55).

A família Winnicott era muito religiosa e, por seus relatos autobiográficos, não era uma família incomum. Winnicott lembra-se de que seu pai cultivava uma fé religiosa simples e, certa feita, ao fazer uma pergunta polêmica ao pai sobre a religião, o pai somente lhe disse: leia a Bíblia e o que você encontrar lá, vai ser a resposta verdadeira para você. Isso possibilitou, de acordo com Winnicott, que este conduzisse os seus assuntos à sua maneira. No entanto, Winnicott, em sua autobiografia, recorda-se da educação oferecida por seu pai baseada nos valores religiosos e às vezes repressora.

Em 1910, Winnicott é levado pelos pais a um colégio interno em Cambridge, chamado Leys School. De acordo com relato de Clare Winnicott[21], no internato Winnicott sentia–se em casa; para a sua alegria, as noites eram livres, então ele corria, andava de bicicleta e nadava, jogava rúgbi, juntava-se aos escoteiros da

---

[20]“A mãe, lá embaixo, está chorando, chorando, chorando. Desta forma a conheci. Uma vez, esticado em seu colo, como agora em morta árvore. Eu aprendi a fazê-la sorrir, a deter suas lágrimas, a desfazer sua culpa, a curar sua morte interior. Vivificá-la era meu viver”. James Britton, comunicação pessoal reportada por Phillips (2006, p. 55).

[21] Winnicott se divorciou de sua primeira esposa em 1951 e, nesse mesmo ano, casou-se com Elsie Clare Nimmo Britton (Clare Winnicott), assistente social psiquiátrica e psicanalista.

escola, fazia amigos e cantava no coral e, toda noite, ele lia em voz alta uma história para os meninos de seu dormitório, pois lia muito bem. Foi durante esse período que Winnicott, por causa de um acidente jogando rúgbi, em que quebrou uma costela tendo que ficar na enfermaria do internato, confirmou o seu desejo de ser médico, a fim de que não dependesse de médico, caso se machucasse ou ficasse doente, contrariando o desejo de seu pai, que esperava que ele o sucedesse nos negócios.

Em 1914, Winnicott começa o curso de medicina em Cambridge, no Jesus College. O curso de medicina exigia que o aluno fizesse o primeiro ano do Ciclo básico de Ciências Naturais da Universidade de Cambridge. O ciclo básico em Ciências Naturais era influenciado pelas ideias de Darwin nas diversas áreas: biologia, zoologia, anatomia comparada, anatomia humana e fisiologia. Os estudos de medicina foram interrompidos pela guerra. E, por fim, em 1917, Winnicot foi aceito como residente em cirurgia em um navio do tipo destroier, onde permaneceu até o final da guerra. Em 1918, no fim da guerra, Winnicott foi para o Bartholomew's Hospital, em Londres, para fazer a sua residência em medicina infantil. E em 1920, já era um médico habilitado, especializando-se em medicina infantil.

Durante esse percurso formativo, precisamente em 1919, Winnicott teve contato com uma obra sobre Freud, escrita pelo pastor suíço Oskar Pfister. Neste mesmo ano, escreveu para a sua irmã Violet para contar-lhe sobre sua empolgante descoberta, a teoria freudiana do psiquismo. Sem dúvida alguma, esse fato em sua biografia sedimentou o reconhecimento e gratidão de Winnicott por Freud. Em consequência disso, Winnicott, em 1920, ao formar-se, já estava convencido de que o diagnóstico concernente à pediatria não podia ser feito sem incluir os aspectos psicológicos. O pediatra inglês ficou encantado com a possibilidade aventada pela psicanálise de que os distúrbios somáticos podiam ser analisados de um ponto de vista psicológico.

Apesar de encantar-se com a leitura de Freud, no conjunto dos seus escritos, o pediatra e psicanalista inglês desviou-se da metapsicologia freudiana e muito diferentemente de Klein e Anna Freud, a sua obra não provém de nenhum texto freudiano específico. A obra winnicottiana preserva a tradição de uma forma curiosa, predominantemente, distorcendo-a, com seu modo impreciso de apresentação e a sua absorção das teorias freudianas e kleiniana (PHILLIPS, 2006, p. 38).

Em 1923, Winnicott começou a trabalhar como médico assistente do Paddington Green Children's Hospital, onde esteve na mesma função por 40 anos. Naquele mesmo ano, interessado pelos conhecimentos psicanalíticos, procurou James Strachey[22] com o intuito de iniciar um processo analítico pessoal[23], estando 10 anos em análise com esse analista. Em 1927, Winnicott foi aceito como iniciante na Sociedade Britânica de Psicanálise, qualificado como analista em 1934. E assim, foi passando do atendimento pediátrico a um atendimento psiquiátrico infantil calcado em uma orientação psicanalítica.

Winnicott constatou, em seu trabalho no hospital, que grande parte dos problemas das mães com seus bebês e crianças tinham a sua gênese nas perturbações emocionais primitivas. Em outras palavras, ele percebeu que os bebês e as crianças que, embora saudáveis fisicamente, padeciam de distúrbios emocionais e alguns nas primeiras semanas de vida. Essa observação clínica de Winnicott o levou a buscar no pensamento psicanalítico explicações para tais situações, impulsionando-o a investigar a importância dos fatores psíquicos no surgimento dos distúrbios emocionais. Nesse primeiro momento, o pediatra inglês ainda não tinha uma compreensão acurada em relação à natureza do psiquismo, que só mais tarde ele descreveria.

Os distúrbios emocionais precoces foram o elemento crucial para a evolução do pensamento psicanalítico de Winnicott. E foi por essas constatações clínicas que ele não deu ao complexo de Édipo a centralidade que tem na proposta da psicanálise freudiana.

> Quando comecei a tentar aprender o que havia para ser aprendido a respeito da psicanálise, descobri que, naqueles dias, estávamos sendo ensinados a respeito de tudo em termos do complexo de Édipo, aos 2, 3 e 4 anos de idade e da regressão quanto a ele. Foi muito aflitivo para mim, alguém que havia estado examinando bebês, mães e bebês, por longo tempo (de dez a 15 anos já), descobrir que isso era assim, porque sabia que havia um bocado de bebês já começarem doentes e outro bocado deles tornar-se doentes cedo (WINNICOTT, 1967a/1994, p. 437).

---

[22] James Strachey teve como analista o próprio Freud e foi o tradutor da versão inglesa (Standard Edition) das obras de Freud. Strachey supervisionou os casos clínicos de Winnicott entre 1923 a 1933.

[23] A sua formação psicanalítica incluirá dois longos períodos de análise, primeiro com o freudiano James Strachey e, a seguir, com a kleiniana Joan Riviére (1936-1941) .

Winnicott, a partir de sua observação clínica, buscou compreender o momento inicial da vida de um bebê e a natureza das possíveis dificuldades com que os recém-nascidos devem lidar e o que lhes perturba. Para tal empreitada, de 1935 a 1940, por orientação do seu antigo analista, James Strachey, buscou supervisionar-se com Melanie Klein, haja visto que ela interessava-se pelas angústias primitivas da infância. Winnicott reconheceu os conhecimentos de Klein, ainda que, com o tempo, tiveram divergências teóricas significativas.

Outra experiência profissional que contribuiu para o desenvolvimento teórico-clínico de Winnicott foi a sua nomeação como psiquiatra consultor do Plano de Evacuação Governamental Inglês no período da Segunda Guerra Mundial. Nesse trabalho, Winnicott pôde acompanhar os efeitos, nas crianças e nos adolescentes, da separação e da perda de suas famílias. Além disso, ele observou que as crianças que apresentavam dificuldades em suas famílias antes da guerra, eram beneficiadas pela guerra, uma vez que a separação de suas famílias, que se impunha pela guerra, favorecia seu afastamento de situações intoleráveis em seus próprios lares. Isso conduziu o pediatra inglês na formulação da sua teoria sobre a delinquência e os distúrbios de caráter, colocando em relevância o fator ambiental na etiologia desses fenômenos, e não, fundamentalmente, o conflito psíquico pulsional. Essa experiência lançou a base do desenvolvimento teórico-clínico winnicottiano, dando a devida importância aos fatores ambientais na etiologia dos transtornos psíquicos e na formulação de uma teoria do desenvolvimento emocional primitivo. Ao fazer uma retrospectiva do seu desenvolvimento intelectual aos seus colegas analistas, Winnicott, em 1967,

> [...] refere-se à posição característica da psicanálise tradicional de enfatizar os fatores internos e negligenciar os aspectos ambientais; diz que, durante dez ou quinze anos, os psicanalistas eram os únicos que aceitavam a existência de qualquer coisa que não fosse o ambiente e que, enquanto todo mundo clamava que a delinquência de um dado garoto devia-se ao fato de o pai ser alcoólatra etc., os psicanalistas continuavam a atribuir os problemas à constituição e a pesquisar os conflitos internos (DIAS, 2012, p. 61).

Em 1945, Winnicott publicou um importante artigo intitulado *Desenvolvimento emocional primitivo,* que se sustentava nas experiências no hospital, atendendo crianças e suas mães, sua clínica particular no atendimento de psicóticos e casos *borderline*, e a sua participação no plano de evacuação das

crianças por motivo de guerra do governo inglês. Quando publica esse artigo, não estava mais sendo supervisionado por Klein. No artigo, Winnicott deixa claro que o seu interesse muito antigo era pelo recém-nascido e tinha como escopo, naquele artigo, estudar a psicose, tendo muita coisa a agregar às teorias correntes e definindo o seu texto como ponto de partida, isto é, início de sua nova teoria (WINNICOTT, 1945/2000). A partir dessa publicação, Winnicott deixou claro que tanto o modelo freudiano como o kleiniano não davam conta, ao seu ver, dos distúrbios graves de tipo esquizofrênico e, em consequência disso, era necessária uma teoria que abarcasse esses fenômenos.

Dias (2012) sugere que a singularidade da linguagem de Winnicott não está vinculada à sua liberdade e necessidade de ser pessoal, mas, sim, a uma necessidade teórica e metodológica, instaurando assim *uma nova perspectiva*. A sua linguagem simples se justifica na necessidade de descrever o fenômeno observado com a linguagem que expressasse aquilo que estava acontecendo. Assim, conforme pensava Winnicott (1957/2011, p.121): “[...] um escritor da natureza humana precisa ser constantemente levado na direção da linguagem simples, longe do jargão do psicólogo, mesmo que tal jargão possa ser valioso em contribuições para revistas científicas”.

Em relação a essa nova linguagem de Winnicott que revela uma mudança de perspectiva no que tange a sua clínica, num primeiro contato, ela pode parecer ao leitor da obra winnicottiana simples e clara. Contudo, tal claridade traz consigo essa nova perspectiva não reconhecida num primeiro momento, podendo até confundir o estudioso da obra. Assim, Rodulfo (2009, p. 18), tratando a linguagem utilizada por Winnicott para expressar seu desenvolvimento teórico-clínico, diz:

> Y como por lo común a lo que apela es a vocablos corrientes, pero sin usarlos en su sentido habitual y sin avisar como lo está haciendo, resulta de allí una de las mayores dificultades lectura para el lector desprevenido, al pasar por alto una serie de bordes invisibles. Por esta razón, la sencillez narrativa – en la medida en que se la pueda confundir con simplicidad transparente – es el punto de mayor dificultad para emprender una lectura de Winnicott, pues suele oscurecer la conciencia de que hace falta leer, al contrario del tipo de obstáculos que plantea una escritura con voluntad de hermetismo.

Em suma, a obra winnicottiana se centrará nas questões relativas à experiência humana e não no aparelho psíquico, tratando da relação de pessoas e não entre instâncias, colocando em relevância a relação mãe-bebê, a intimidade, a

mutualidade e comunicação dessa relação. Nesse sentido, Blanco (2011) mostra que a preocupação de Winnicott não era corroborar as teorias dos sistemas de explicação do fenômeno psíquico, mas a pessoa e suas formas de viver a vida.

Até aqui buscou-se destacar alguns elementos seminais que influenciaram na evolução do pensamento psicanalítico de Winnicott e sua necessidade de nova linguagem dentro da psicanálise que abarcasse alguns fenômenos humanos ainda não contemplados suficientemente na psicanálise tradicional. Vale a pena recordar que a nova perspectiva psicanalítica encampada por Winnicott foi esboçada ao longo dos seus escritos de forma não sistematizada, haja vista que os seus escritos, em sua grande maioria, destinam-se a apresentar achados de sua clínica aos seus colegas analistas, a pais, a profissionais de saúde, a professores, a assistentes sociais.

Winnicott (1967b/1997, p. 193), falando de sua trajetória intelectual, diz: “[...] comecei a ter a minha própria maneira de especificar os estágios essenciais do desenvolvimento físico e emocional entrelaçados do bebê”. Tendo presente uma perspectiva histórica da totalidade da obra winnicottiana, Dias (2012) afirma que somente após 1960, ano do falecimento de M. Klein, Winnicott se sentiu mais livre para explicitar a sua nova perspectiva de maneira mais clara. Tal perspectiva pode ser vislumbrada nos texto da década de 40, por meio de seus próprios conceitos relativos à natureza humana divergentes da psicanálise tradicional. A maneira tímida de expressar as suas ideias pode ser própria do estilo do autor ou pode ter sido um modo de evitar conflitos na Sociedade Britânica de Psicanálise, já existentes entre os grupos annafreudianos e kleinianos, ou porque as ideias ainda não estavam bem estabelecidas.

A própria *capacidade de estar só,* apresentada pelo autor à Sociedade Britânica de Psicanálise em uma conferência em 1957, fundamenta-se na concepção winnicottiana, original em relação à psicanálise tradicional, de considerar o desenvolvimento emocional humano primitivo, como se constatará ao longo deste estudo.

Winnicott faleceu em 1971, aos 74 anos, por problemas cardíacos, em Londres.

2.2 O Animal Humano e o Viver Criativo

Como se esboçou até aqui, nas origens do pensamento winnicottiano se encontra o postulado freudiano: a gênese do adoecimento psíquico não está em si no corpo físico. Isso foi observado por Winnicott no atendimento aos bebês e suas mães em sua clínica pediátrica. No entanto, o pediatra inglês, ao perceber que bebês muito cedo adoeciam ainda que possuindo condições físicas saudáveis, achou insuficientes as formulações metapsicológicas freudianas: complexo do Édipo, pulsões de vida e de morte e aparelho psíquico para compreender tal fenômeno, chegando a conclusões teóricas-clínicas divergentes. Ao seu ver, a gênese do adoecimento psíquico dos bebês estava no relacionamento com suas mães. Como dissemos, essa observação winnicottiana é fruto de sua constatação no período da guerra, em que as crianças com problemas em seus lares, ao serem afastadas deles, melhoravam. Isso influenciou toda contribuição de Winnicott à psicanálise, agregado às suas observações clínicas derivadas da clínica com psicótico.

Isso posto, abrem-se novas perspectivas para o campo psicanalítico. As formulações teóricas psicanalíticas winnicottianos têm como ponto de partida a observação do relacionamento mãe-bebê. Esse ponto de partida conduziu Winnicott a aprofundar questões ainda não abordadas pela ciência psicanalítica, tais como: de que dependemos para que nos sintamos vivos e reais? De onde vem nossa percepção de que a vida vale a pena ser vivida? Como se constitui o ser humano?

Loparic (2000) explicita que essas questões tornar-se-ão questões postas para a psicanálise a partir da teorização winnicottiana, pois até então não eram pensadas no campo psicanalítico. Para entender a novidade trazida por Winnicott à psicanálise e seus efeitos, é crucial considerar a sua definição sobre o objeto de estudo da psicanálise. O psicanalista inglês, na introdução do seu livro *Natureza Humana* (1988), o definiu com a significativa expressão: o *animal humano*.

Freud, lançando o fundamento de sua nova disciplina, ao definir o seu objeto de estudo, centrou as suas investigações no *aparelho psíquico*. Terminologias diferentes para designar o objeto de estudo da psicanálise. A diferença estaria num uso acidental das palavras, que, por sua vez, indicaria a mesma concepção de objeto de estudo? Notar-se-á aqui que não.

De acordo com Loparic (2000), Winnicott coloca como tema central da sua psicanálise e de outras disciplinas científicas a *natureza humana*. Winnicott mostra que a criança pode ser encontrada em diversas áreas de estudo: o seu corpo pertence ao pediatra; a alma à religião; a psique à psicologia dinâmica (psicanálise); o intelecto à psicologia; a mente à filosofia; a desordem mental à psiquiatria; a hereditariedade é propriedade da genética; o meio ambiente à ecologia; as estruturas da família e as relações sociais mais amplas cabem às ciências sociais; pressões e tensões devido às necessidades conflitantes cambem à economia; os problemas de humanização da segurança pública, ao direito. Contudo, aquilo que dá unidade às diferentes áreas de estudo é *o animal humano*.

Embora a terminologia pareça estranha ao escutá-la, indicando aparentemente somente a condição da biologia humana, o termo deve ser compreendido em sua etiologia latina, isto é, *o que respira*, a fim de que fique mais clara essa significativa consideração winnicottiana, que aponta para uma mudança fundamental, tanto epistemológica como antropológica. Sem dúvida, não há um desprezo da condição física no pensamento winnicottiano. O aspecto físico será necessário para que a natureza humana possa-se desenvolver; no entanto, não é o determinante. (DIAS, 2012; LOPARIC, 2000).

Ao pensar o *animal humano* como objeto de estudo da psicanálise e de outras ciências, o psicanalista inglês fundamentou a sua teoria psicanalítica na concepção de homem, própria das ciências humanas, recuperando o conceito de natureza humana como um fenômeno complexo que se desenvolve ao longo do tempo e num espaço específico, não como uma máquina, próprio da concepção pré-mecanicista, que traz consigo um determinismo causal.

Vale aqui recordar a concepção freudiana de psique, influenciada pelas ciências naturais. De acordo com Fulgencio (2010, p. 101), “Freud pensava que a grande contribuição da psicanálise foi ter tornado possível um conhecimento científico da vida psíquica. Para Freud, a vida psíquica pode ser conhecida, uma vez que se estrutura tal como os fenômenos físicos, sendo assim determinada por leis determinadas e universais. As ideias de *aparelho psíquico* (id, ego e supergo)[24], de

[24] Loparic (1997b), em seu artigo intitulado *A máquina no homem,* mostra como o homem ao longo da história da filosofia vai sendo pensado como uma máquina. Tal ideia será reforçada na modernidade a partir de Descartes, que dissociará o funcionamento da mente, do corpo e do espírito. A mente ganhará o seu estatuto de funcionamento, constituindo-se uma substância própria tal como o corpo,

libido, inconsciente reprimido, de conflito pulsional, por exemplo, foram estruturadas no modelo de funcionamento mecanicista da física. Para o inventor da psicanálise, as condições de possibilidade de conhecimento da psique humana embasam-se no fato de que o seu funcionamento é semelhante aos fenômenos físicos, de tal modo que a ciência deve descobrir as suas leis por meio da observação.

> Os diferentes tipos de aparelho psíquico, ou melhor, os diferentes mecanismos específicos desse aparelho têm, via de regra, modelos físicos. No *Projeto* (texto freudiano de 1985), as analogias são emprestadas à fisiologia, à hidrodinâmica e à eletro-dinâmica. Trata-se de uma aparelho composto de neurônios, mutuamente conectados, capazes de fazer circular e de armazenar energia de natureza não especificada. Em *Interpretação dos sonhos* (texto freudiano de 1905), o psiquismo é comparado ao microscópio e ao aparelho fotográfico. Trata-se de um tipo de visor, capaz de produzir efeitos visuais. Entre os modelos físicos posteriores, os mais notáveis são o bloco mágico, um engenhoso artefato capaz de guardar memória, e o reservatório ou o caldeirão de energia, que exerce funções dinâmicas (LOPARIC, 1997b, p. 99).

Assim, a psicanálise é colocada por Freud no rol das ciências naturais, galgando um estatuto científico e uma construção do conhecimento baseado nesse estatuto (FULGENCIO, 2010). A partir desse entendimento, compreende-se a afirmação freudiana: “Eu creio de fato no acaso exterior (real), mas eu não creio no acaso interior (psíquico)” (FREUD, 1901, p. 401 apud FULGENCIO, 2010 p. 102). Assim, Freud objetivou a vida psíquica como também introduziu nela um determinismo causal tal como nos fenômenos físicos. As leis da causalidade que trazem consigo o determinismo fundamentaram a compreensão do psiquismo explicitado em forma do *aparelho psíquico*.

Winnicott deixou claro que a sua psicanálise é uma prática médica, que se fundamenta em uma teoria científica sobre a saúde e a doença do *animal humano*, elaborada em interação com outras disciplinas científicas, que estudam esse mesmo objeto em outras perspectivas, sem, no entanto, desenvolver o estudo interdisciplinar. Ele centrou seu estudo no *desenvolvimento do ser humano* no interior da psicanálise, adotando um único método: a observação do fenômeno e sua teorização (descrição), sem servir-se do recurso da metapsicologia freudiana (FULGENCIO, 2009).

---

com funcionamento específico. Nesta perspectiva, encontra-se Freud com a ideia de aparelho psíquico.

A metapsicologia freudiana aparecerá nos escritos winnicottianos totalmente entendida por meio do *animal humano.* Pode-se observar essa afirmação no uso winnicottiano dos conceitos id e ego não ligados à ideia de instâncias do *aparelho psíquico* como na compreensão de Freud. Em linhas gerais, o id está ligado à instintualidade própria da vida do animal, isto é, o conjunto de excitações locais e gerais do corpo, sendo essa (a instintualidade) considerada em termos de função do corpo, que será elaborada imaginativamente, depreendendo assim o fenômeno psíquico, como se descreverá mais à frente. E o ego, de forma geral, na visão winnicottiana é usado para indicar a tendência inata ao amadurecimento no sentido de integração.

Posto isto, falar do *animal humano* na perspectiva winnicottiana, é tratar do desenvolvimento humano e descortinar uma epistemologia-metodológica sem o recurso da metapsicologia freudiana. E o que é o desenvolvimento humano na visão winnicottiana?

O desenvolvimento humano é "[...] uma mostra temporal da natureza humana." (WINNICOTT, 1988/1990, p. 29). A natureza humana constitui quase *tudo que temos* e possuímos (WINNICOTT, 1988/1990, p. 21). Esse *tudo que temos* significa, no pensamento de Winnicott, a tendência inata à integração, que se dará ao longo do processo do amadurecimento em um ambiente adequado.

> Parece-me adequado examinar a natureza humana através do estudo da criança, Mesmo que, quando saudável, o adulto continue a crescer, desenvolver-se e mudar até o instante de sua morte, existe uma constante já visível na criança e que persiste até o fim, assim como o rosto de uma pessoa permanece reconhecível ao longo de toda a sua vida (WINNICOTT, 1988/1990, p. 25. Grifo nosso) .

Winnicott refere-se ao tudo que somos e possuímos: a tendência à integração em uma unidade, essa constante no indivíduo saudável. Por isso, é cabível afirmar em seu pensamento que a essência do ser humano é a tendência à integração em uma unidade, tendência inata ao crescimento; isso constituirá a sua natureza. O autor não contestará a filogênese da espécie humana, isto é, o processo de evolução e crescimento da própria espécie. "A natureza humana evolui, assim como os corpos humanos e os seres humanos evoluíram, no curso de centenas de milhares de anos" (WINNICOTT, 1963b/1983, p. 88); no entanto, prossegue o autor, no que tange à ontogênese, o processo de desenvolvimento individual,

> [...] há muito pouca evidência de que a natureza humana se alterou no curto espaço registrado pela história, e comparável a isto é o fato de que o que é verdade sobre a natureza em Londres hoje, é verdade também em Tóquio, Acra, Amsterdam e Timbuktoo. É verdadeiro para brancos e pretos, gigantes e pigmeus, para as crianças do cientista de Harwell ou cabo Canaveral ou para as crianças do aborígine australiano (WINNICOTT, 1963b/1983, p. 88).

Portanto, o conceito de natureza humana de Winnicott se constituirá pelo amadurecimento emocional ou pessoal, conduzido pela tendência inata à integração e possibilitada por um ambiente facilitador[25].

Winnicott diferenciou, em toda a sua obra, a tendência à integração numa unidade da tendência ao crescimento corpóreo, sendo que a primeira está ligada à experiência e à formação de um *si-mesmo*[26] espontâneo e pessoal num ambiente facilitador e a segunda, prioritariamente dependente da constituição genética física, mas também do ambiente facilitador. Quanto à interação desses dois fatores, isto é, o quanto o impulso biológico influencia a tendência inata ao amadurecimento, Winnicott (1955a/2000, p. 377) não explicitou o seu pensamento sobre a questão, apenas afirma: "[...] há um impulso biológico por trás da progressão [da tendência inata ao amadurecimento]."

---

[25] Loparic (2000) faz notar que analogamente à biologia darwiniana, em que a ontogênese é determinada pela hereditariedade e pelo ambiente, Winnicott entendeu a tendência ao amadurecimento como inata ou herdada e a sua realização dependendo do ambiente facilitador. Contudo, atribuir a Winnicott um retorno ao naturalismo por tal analogia seria uma compreensão errônea, uma vez que o autor sugere respostas não naturalistas para as questões da ontogênese, além de considerar a questão do ambiente como facilitador do crescimento do bebê não do ponto de vista meramente biológico, mas também especificamente emocional-humano. "[...] a perfeição é própria das máquinas, e as imperfeições, características da adaptação humana à necessidade, constituem qualidade essencial do meio ambiente que facilita (o crescimento do bebê)" (WINNICOTT, 1968a/1975, p. 188).

[26] As traduções da obra winnicottiana para o Brasil mantiveram a palavra *Self* . Traduz-se aqui a expressão por si-mesmo, conforme sugestão de Dias (2012). Winnicott toma a expressão *'Self'* do vocabulário inglês corrente apropriando-se do mesmo significado utilizado na língua para referir-se aos processos de amadurecimento do indivíduo observados por ele. O psicanalista inglês aponta com os significados desta terminologia adotada que os acontecimentos do cotidiano de um indivíduo ao longo de seu processo maturacional, sejam eles ligados ao funcionamento do corpo e/ou a realidade externa, devem ser experienciados, a partir da sua *criatividade originária*, a fim de que possa apropriar-se das experiências vividas como reais e próprias. Assim expressa Winnicott (1960a/1994, 355) sobre termo *self*: "[...] se tomarmos a palavra *self,* esta é uma palavra que faz parte da língua; tem sua história e o seu próprio significado, e não podemos andar sujando-a por aí. Essa palavra, *self*, pode ensinar-nos algo, mas não podemos alterar o seu significado, nem mesmo que queiramos fazê-lo". A decisão de traduzir o termo para si-mesmo, embora a tradução feita em nossa língua não corresponda plenamente ao significado da língua inglesa, deseja enfatizar o sentido winnicottiano do termo: a apropriação das experiências vividas pelo indivíduo como suas, portanto, reais e valorosas.

Contudo, é cabível afirmar que, no desenvolvimento humano, na visão de Winnicott, ambos fatores estabelecem uma relação de dependência, mas não moldada por um determinismo causal.

> [...] essa tendência [a integração numa unidade] não é redutível a nenhuma herança genética. De outro lado, temos os fatores hereditários ou congênitos orgânicos – lesões ou doenças adquiridas -, que determinam certos distúrbios psicológicos ou tendência da personalidade. [...] Há, portanto, que se distinguir entre os *padrões genéticos*, que determinam padrões anatômicos e biológicos, e a tendência inata a crescer e amadurecer, que acontecerá, ou não dentro desses padrões, naturalmente (DIAS, 2012, p. 113).

Pensando na questão dos fatores herdados na perspectiva winnicottiana, percebe-se que os fatores herdados são ambientais, ou seja, externos à vida e à experiência psíquica, de um ponto de vista psicológico. Só farão parte da personalidade do indivíduo se ele se apropriar deles por meio da experiência. O tema da experiência se torna central no pensamento winnicottiano, sendo um aspecto constitutivo da psique do animal humano.

O que diferencia o animal humano do resto dos animais na perspectiva winnicottiana? Não é o mental, tampouco a instintualidade – aspecto ligado ao soma-, mas a necessidade de operar a *"elaboração imaginativa de todas as funções corpóreas"* (WINNICOTT,1988/1990) desde o início da vida do bebê. Desse modo, aquilo que caracteriza o humano não é ser movido por forças instintuais e a sua racionalidade, mas o fato de que a sua essência se estrutura à medida que vai acontecendo no mundo, podendo assim experimentar os fatores herdados e as condições ambientais como pessoais. A essência do humano é ter-que-acontecer no mundo e, de acordo com Winnicott, esse ter-que-acontecer-no-mundo é estruturado em sua origem por um trabalho da **psique** sobre o corpo, ou seja, a elaboração imaginativa, e isso faz humano o animal que somos. Portanto, o *animal humano* winnicottiano não é um aparelho psíquico, mas um acontecer no tempo em que é possível estruturar-se numa unidade psico-somática[27]; no início, totalmente dependente de um ambiente suficiente bom para que tal unidade se realize.

---

[27] A tradução brasileira traduziu o termo winnicottiano "psyche-soma" por "psicossoma". O hífen no texto original expressa a rica compreensão de Winnicott sobre a natureza humana. Em Winnicott, a mente e o corpo não são considerados como entidades separadas, mas em relação. Isso não significa dizer que Winnicott negará a noção introduzida por Descartes da diferença substancial entre a mente e o corpo em vista da afirmação de materialismo reducionista ou de um espiritualismo, mas a

2.3 A Psique-Soma: a Existência do Animal Humano

A psicanálise na visão de Winnicott deve se ocupar do estudo da natureza humana, do desenvolvimento humano. Em sua visão, a natureza humana não pode ser concebida como uma questão de corpo e de mente, mas como uma questão de "*psique e soma inter-relacionados*" (WINNICOTT, 1988/1990, p. 44). Nesse sentido, faz-se importante saber o que o autor entende por soma e por psique e como eles se relacionam.

O soma é considerado pelo psicanalista inglês como o corpo vivo, a anatomia viva, isto é, o funcionamento fisiológico em geral. O corpo vivo se refere ao estar vivo, à vitalidade, que está intrínseca na respiração, na temperatura, na motilidade, na vitalidade dos tecidos, no mamar do bebê, no buscar algo, no chupar o polegar, no descansar, entre outros. Embora o corpo vivo é físico, não se refere ao estado fisiológico ou anatômico, como estuda a medicina clássica, mas ao elemento do estar vivo do indivíduo, que será elaborado imaginativamente pela psique.

A psique diz respeito a tudo o que, no indivíduo, não é soma[28], sendo incluída aqui a mente, que é um modo especializado do funcionamento psicossomático no pensamento de Winnicott. Contudo a psique será um substrato do soma (corpo vivo) e ela é integrante dele, como se verá no conceito de *elaboração imaginativa das funções corpóreas*.

De acordo com Loparic (2000), o termo "psique" não é comum na psicanálise tradicional, uma vez que ela, ao falar dos fenômenos psíquicos, serve-se dos termos mente, aparelho psíquico, sujeito, entre outros. Loparic (2000) sugere que o uso do termo 'psique' feito por Winnicott para descrever o desenvolvimento humano talvez encontre o seu fundamento na etimologia do termo. "Em grego antigo comum, psyché significa primeiramente *vida*, inclusive vida animal e, só

---

substituirá pela diferença operacional entre as funções corpóreas e as funções psíquicas. Nesse sentido, o problema da união entre a mente e o corpo será tratado na perspectiva winnicottiana como problema da integração das funções corpóreas pelas funções psíquicas, sendo que nenhuma dessas funções é redutível uma à outra. Com isso, Winnicott ressaltará uma tarefa fundamental da psique: a de elaborar imaginativamente o corpo, isto é, o alojar do ser do bebê no corpo, fazendo dele a sua primeira morada. Elaborar não significa simbolizar, mas alojar-se. Daqui, decorrerá o sentido de realidade na vida do indivíduo e o valor do viver (LOPARIC, 2000, nota de rodapé, p. 358).

[28] Apesar de ter um papel ativo e de não ser redutível ao funcionamento do corpo, a psique não existe à parte do funcionamento fisiológico e, em particular, do cerebral. O uso winnicottiano da palavra "psique" não sugere nada "[...] que possa ser conectado com o espírito (spirit), entidade que, de acordo com a interpretação tradicional, possui a propriedade de poder existir independentemente do corpo" (LOPARIC, 2000, p. 361).

secundariamente, alma imaterial ou imortal, si-mesmo consciente ou a pessoa como centro de emoções, desejos e afetos" (LOPARIC, 2000, p. 361).

Isso implica dizer que o corpo biológico vivo, o soma já descrito, única herança genética transmitida por consanguinidade, necessitará de um longo processo para torna-se um corpo humano, habitado por uma psique.

A psique encontra-se no indivíduo desde momentos iniciais de sua vida. Ela não constituirá uma substância ou instância, mas um *modo de operar* da natureza humana, sendo que esse *modo de operar* é a essência do indivíduo. A relação entre psique e soma é explicitada pelo conceito de *elaboração imaginativa das funções corpóreas*. Esse é um dos conceitos cruciais da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott, pois ele reconheceu a importância do corpo na formação do psiquismo, superando a dicotomia cartesiana que dissociou o corpo e a mente[29]. "A base da psique é o soma, e, em termos de evolução, o soma foi o primeiro a chegar. [...] A psique não tem, obviamente, existência alguma fora do cérebro e do funcionamento cerebral." (WINNICOTT, 1988/1990, p. 37).

Na perspectiva winnicottiana, entende-se que a psique começa "[...] como uma elaboração imaginativa das partes, sentimentos e funções somáticas, isto é, do estar vivo fisicamente" (WINNICOTT, 1954a/2000, p. 333). A elaboração imaginativa das funções corpóreas é uma função originária do ser humano. O indivíduo se desenvolverá sem jamais perder essa função, tornando-se ao longo do processo mais complexa e abrangendo as operações mentais (intelectuais).

Além da elaboração imaginativa das funções corpóreas, é tarefa central da psique a formação paulatina da temporalidade humana – presente, passado e futuro, conquistando um sentido de história na vida humana. Por conseguinte, compete à psique do bebê, a partir de sua temporalidade primitiva – as experiências de mamar, de descansar, entre outras-, armazenar e reunir memórias de suas experiências. E

---

[29] Loparic (2000, p. 364) diz: "[...] a teoria psicanalítica da natureza humana recorreu ao conceito de fantasia, assumindo que 'o ego é o ego corpóreo' e que 'a estrutura da personalidade é construída em cima do funcionamento corpóreo e da fantasia que acompanha o funcionamento corpóreo'. Dizendo-se inspirado nesse ponto de partida, Winnicott esclarece que passou a usar o termo 'elaboração imaginativa da função para descrever essa teoria da fantasia e da realidade psíquica 'como sendo, na sua origem, uma elaboração da função'. [...] Em Winnicott, o mesmo termo fantasia recebe outro significado, o de esquematização do que o corpo faz ou deixa de fazer". O conceito de fantasia em Winnicott deve ser entendido com o de criatividade originária. Nessa direção, o ambiente será importantíssimo no desenvolvimento humano, uma vez que ele possibilita a criação do mundo, fazendo com que o infante o sinta com pessoal porque foi criado por ele, porém estava presente para que pudesse ser criado.

conforme o processo maturacional vai acontecendo, a psique vai interrelacionando "[...] as experiências passadas com as potencialidades, a consciência do momento presente e as expectativas do futuro" (WINNICOTT, 1988/1990 p. 37). Isso oferecerá sentido ao sentimento de si-mesmo e apropriação por parte do indivíduo de seu corpo. Winnicott (1988/1990, p. 38) afirma:

> Com o desenvolvimento do cérebro enquanto órgão em funcionamento, inicia-se a estocagem de experiências; as memórias corporais, que são pessoais, começam a juntar-se para formar um novo ser humano. Existem boas evidências de que os movimentos do corpo na vida intra-uterina são significativos, e é plausível que, de um modo silencioso, a quietude vivenciada naquele período também o seja.

Em alguns textos winnicottianos, psique é entendida como resultado da elaboração imaginativa: "[...] a psique se forma a partir do material fornecido pela elaboração imaginativa das funções corpóreas (que, por sua vez, depende da saúde e capacidade de um órgão específico – o cérebro)" (WINNICOTT, 1988/1990, p. 70). Os dois sentidos de psique – seja atividade, seja resultado - são úteis para pensar o ser humano em desenvolvimento para Winnicott.

Desde o nascimento, as sensações físicas vividas pelo bebê ganharão um sentido pelo fato de estarem sendo elaboradas imaginativamente. O corpo vivo (respirar, o mover-se etc.) será elaborado imaginativamente. E, assim, o bebê vai experimentando o corpo como seu. E é nesse processo que o corpo é personalizado, tornando-se um corpo humano, isto é, habitado pela psique. O amor do bebê, no início, terá um importante componente corpóreo. Winnicott denominou essa personalização do corpo vivo de 'resultados da elaboração imaginativa". Esses resultados podem ser observados desde as soluções das tarefas da primeira mamada teórica (integração no tempo, no espaço, início de relações de objeto, embasamento do si-mesmo) até os mais avançados (uso do objeto, genitalidade, masculinidade, feminilidade).

A elaboração imaginativa será uma *dação de sentido*[30] às funções corpóreas, e começará no bebê muito anterior às operações mentais de representação, verbalização e simbolização (WINNICOTT, 1971a/1994, p. 209).

---

[30] Loparic (2000) interpreta a elaboração imaginativa das funções corpóreas com o neologismo *dação de sentido*. Tal expressão não se encontra na linguagem winnicottiana, mas pode ajudar na compreensão desse importante conceito winnicottiano.

Para melhor compreensão, essa *dação de sentido* está ligada à imaginação que, no início da vida do bebê, não tem nada a ver com a representação mental nem com o conceito de fantasia teorizado pela psicanálise tradicional. Winnicott esclarece o uso da palavra fantasia, iluminando o uso da palavra imaginação e, consequentemente, *dação de sentido,* em uma nota de rodapé de um texto de 1961, intitulado *Psiconeurose na infância*:

> Ocorreu-me que possa estar usando a palavra "fantasia" de uma maneira que não é familiar a alguns de vocês. Não estou falando sobre o fantasiar ou sobre a fantasia imaginada, mas sim pensando na totalidade da realidade psíquica ou **pessoal da criança**, certa parte dela consciente, mas a maior parte inconsciente, e ainda, incluindo aquilo que não é verbalizado, imaginado, ou ouvido de maneira estrutural, por ser primitivo e **próximo das raízes quase fisiológicas das quais brota** (WINNICOTT, 1961/ 1994, p. 56. Grifo nosso).

Pode-se afirmar que a *dação de sentido* produzida pela elaboração imaginativa, -função psíquica primária e responsável pela constituição do comportamento humano- está próxima das raízes fisiológicas, não sendo, portanto, uma representação mental das funções corpóreas. Se não é representação mental, o que significam imaginação e fantasia para Winnicott no início do desenvolvimento humano? É necessário, então, introduzir a noção do *gesto espontâneo* para compreender que a fantasia/imaginação da elaboração imaginativa não está vinculada ao verbal e representacional no momento inicial da vida do bebê.

Um dos resultados principais da elaboração imaginativa é a transformação do funcionamento do corpo físico em comportamento humano:

> Ao longo de todo esse trabalho, o estudioso do psicossoma preocupa-se com as fantasias conscientes e inconscientes, por assim dizer, com a histologia da psique, a elaboração imaginativa de todos os funcionamentos somáticos que são específicos do indivíduo. Se duas pessoas balançam o dedo, o anatomista e o filologista verão uma semelhança essencial nos dois eventos. Para o estudioso do psicossoma, no entanto, à anatomia e à fisiologia da ação deve ser acrescentado o significado da ação para o indivíduo, e por isso, balançar o dedo é algo específico, em cada caso, ao indivíduo que o fez (WINNICOTT, 1988/1990, p. 45).

Winnicott, na citação acima, refere-se ao *gesto do bebê*, primeira forma de seu relacionamento com a mãe, ao utilizar a expressão *o significado da ação*. Tal gesto é espontâneo, advindo do próprio bebê. Por conseguinte, o gesto deve ser compreendido como um agrupamento motor que manifesta o impulso espontâneo,

ou seja, o movimentar-se do bebê no ventre da mãe, a busca de algo diante da tensão instintual no início da vida, o repouso, entre outros, serão a expressão do gesto do bebê. Tudo isso será elaborado imaginativamente. Como? A partir do gesto feito espontaneamente pelo lactente e reconhecido pelo ambiente acolhedor – a mãe presente para oferecer o seio, por exemplo. O gesto ganhará a significância pessoal para o bebê e a psique do bebê irá se alojando no corpo. Em outras palavras, o corpo vivo e tudo que decorre dele será vivido como próprio do bebê; é um apropriar-se do seu corpo por parte do lactente. De acordo com Loparic (2000), Winnicott ao falar da significância do repouso e da quietude, exemplifica a elaboração imaginativa e a sua tarefa de *dação de sentido*:

> Se a **satisfação é encontrada no momento culminante da exigência**, surge a recompensa do prazer e também o alívio temporário do instinto. A **satisfação incompleta e mal sincronizada resulta em alívio incompleto**, desconforto e na ausência de um período de descanso muito necessário entre duas ondas de exigências (WINNICOTT, 1988/1990, p. 57. Grifos nossos).

A significância, o sentido do repouso e da vivência instintual provêm da satisfação encontrada. Quando? Justa e oportunamente quando o lactente pode experimentar a exigência instintual no momento de sua culminância. Isso levará ao bebê a vivência pessoal da realidade instintual e do repouso. Já a falta de sincronização do *gesto espontâneo* do bebê e do acolhimento do ambiente, a mãe, produz alívio incompleto, desconforto e ausência de descanso e uma vivência não pessoal do si-mesmo, isto é, do próprio corpo.

É fundamental lembrar que a elaboração imaginativa da funções corpóreas, ainda que se torne mais complexa com o desenvolvimento das funções mentais, permanecerá tal como é ao longo da vida.

A partir da experiência infantil –elaboração imaginativa da função corpórea-, o corpo biológico vivo torna-se realidade psíquica para a criança; na linguagem específica de Winnicott, a psique se aloja no corpo.

> [...] ao me referir a satisfazer as necessidades do lactente não estou me referindo à satisfação dos instintos. **Na área que estou examinando os instintos não estão ainda claramente definidos como internos ao lactente.** Os instintos podem ser tão externos como o troar de um trovão ou uma pancada. O ego do lactente está criando força e, como consequência, **está a caminho de um estado em que as exigências do id serão sentidas como parte do self, não como ambientais** (WINNICOTT, 1960b/1983, p. 129. Grifos nossos).

Nota-se que, além de indicar uma externalidade do corpo vivo ao bebê, Winnicott faz alusão à satisfação da necessidade apresentada pelo bebê como caminho de personalização das exigências do id. A mãe criada/encontrada pelo lactente no momento em que as exigências instintuais se apresentam para ele constitui a via de acesso de apropriação do seu corpo vivo. Na perspectiva de Winnicott, nessa importante dinâmica, o fator essencial não é o prazer provindo da satisfação, mas a sustentação ambiental capaz de satisfazer a necessidade do lactente, favorecendo ao bebê a constituição de sua personalidade.

Assim sendo, para Winnicott, o psiquismo se formará a partir das experiências infantis, que se dão na interação entre o corpo vivo, articulado com o *gesto espontâneo* e as possíveis condições ambientais. A experiência infantil do soma, a partir do gesto espontâneo e o ambiente facilitador, têm a sua crucial relevância no desenvolvimento emocional. O autor, ao discorrer sobre o gesto espontâneo como o si-mesmo verdadeiro em ação, diz: "[...] provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e a respiração. Está intimamente ligado à ideia de processo primário e é, de início, essencialmente não-reativo aos estímulos externos, mas primários" (WINNICOTT, 1960b/1983, p. 135).

De acordo com Naffah Neto (2012), o entendimento da constituição do psiquismo apoiado nas funções biológicas não é novo no âmbito psicanalítico. O próprio Freud, ao teorizar sobre a sexualidade infantil, mostra o nascer da sexualidade apoiada nas funções fisiológicas[31]. Winnicott, a partir dessa ideia Freudiana, encontrou os fundamentos do gesto espontâneo e, consequente, da experiência por parte bebê do si-mesmo verdadeiro.

Contudo, a partir da reflexão empreendida até aqui, é evidente que Winnicott, ao formular a *elaboração imaginativa das funções corpóreas,* não está tratando da formação do psiquismo tal qual os pressupostos freudianos e da criação da sexualidade. O que está em questão para Winnicott, no início da vida, não é o desenvolvimento da sexualidade, mas o desenvolvimento do *si-mesmo*, isto é, o

---

[31] "É bastante conhecida a formulação freudiana em questão: a sensação de prazer, como aquele 'algo mais' do que a pura satisfação fisiológica da amamentação, que aparece apoiada nela, mas que somente se põe em movimento na ausência dela, por meio de uma alucinação do seio. Criação do desejo sexual como discriminado da necessidade fisiológica, muito embora apoiada nela" (NAFFAH NETO, 2012, p. 42).

alojar-se da psique no corpo, em outras palavras, o apropriar-se do corpo vivo como real. A sexualidade será constituída ao longo do desenvolvimento infantil, mas vai requerer a existência de um *si-mesmo* infantil capaz de apropriar-se do prazer emergido da satisfação fisiológica e dar-lhe um sentido erótico, formando, assim, a sexualidade humana[32].

Então, o que é a natureza humana para Winnicott? É a inter-relação destes dois aspectos: somático e psíquico, operada pela elaboração imaginativa das funções corpóreas. Em um primeiro momento, essa inter-relação dará base para o desenvolvimento do si-mesmo e, posteriormente, este si-mesmo em desenvolvimento apropriar-se-á do corpo biológico vivo e o sentirá como real.

Nesse sentido, o conceito winnicottiano de saúde emocional será caracterizado não só como ausência de doença, mas primordialmente como a dissociação destes dois aspectos: o físico vivo e o psíquico, sobretudo observados nos casos de *borderline* e psicose[33].

Posto isto, é importante que se explicite o conceito original winnicottiano do verdadeiro e do falso si-mesmo.

2.4 Os Conceitos de Verdadeiro e Falso Si-mesmo

Os conceitos de verdadeiro e falso si-mesmos, muito conhecidos entre os psicanalistas na atualidade, já podem ser encontrados no pensamento winnicottiano em sua publicação de 1949, *A mente e sua relação com o psique-soma*. No entanto, tais conceitos foram teoricamente bem definidos no artigo *Distorção do Ego em termos de verdadeiro e falso si-mesmo*, publicado em 1960.

O termo si-mesmo é utilizado na obra winnicottiana muitas vezes para se referir à identidade unitária do indivíduo atingida ao longo do processo de

---

[32] Naffah Neto (2012) faz notar que, para Winnicott, a sexualidade humana não se constitui como algo automático e imediato. O contato dele com pacientes psicóticos e *borderline* já adultos o fez perceber a vivência da sexualidade por parte deles como falsa, isto é, vivida de forma mecânica ou servindo a funções mais básicas de subsistência como uma necessidade de integração psicossomática. Esse tipo de vivência é falsa porque não é essencialmente destinada à busca de prazer, mas está em função de a pessoa continuar existindo, sem desfazer o vazio que sente.

[33] Naffah Neto (2012, p. 39) descreve um caso de seu paciente com características *borderline* em que, no início da análise, havia uma grande cisão entre a mente (o intelecto) e os sentimentos em função de quase não habitar o próprio corpo. Isso era perceptível em seus frequentes sonhos de estar voando, fazendo verdadeiros malabarismos acrobáticos realizados em pleno ar sem perspectiva de terra, solo.

amadurecimento, no estágio do Eu Sou. Pode-se também encontrar em sua obra o uso do si-mesmo no sentido de personalidade integrada. Winnicott teorizou que, antes da conquista da integração, não há si-mesmo, sendo o si-mesmo só um potencial no lactente. Um terceiro uso do termo está no livro *Natureza Humana* (1988), em que o si-mesmo é utilizado para descrição de qualquer experiência integrativa momentânea, antes do alcance da integração unitária num eu (Dias, 2012).

Essa última utilização do termo aparece tardiamente em sua obra ao formular os conceitos de mundo e de objetos subjetivos. O bebê, no encontro excitado com o objeto (subjetivo), momentaneamente, torna-se um por meio da identificação primária com o objeto, o bebê é o objeto. Essa é a primeira experiência de identidade do bebê. A partir dessa teorização, Winnicott se servirá da terminologia si-mesmo significando qualquer grau e forma de integração, ainda que incipiente.

Por conseguinte, a noção winnicottiana de si-mesmo refere-se à gradual integração de um ser humano em uma unidade a partir da não-integração. O processo maturacional facilitado por um ambiente suficientemente bom faz com que as potencialidades, o corpo, suas memórias corporais, sua temporalidade e espacialidade, de início subjetivas e depois objetivas, os estados de quietude e de excitação, a instintualidade, a fantasia, a externalidade do mundo sejam apropriados pela pessoa inteira numa identidade unitária.

Posto isto, é fundamental ter em conta que os adjetivos, “verdadeiro” e “falso” não se referem a tipos de *si-mesmo*. De acordo com Winnicott (1960b/1983, p. 135), a ideia de falso si-mesmo deve ser contrabalançada com a de verdadeiro, pois a formulação de verdadeiro só tem sentido para compreender a ideia de falso si-mesmo. Por que isso? Os adjetivos descrevem indivíduos que sentem que a sua vida pessoal é real ou não: uma pessoa que vivencia sua vida a partir do si-mesmo, experimentando a vida como real e valorosa, é denominada na linguagem winnicottiana como verdadeiro si-mesmo; ao contrário dessa ideia, podem-se compreender os indivíduos que experimentam sua vida a partir de uma submissão extrema à realidade externa, sentindo a vida pessoal como irreal e sem valor, o falso si-mesmo. Esses pacientes falso si-mesmo se sentem privados de vida emocional, de sentido de realidade e com muitas lacunas de memória de sua história. Nesses casos, será muito frequente a ausência de uma história de vida, predominando um

sentimento de vazio e incapacidade de encontrar sentido e realidade (NAFFAH NETO, 2007a).

Nesse horizonte, a noção de experiência constituirá o conceito fundamental para a compreensão do verdadeiro e falso si-mesmo no pensamento winnicottiano. Isso porque todo o corpo e o seu funcionamento só se tornam realidade pessoal por meio da experiência do bebê. A noção de experiência está no centro da teoria do amadurecimento humano de Winnicott.

Ao falar do conceito de experiência para Winnicott, faz-se mister ter presente que em seus escritos o conceito não se encontra claramente definido[34]. Ao longo de sua produção literária e tendo em consideração o amadurecimento humano, Winnicott o utilizou para referir-se a distintas situações do processo maturacional. Desse modo, o sentido do conceito de experiência na obra winnicottiana varia de acordo com o momento do amadurecimento. Nos estágios iniciais da vida do bebê, o termo experiência será usado para indicar a ilusão de onipotência, o início de integração no tempo e no espaço, bem como o alojamento da psique no corpo. Distinto dos momentos mais avançados do amadurecimento emocional, quando o conceito experiência indica alguma experiência do si-mesmo unitário já estabelecido e da realidade compartilhada.

Além da observação acima, o termo experiência na obra winnicottiana estará implicado com *os sentimentos do real*, ou seja, a concepção winnicottiana de que apenas aquilo que é pela experiência torna-se real e ganha um sentido pessoal na vida do indivíduo.

Em uma carta a Roger Money-Kyrle, em 1952, Winnicott descreve: “A experiência é um trafegar na ilusão, uma repetida procura de interação entre a criatividade e aquilo que o mundo tem a oferecer” (WINNICOTT, 1952/2005, p. 53). O que interessa aqui é saber que a noção de experiência em Winnicott é fundamentada num dos paradoxos fundamentais do desenvolvimento maturacional

---

[34] Dias (2012, p. 121) sugere que a falta de definição precisa do termo experiência na obra winnicottiana está relacionada com a sua aversão a todo tipo de construção teórica abstrata sobre os fenômenos humanos. Assim sendo, o termo não definido será simplesmente usado para que não seja só entendido pelo intelecto, porém remeta ao contexto especificamente humano dos processos de desenvolvimento. Os conceitos winnicottianos devem levar o leitor para o campo experiencial, colocando-o em contato direto com a situação vivida pelo indivíduo. De acordo com a pesquisadora da obra de Winnicott, o psicanalista inglês, ao falar do cuidado materno, por exemplo, mostra que ele se dá por meio da identificação da mãe com o bebê e não via ato mental deliberado. Assim, também intui-se o termo experiência na obra do autor.

do ser humano -criar aquilo que foi encontrado-, tendo assim a possiblidade de tornar-se pessoal e real para o indivíduo, isto é, a possibilidade de experienciar a vida a partir do si-mesmo verdadeiro. Assim, pode-se afirmar que o paradoxo do amadurecimento emocional, criar e encontrar, é a base da capacidade para a experiência do indivíduo, isto é, do si-mesmo verdadeiro.

Winnicott reconhece que as bases do si-mesmo verdadeiro encontram-se no gesto espontâneo. No estágio inicial do desenvolvimento emocional, é o si-mesmo verdadeiro de onde provém o gesto espontâneo e a ideia de pessoal. “O gesto espontâneo é o si-mesmo verdadeiro em ação. Somente o si-mesmo verdadeiro pode ser criativo e se sentir real” (WINNICOTT, 1960b/1983, p. 135). E, com o decorrer do processo de amadurecimento, o gesto espontâneo será vivido dentro da zona intermediária.

Portanto, a noção de experiência em Winnicott está ligada a sua clara ideia do viver criativo, que é um desdobramento do tema do si-mesmo verdadeiro. Para melhor compreensão, afirma-se mais uma vez que o viver criativo winnicottiano tem as suas bases no gesto espontâneo do bebê sustentado pelo ambiente acolhedor – a dita experiência paradoxal do bebê criar/encontrar o objeto, no início do amadurecimento altamente subjetivo, isto é, criado onipotentemente pelo bebê-. Posteriormente, será expresso na zona intermediária em que será composta pelo lúdico, pelo brincar e pela experiência cultural. Essa zona intermediária, que gradativamente vai se formando para o lactente e que tem as suas raízes na criatividade originária do bebê, possibilitará ao indivíduo adulto descansar entre a interminável luta daquilo que é pessoal e a daquilo que é compartilhado.

“A capacidade para a experiência está relacionada, portanto, à espontaneidade, à criatividade originária, à raiz do si-mesmo verdadeiro, em suma, ao ser” (DIAS, 2012, p. 120).

Pensando no brincar, no amadurecimento emocional e no ser criativo, Winnicott, no texto *O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self)* de 1971, também asseverou que é no brincar e apenas no brincar que é possível ao indivíduo ser criativo e usar de sua personalidade integral. E somente sendo criativo que o indivíduo descobre e vive o seu si-mesmo. Isso significa dizer que, na vivência do brincar, o indivíduo descobre e vive a ação criativa do si-mesmo, uma maneira de ser em que esse gesto criativo relaciona-se com o mundo criado e encontrado pelo si-mesmo.

Antes de concluir esse tópico, é importante recordar que Winnicott também utilizou de forma equivalente a noção de falso si-mesmo para indivíduos que vivem, a partir do seu si-mesmo, definindo-a como a face social do indivíduo (WINNICOTT, 1960b/1983, p. 136). Não se trata de uma defesa patológica, de uma cisão do si-mesmo, mas de uma face adaptativa do si-mesmo frente aos aspectos sociais, distinta de um lado irredutível, incomunicável e silencioso, isto é, o núcleo do verdadeiro si-mesmo, que não se submete. Aqui se encontra outra ideia winnicottiana interessante: o núcleo do verdadeiro si-mesmo.

> [...] o lactente desenvolve uma organização do ego que é adaptada ao ambiente; mas isto não ocorre automaticamente e na verdade só pode ocorrer se ante o self verdadeiro (como eu o chamo) se tornou uma realidade viva, por causa da adaptação suficientemente boa da mãe às necessidades vividas pelo lactente. Há um aspecto submisso do si-mesmo verdadeiro no viver normal, uma habilidade do lactente de se submeter e de não se expor. A habilidade de conciliação é uma conquista (WINNICOTT, 1960b/1983, p. 136).

No artigo *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos* (1963), teoriza sobre o núcleo do si-mesmo, que é incomunicável e silencioso. No centro da personalidade há si-mesmo verdadeiro e original que não se comunica com o mundo dos objetos percebidos. Além do mais, o indivíduo percebe que não deve se comunicar com a realidade externa ou compartilhada ou se deixar ser influenciado por ela.

> No centro de cada pessoa há um elemento não comunicável, e isto é sagrado e merece muito ser preservado. Ignorando por um momento as experiências ainda precoces e perturbadoras da falha da mãe-ambiente, eu diria que as experiências traumáticas que levam à organização das defesas primitivas fazem parte da ameaça ao núcleo isolado, da ameaça dele ser encontrado, alterado, e de se comunicar com ele. A defesa consiste no ocultamento ulterior do self mesmo no extremo de suas projeções e de sua disseminação infindável. [...] Para mim isto seria um pecado contra o self. Podemos compreender a raiva que as pessoas têm da psicanálise que penetrou um longo trecho personalidade humana adentro, e que provê uma ameaça ao ser humano em sua necessidade secretamente isolado. A pergunta é: Como ser isolado sem ter que ser solitário [*insulated*]? (WINNICOTT, 1963a/1983, p. 170).

É importante dizer que para o psicanalista inglês as doenças psíquicas têm a sua importância, visto que defendem o indivíduo contra a vivência das agonias impensáveis e protegem o seu verdadeiro si-mesmo presente desde os momentos primitivos de sua vida. O bebê se serve, por exemplo, de defesas psicóticas para

proteger-se das intrusões ambientais insuportáveis nos momentos iniciais da vida extrauterina, momentos de dependência absoluta. Tais defesas bloqueiam a tendência inata do indivíduo ao amadurecimento, impossibilitando a sua integração em uma identidade unitária. As defesas psicóticas inviabilizam o indivíduo construir uma história de vida com sentido pessoal e real. Pode-se inferir da original noção de verdadeiro e falso si-mesmo a contribuição winnicottiana: etiologia e tratamento das doenças emocionais. Além disso, tem-se uma ampliação do conceito de saúde: a enfermidade nesta lógica seria um modo de sobreviver e preservar o si-mesmo, embora bloqueado e empobrecido.

Quando o falso si-mesmo está cindido, adoecido, não se pode falar de experiência no sentido do termo winnicottiano. O verdadeiro si-mesmo não pode interagir criativamente com o ambiente. E assim sendo, "[...] todas as aquisições (da criança) se dão, primeiramente, por mimetizações e, num segundo momento, por introjeções de traços ambientais, formadores da casca adaptativa e desconectada do ser próprio da criança" (NAFFAH NETO, 2007a, p. 234). A partir dessa compreensão do conceito winnicotitano de experiência, o adoecimento psíquico – a psicose e os casos *borderline*- em suas distintas dinâmicas, será entendido como uma defesa contra as intrusões ambientais insuportáveis para o indivíduo.

Isso conduzirá a clínica winnicottiana a colocar no centro de sua teorização o conceito de experiência diretamente vinculado à noção de verdadeiro e falso si-mesmo, como elemento determinante entre a saúde e a enfermidade.

> Enquanto Freud se preocupava com as enredadas possiblidades de satisfação pessoal de cada indivíduo, para Winnicott essa satisfação seria apenas parte do panorama mais amplo das possibilidades para autenticidade pessoal do indivíduo, o que ele chamará de "sentir-se real". Na escrita de Winnicott, a cultura (que acontece no espaço potencial) pode facilitar o crescimento, assim como o pode a mãe; para Freud, o homem é dividido e compelido, pelas contradições de seu desejo, na direção de um envolvimento frustrante com os outros. Em Winnicott, o homem só pode encontrar si mesmo em sua relação com os outros, e na independência conseguida através do reconhecimento da dependência. Para Freud, em resumo, o homem era o animal ambivalente; para Winnicott, ele seria o animal dependente, para quem o desenvolvimento – a única "certeza" de sua existência –era a tentativa de se tornar "separado sem estar isolado" (PHILLIPS, 2006, p. 29).

É no solo conceitual traçado até aqui que Winnicott fará a reinterpretação das heranças psicanalíticas recebidas, tendo incidências significativas na sua proposta de enquadre terapêutico, no uso da interpretação, na possibilidade de

regressão do paciente em um ambiente terapêutico confiável, propiciador da retomada do crescimento pessoal, e no seu conceito de saúde emocional. Fiel à tradição psicanalítica, a sexualidade não será olvidada. No entanto, lida a partir da noção de verdadeiro e falso si-mesmo[35].

Nessa direção, os objetivos do tratamento analítico, do ponto de vista winnicottiano, não serão apenas rememorar e ressignificar o inconsciente recalcado, mas, a partir de novas experiências inter-relacionais com o analista, o indivíduo poderá integrar-se num si-mesmo como uma pessoa inteira e/ou retomar o crescimento pessoal (FULGENCIO, 2011). É bom frisar que Winnicott não excluiu os objetivos da análise propostos por Freud, sobretudo no tratamento dos casos de neurose, mas agrega à psicanálise esse novos objetivos, cruciais no tratamento das psicoses e dos casos *borderline*.

2.5 Ego e Id

Os termos ego e id foram utilizados por Winnicott ao longo de sua obra vinculados a sua compreensão teórica de 'animal humano', tendo presente o conceito de experiência e, consequentemente, a constituição do verdadeiro e falso si-mesmo como elementos estruturantes.

Nota-se que o termo *ego* estará presente em muitas expressões criadas pelo autor, a saber:

> [...] função do ego (ego-function), experiência do ego (ego-experience), ego corporal (body-ego), necessidades do ego (ego-needs), integração do ego (ego intregration), estrutura do ego (ego structure), organização do ego (ego-organization), distorção do ego (ego distortion), núcleos de ego (ego-nuclei), apoio egoico (ego-support), cobertura egoica (ego-coverage), relação de ego (ego-relatedness), desenvolvimento do ego (ego development), força do ego (ego-strengh), orgasmo do ego (ego orgasm), vida do ego (ego life), ego intacto (intact ego), ego observador (observing

[35] No que tange à sexualidade, Winnicott pensará que, como todo impulso vital para ser sentido como real deve passar pela experiência; o impulso sexual também deve ser experienciado e apropriado pelo si-mesmo. Caso não seja, constituirá uma pseudo-sexualidade. Para ilustrar esse tema, Naffah Neto (2005, p. 441) fala de um caso acompanhado por ele: uma paciente que, em momentos de angústia, buscava relações "sexuais" com diversos parceiros. De acordo com sua paciente, essa busca significava um forma de sentir-se viva, existindo e de não se dissolver no nada. A paciente sentia-se ameaçada de cair num grande vazio e utilizava-se do contato corporal para recompor a sua presença no mundo, sendo a busca de contato sexual uma forma de *holding/handling*. Para esse tipo de entendimento, é necessário tomar em consideração a noção de experiência (o gesto espontâneo e o espaço potencial) explicitada por Winnicott.

> ego) experiência de id ego-sintônica (ego-syntonic id experience), entre outras (TELLES DE DEUS, 2014, p. 33).

O que significa para Winnicott a terminologia ego?

Vale dizer que, em textos anteriores a 1962, Winnicott utilizou os termos ego e si-mesmo sem nenhuma discriminação, sendo impreciso no uso. Fordham, um analista junguiano e amigo de Winnicott, foi quem fez com que Winnicott percebesse o uso indefinido dos termos, tratados como se fossem sinônimos (WINNICOTT, 1964a/1994, p. 371).

Winnicott (1962a/1983, p. 55) fará uma afirmação esclarecedora de que ego é uma palavra utilizada "[...] para descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis, a se integrar numa unidade". O termo ego aqui é utilizado pelo psicanalista inglês para referir-se à tendência a integração dos aspectos psicossomáticos, dado que no início eles não estão integrados, e que, se tudo correr bem, serão gradualmente organizados em eu unitário. Essa tendência inata se desenvolverá por meio das tarefas realizadas pelo bebê e as suas respectivas conquistas, alcançando o estatuto do eu unitário referido também com o termo ego.

Pensando no termo ego como estatuto unitário alcançado, Winnicott já o deixou claro ao refletir sobre as formas clínicas da transferência na psicanálise, em um texto 1956, quando se refere à neurose de transferência e sua implicância para a relação analítica e essa, por sua vez, dependendo da conquista de um eu unitário:

> Olhando para trás, podemos perceber que os casos eram selecionados corretamente para a análise, quando a história primitiva do paciente mostrasse que ele teria sido *cuidado de modo suficiente bom*. Essa adaptação inicial suficientemente boa à necessidade teria dado ao ego individual a possibilidade de ser, e **como resultado**, os *estágios iniciai*s do estabelecimento do ego *podiam ser considerados* pelo analista *um fato consumado.* [...] a neurose de transferência, para qual certamente preciso que haja um ego (estabelecido com entidade), e na verdade um ego intacto, capaz de manter defesas contra a ansiedade derivadas dos instintos – e de assumir responsabilidade pelas mesmas. [...] Sempre que há ego intacto e o analista pode ter certeza sobra a qualidade dos cuidados iniciais, o contexto analítico revela-se menos importante que o trabalho interpretativo (WINNICOTT, 1956/2000, p. 393, 395. Itálicos do autor, grifo nosso).

Assim, é possível afirmar que o termo ego será usado num sentido modificado na teoria winnicottiana, sendo identificado em dois sentidos convergentes: como tendência ao amadurecimento e como eu, no sentido dos

pronomes utilizados na língua inglesa *Me* ou *I*, *I am*, isto é, como resultado da conquista da tarefa integrativa, o alcance da identidade unitária (DIAS, 2012; FERREIRA, 2011; FULGENCIO, 2014). Depois de ter compreendido a definição winnicottiana de ego, consideremos o termo id.

É mister, antes de tudo, ter em conta que a visão freudiana de homem, formulada na segunda teoria pulsional ou segunda tópica, foi fundamentalmente calcada no conflito pulsional, Eros e Tânatos, sendo eles, dois impulsos intrínsecos à natureza. E a partir dessa perspectiva, o ego será concebido como parte do aparelho psíquico, emergindo do id, como uma transformação do id, a partir do contato com o princípio da realidade. O id, regido pelo princípio do prazer, conforma a sexualidade já no início da vida humana, especificamente, já na primeira mamada do bebê.

Em Klein, observa-se que a visão de homem freudiano é levada até as últimas consequências, haja vista que o homem kleiniano é concebido como um ser atravessado pelos conflitos disjuntivo e conjuntivo entre a pulsão de vida e de morte, tendo por isso que se cindir em pedaços, estabelecendo desde o início uma diferenciação entre o interior e o exterior, fantasia e realidade. Para dar conta do conflito pulsional, o bebê se servirá de mecanismos de projeção e introjeção dos objetos maus/bons já nos primeiros instantes da vida extrauterina, e isto será denominado por Klein como mecanismos de defesa do ego. Em linhas gerais, Klein entenderá o ego tal qual Freud; no entanto, colocará a sua existência no início da vida da criança, distinguindo-se do pensamento freudiano em que, como já explicitado, advém do contato do id, princípio do prazer, com a realidade.

Assim, na perspectiva de Freud e de Klein, o psíquico pensado como representacional, a partir do conflito pulsional, já é algo dado no início da vida do lactente. O bebê terá que lidar com um mundo fantasmático formado pela pulsão que se inscreve de imediato no indivíduo desde sua tenra infância.

Muito distinto será o pensamento winnicottiano sobre essas questões. Winnicott pensou que na constituição do psiquismo a partir de um processo gradual de amadurecimento, que vai da não integração à integração numa identidade unitária, tanto o processo como o resultado dele expressam-se como ego, EU SOU. E é num processo gradual de amadurecimento da identidade unitária que o impulso instintual pode habitar o corpo, isto é, torna-se pessoal.

Dessa forma, Winnicott, entendeu o termo id sob outra perspectiva: “[...] não há id antes do ego. Somente a partir desta premissa que se pode justificar um estudo do ego” (WINNICOTT, 1962a/2000, p. 55). Busquemos compreender essa significativa ideia winncottiana.

O id[36] no pensamento winnicottiano diz respeito aos aspectos instintivos *da existência psicossomática*. Isso implica dizer que o id não se refere apenas ao simples aspecto funcional do corpo, mas corresponde ao funcionamento do corpo elaborado imaginativamente, àquilo que depreende do funcionamento corporal, organismo vivo (a fome, o dormir, o mover-se, entre outros) e é organizado de maneira que não é mais o corpo.

> No corpo de um recém-nascido anencefálico podem ocorrer acontecimentos funcionais, inclusive localização instintiva, acontecimentos esses que seriam vivências da função do Id, se houvesse um cérebro. Poder-se-ia dizer que, se houvesse um cérebro normal, haveria um organização dessas funções, e a essa organização se poderia dar o rótulo de ego. Contudo, sem aparato eletrônico não há experiência, e consequentemente, não há ego. Contudo, normalmente o funcionamento do Id não é perdido; ele é reunido em todos os seus aspectos e passa a ser experiência do ego. **Assim, não faz sentido usar a palavra “Id” para fenômenos que não são registrados, catalogados, experienciados e finalmente interpretados pelo funcionamento do ego** (WINNICOTT, 1962a/2000, p. 56. Grifo nosso).

Os impulsos instintuais aparecem repetidas vezes na vida do lactente. Todo impulso instintual é caracterizado por uma forte excitação e uma demanda de ação para que seja realizada, denominado na linguagem de Winnicott de estado de excitação. Ao alcançar a satisfação do impulso instintual exatamente no momento da excitação, surge a recompensa, o prazer, e o alívio momentâneo em relação ao instinto, o que Winnicott denominou de estados tranquilos.

Essas pressões instintuais são vividas pelo lactente como algo externo a ele nos momentos iniciais do desenvolvimento primitivo devido a sua imaturidade, isto é, a não integração numa identidade unitária. A esse respeito, Winnicott sustentou: “[...]

---

[36] “Na linguagem winnicottiana, o id será sinônimo de vida instintual, no início da vida, e posteriormente, caracterizado como vida sexual. Em nenhum momento da obra de Winnicott o Id será concebido com um sistema ou instância pertencente a um constructo teórico, o aparelho psíquico freudiano, com a finalidade de descrever e definir o psiquismo e seu funcionamento. Como observa Green, Winnicott não usa a noção de aparelho psíquico, mas versa a sua teoria sobre a estrutura e organização da vida emocional. E isso não deve ser lido como uma mera questão de nomenclatura, nomes diferentes para as mesmas coisas. O autor está tratando de fenômenos díspares com implicações epistemológicas e metodológicas diversas e, consequentemente, com importantes divergências teóricas e clínicas para a psicanálise” (FULGENCIO, 2013, p. 103).

os instintos podem ser tão externos como um trovão ou uma pancada" (1960b/1983, p. 129). Deste modo, a externalidade dos instintos está relacionada ao si-mesmo ainda não integrado, não sendo possível a vivência das pressões instintuais como uma experiência pessoal.

O processo de integração do si-mesmo em uma identidade unitária é possibilitado por meio da vivência do paradoxo - o bebê no momento em que é atravessado pela pressão instintual, por exemplo fome, cria o seio disponível para ser encontrado, colocando-o assim em sua área de onipotência. O ambiente facilitador, por meio da sustentação deste gesto espontâneo do bebê ,vai gradualmente possibilitando a integração num si-mesmo e a conquista de uma identidade unitária ao lactente, de tal modo que as pressões instintuais poderão ser experimentadas como pessoais e reais.

É desse processo de integração que, posteriormente, depreende-se a vivência da sexualidade, ou seja, uma maneira de viver a instintualidade[37]. Apesar de, no início, o lactente não ter maturidade suficiente, isto é, possuir um ego frágil na linguagem winnicottiana, para viver a instintualidade como fantasia e o reconhecimento de excitações corporais associadas a determinadas partes do corpo, ele experimenta excitações corporais que são registradas, catalogadas e constituem a experiência do id. Ao mesmo tempo, outra essencial e fundante experiência estará sendo vivida por ele, ligada ao desenvolvimento do ego e ao amadurecimento humano: a necessidade de ser e continuar sendo. E é o ambiente facilitador por meio da adaptação às necessidades do infante nos estados de excitação e de tranquilidade que garantirá o ser e continuar sendo dele e que as experiências tornam-se pessoais.

Para Winnicott, a teoria da sexualidade explica o desenvolvimento instintual e a maneira de lidar com ele. Contudo, ela não pode explicar completamente o amadurecimento humano, isto é, como o bebê apropria-se do seu próprio corpo vivo, vivendo os impulsos instintuais como reais e próprios. Desse modo, o amadurecimento humano se dá a partir de dois aspectos complementares e

---

[37] Fulgencio (2013, p. 100) afirma que "[...] instintualidade e sexualidade não são a mesma coisa na obra winnicottiana". Os instintos estão presentes na vida do bebê desde o início. No entanto, a maneira de viver a vida instintual, isto é, a sexualidade, exige um grau de maturidade e vai se conformando ao longo do processo de amadurecimento, em especial, alcançando no estágio edípico, em que relacionamentos interpessoais estarão permeados por sensações e fantasias de natureza erótica e deverão ser administradas nas relações interpessoais.

díspares: o desenvolvimento do ego, isto é, a conquista da identidade unitária, e os instintos e tudo aquilo que deriva dos instintos a nível de fantasia.

A partir da experiência clínica, Winnicott observou que existem pacientes psicóticos que vivem os seus impulsos sexuais de modo inteiramente físicos, biológicos, sem nenhuma pessoalidade e realidade para si, isto é, não tendo uma existência psicossomática. Soma e psique não se inter-relacionam aí. Isso quer dizer que a vida instintual não é experienciada como um aspecto pessoal e real do indivíduo, mas como uma excitação puramente física sem nenhum sentido pessoal. Assim, o psicanalista inglês chegou à conclusão de que a integração dos impulsos instintivos não se dá na vida do infante aprioristicamente, bem como não é uma tarefa própria da vida instintual. É fundamental para tal integração o desenvolvimento do ego.

Assim, quanto ao amadurecimento humano, na ótica winnicottiana, não se trata apenas de uma gestão da vida instintual –por mais que essa seja importante– mas, em primeiro lugar, de integrar-se como pessoa e, posteriormente, o reconhecimento da vida instintual presente desde o início da vida extrauterina. É somente por meio do desenvolvimento do ego, que se dá em um ambiente facilitador –onde os processos de elaboração imaginativa das funções corpóreas, o do paradoxo de criar o encontrado e outras tarefas integrativas podem ser realizadas- que a experiência de id se constitui, tornando real e pessoal e fazendo emergir a sexualidade. É neste sentido que o id só terá sentido, na visão winnicottiana, a partir do estudo do ego.

Em outras palavras:

> [...] o processo de desenvolvimento deve considerar, em primeiro lugar, a constituição do ego (tomado aqui como sinônimo de um tipo de integração à qual o indivíduo alcança), primeiro como um tipo de experiência fugaz (a experiência de ser associada ao self que encontra os objetos subjetivos [objeto criado pelo bebê] com a ajuda do ambiente), para se consolidar mais firmemente em termos da diferenciação mais estável que separa o Eu do não eu, como também, num momento mais tardio, alcançando o estado em que o indivíduo é uma pessoa inteira que se relaciona com os outros como pessoas inteiras. É também neste sentido que Winnicott diferencia o ser do fazer, colocando que, primeiro, devemos conquistar a possibilidade efetiva de ser para, depois, ter sentido tudo aquilo que se pode fazer (e, como um dos aspectos deste fazer, o fazer que diz respeito às pressões instintuais e ao encontro erótico (FULGENCIO, 2013, p. 99).

Tais considerações questionam e analisam o pressuposto psicanalítico tradicional da existência da sexualidade no início da existência humana, nas primeiras mamadas. Winnicott concebeu a constituição da sexualidade, como tudo na vida, dependendo estritamente do desenvolvimento do ego, isto é, do amadurecimento de uma identidade unitária.

Antes de concluir este capítulo, cabe também uma palavra sobre a pulsão de morte. Winnicott rejeitará esse conceito e as razões estão ancoradas em tudo aquilo que se descreveu até o momento, em especial, na força estruturante do conceito de experiência no pensamento winnicottiano para a constituição do psiquismo.

Como pediatra e psicanalista, Winnicott observou bebês e suas mães, buscando reconstruir as fases mais arcaicas do psiquismo, elaborando assim uma teoria do desenvolvimento emocional do ponto de vista do bebê. Nesse sentido, os seus achados clínicos o conduziram aos impulsos amorosos e os agressivos presentes e experienciados conjuntamente como fatores de uma mesma dinâmica no início da vida dos bebês. Por conseguinte, tais observações são o substrato de sua visão monista e não dualista dos impulsos.

A clínica de Winnicott com psicóticos e *borderline* regredidos a um estágio de dependência absoluta fez com que ele encontrasse a repetição de experiências traumáticas e a sua função saudável de criar possiblidades de reviver o trauma num ambiente mais adequado. A repetição da experiência traumática num ambiente saudável pode favorecer ao indivíduo que os acontecimentos que ficaram cindidos em sua personalidade por não terem sido experienciados –o acontecido não acontecido, porque o indivíduo não estava presente-, possam ser integrados no si-mesmo. Portanto, Winnicott destacou o aspecto saudável da repetição das experiências traumáticas e não de pura descarga ou de transformação de energia livre em energia ligada, como formula Freud em *Além do princípio do prazer* (1920).

De acordo com Nafahh Netto (2007a, p. 237), em Freud, a compulsão à repetição não equivale conceitualmente à pulsão de morte, porém foi desse fenômeno repetitivo que Freud deduziu a ideia de um impulso natural de retorno a um estado inorgânico. Winnicott, ao contrário de Freud, não se serve do conceito de pulsão de morte para explicar os fenômenos repetitivos. À luz da teoria do amadurecimento pessoal, o pediatra inglês mostrou que os impulsos agressivos/destrutivos não pressupõem uma pulsão de morte, como definido por Freud. Tais impulsos devem ser considerados complementares ao observar o amor

primitivo do bebê – o bebê ao mamar é incompadecido com o objeto (*ruthless)*, mas isso não tem ainda um sentido intencional de agressividade nos momentos iniciais da vida dele.

Retomando, os conceitos de id e ego no pensamento psicanalítico winnicottiano não podem ser tomados tal qual Freud os concebeu. Winnicott, na sua descrição dos fenômenos clínicos, tendo presente a teoria do amadurecimento emocional, utilizou-os calcando o seu significado na noção de experiência, da qual os conceitos do verdadeiro e falso si-mesmo são teorizados.

Em breves palavras, a partir das considerações feitas até aqui, é possível afirmar que Winnicott releu a teoria psicanalítica buscando responder o que faz com que a vida humana seja real e valorosa. Isso incidirá numa série de formulações teóricas inovadoras sobre a constituição do ser humano, do psiquismo e, consequentemente, da prática clínica ou, como Winnicott gostava de dizer, o modo de cuidar de ser humano. E é nesse sentido que "[...] o valor que, segundo Winnicott, deve presidir a atividade psicanalítica de resolução de problemas não é maximizar o prazer, objetivo, do programa do princípio do prazer, mas contribuir para que os pacientes consigam levar uma vida que, mesmo sofrida, valha a pena ser vivida" (LOPARIC, 2012, 108).

Loparic (2011) em seu estudo da obra de Winnicott afirma que as pesquisas winnicottianas sobre a natureza humana abandonam os pressupostos especulativos de Freud: o tópico, o econômico e o dinâmico.

O fator econômico, ou seja, o quantitativo foi substituído pelo aspecto crucial da vida humana: a tendência à integração numa unidade favorecida por um ambiente suficientemente bom. Daí decorre a teoria da etiologia dos distúrbios emocionais, sendo os traumas concebidos não pela severidade ou a intensidade da intrusão, do ponto de vista do observador, mas pela sua característica de não ser oportuno ao lactente (LOPARIC, 2012). O ponto de vista dinâmico e conflitivo do dualismo pulsional, como proposto por Freud, ao explicar o aparelho psíquico, é substituído na psicanálise winnicottiana pelo impulso amoroso primitivo destrutivo (LOPARIC, 2011).

2.6 As Formulações Psicanalíticas Winnicottinas e o Estar Só como Conquista

Até aqui foram explanados alguns elementos centrais do pensamento psicanalítico winnicotiano. Qual a relevância desses elementos centrais da psicanálise winnicottiana para o tema do nosso estudo?

A partir das observações clínicas, Winnicott colocou como tema central de suas investigações psicanalíticas o desenvolvimento emocional da natureza humana. A teorização psicanalítica produzida até então por Freud e Klein, os seus principais interlocutores no âmbito psicanalítico, não lhe era suficiente para explicar os adoecimentos dos psicóticos, chegando a formulações inovadoras e originais em relação à constituição da natureza humana e o desenvolvimento dela. A tendência inata à integração numa identidade unitária será a característica principal da natureza humana e sua interrupção incidirá no adoecimento psíquico.

A nosso ver, *A capacidade de estar só* (1958) condensará essas inovações psicanalíticas propostas por Winnicott sobre a constituição da natureza humana. Essa capacidade terá em conta a tendência inata ao crescimento a tal ponto de representar um significativo sinal de que a referida tendência não foi interrompida, quando o indivíduo é incapaz de estar só.

O estar só como conquista remete às questões egoicas do indivíduo. Em Winnicott, o ego dará o sentido de pessoalidade e realidade aos impulsos do id. Nesse sentido, o indivíduo que atingiu um ego integrado terá a capacidade de estar só. A temática do ego nos momentos primitivos do bebê, quando tem um ego incipiente e evanescente, está vinculada estritamente aos cuidados maternos. A mãe como um ego-auxiliar favorece ao bebê, por meio de inúmeras experiências de cuidados suficientemente bons –adequados à necessidade dele-, a possibilidade de ir fortalecendo e enriquecendo o seu ego num movimento integrativo.

Por conseguinte, as bases do estar só como capacidade são localizadas, na visão de Winnicott, na vivência do *bebê sustentado pela mãe em seu colo*. E é nessas experiências de sustentação no colo materno, especificamente, nos momentos tranquilos do bebê, que as bases da capacidade de estar só vão se constituindo na vida do indivíduo.

Em Freud, a solidão toma os contornos da angústia de castração próprios da clínica da neurose. À luz da investigação do animal humano, Winnicott pode

conceber um caminho de integração das experiências vividas, favorecido pelo ambiente acolhedor, que resultará no fortalecimento do ego do bebê, abrindo, assim, a possibilidade de estar consigo mesmo na presença confiável de alguém, sem sentir-se abandonado e angustiado. Quando isso não é possível devido a um ambiente ameaçador – seja intrusivo ou não disponível - o indivíduo se isolará em um falso si-mesmo para proteger seu verdadeiro si-mesmo.

Por conseguinte, Freud em seu arcabouço teórico conceberá a solidão como medo do abandono e frustração. Em outra perspectiva, Winnicott positivou a solidão, enfatizando-a como capacidade, tendo as suas raízes nas experiências de mutualidade e confiabilidade[38] da relação mãe-bebê. Isso quer dizer que a mãe suficientemente boa será promotora da capacidade do infante estar só consigo mesmo, ainda que ele não reconheça a figura materna nos momentos de dependência absoluta.

Assim, "[...] o bebê que tem uma mãe suficientemente boa terá melhor capacidade de enfrentar a solidão, ou seja, seu isolamento não é apenas uma fuga de um ambiente ameaçador, mas é também uma fuga em direção a 'uma privacidade regeneradora'" (FORLENZA NETO, 2011, p 85). Para compreender mais o processo de aquisição desta capacidade, apresentamos a seguir a teoria do amadurecimento emocional primitivo proposta por Winnicott.

---

[38] Na teoria winnicottiana, a confiabilidade é um elemento essencial fornecido pelo ambiente facilitador, isto é, os cuidados maternos, para constituição da personalidade saudável. Assim, nos períodos iniciais da vida do bebê, as experiências de confiabilidade lançam as bases da constituição da identidade pessoal dele, e, em decorrência disso, instala-se o sentido de realidade da experiência vivida, podendo assim o indivíduo experimentar os instintos como pessoais e reais, bem como a realidade externa. A confiabilidade é experienciada na vivência de mutualidade mãe-bebê que sustenta as experiências do lactente no tempo e no espaço por meio dos cuidados maternos físicos. No artigo *A experiência mãe-bebê de mutualidade,* publicado em 1970, Winnicott deixa clara a importância da mutualidade nos estágios iniciais e a experiência de sustentação (*holding*) como fator crucial para a confiabilidade. Tais elementos são as bases para a formação da capacidade de estar só, como veremos mais adiante.

3 TEORIA DO AMADURECIMENTO EMOCIONAL EM D. W. WINNICOTT

Os fenômenos humanos, tanto saudáveis como doentios, não podem ser compreendidos, do ponto de vista winnicottiano, sem situá-los na linha do amadurecimento pessoal dos indivíduos. Winnicott (1984b/2011) considerou a teoria do amadurecimento pessoal a *espinha dorsal* do seu trabalho teórico e clínico. Por esse motivo, faz-se necessário discorrer aqui sobre a teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott, buscando entender as bases empíricas do fenômeno: a capacidade de estar só.

Utiliza-se como base deste capítulo a reconhecida pesquisa de doutorado de Elsa de Oliveira Dias sobre a teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott, publicada em 2003 em forma de livro. Entre muitas contribuições do referido estudo, destaca-se a teoria do amadurecimento pessoal apresentada como elemento unificador do pensamento psicanalítico winnicottiano, derivando dela a sua visão de natureza humana, a sua visão psicopatológica e, consequentemente, a sua técnica de intervenção clínica.

3.1 Aspectos Gerais da Teoria do Amadurecimento Emocional

Vale a pena explicitar que a teoria do amadurecimento emocional de D. W. Winnicott parte da concepção de que todo indivíduo é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento, isto é, *à integração em uma unidade,* e de que os aspectos saudáveis ou doentios na vida humana estão associados ao processo de amadurecimento do qual tiveram origem.

A teoria do amadurecimento emocional constitui uma mostra concreta da substancial mudança de linguagem para tratar os fenômenos humanos. Fala-se aqui de substancial, uma vez que tal mudança implica uma modificação conceitual significativa para tratar do fenômeno psíquico no âmbito psicanalítico, até então, não considerado por Freud e Klein.

Em consequência dessa expressiva mudança de linguagem para a descrição do desenvolvimento do fenômeno psíquico, encontramos a palavra *estágio* referindo-se às fases ou às etapas do desenvolvimento emocional. O que são os estágios do amadurecimento no pensamento winnicotitano?

A palavra *estágio* carrega consigo o fato de que não se pode precisar com objetividade, mas, sim, aproximadamente, a idade cronológica em que eles acontecem. Dependerá de cada bebê e de um ambiente favorável adaptado à necessidade dele para que tais processos sejam realizados.

Os vários estágios constituem-se de tarefas e de conquistas de naturezas distintas, que são vividas ao longo do processo do amadurecimento emocional, postas pela própria tendência inata à integração na unidade[39]. Conforme o amadurecimento emocional vai se dando, os estágios ficam mais complexos e, se tudo correr bem, o indivíduo lidará bem com as exigências próprias de sua faixa etária.

> [...] a criança se transforma no homem ou na mulher, nem cedo demais, nem tarde demais. A meia-idade chega na época certa, com as mudanças igualmente adequadas, e finalmente a velhice vem desacelerar os vários funcionamentos até que a morte natural surge como a derradeira marca da saúde (WINNIOCOTT, 1988/1990, p. 30).

Winnicott reconhece a presença de aspectos biológicos implicados na tendência herdada ao desenvolvimeto emocional no ser humano. Num texto de 1954 intitulado *Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico,* refere-se à existência de um impulso biológico por trás da progressão (evolução do indivíduo) que está contida na tendência à integração, sendo esse progresso anterior ao nascimento (1955a/2000, p. 377). Isso não significou, em seu pensamento sobre o desenvolvimento humano, um apelo ao determinismo causal nem explica totalmente o sentido do amadurecimento humano como tendência herdada.

Para Winnicott, a natureza humana não se reduz ao que é natural no homem, ao seu corpo biológico. Além do corpo biológico, o ser humano tem como característica natural a capacidade de *elaboração imaginativa das funções corpóreas*, deixando de ser apenas um corpo biológico, mas sendo permeado por experiências emocionais e conquistando um sentido pessoal que a imaginação lhe atribui (PLASTINO, 2014, p. 120).

Assim, o psicanalista inglês ressalta:

---

[39] Somente no livro *Natureza humana* de Winnicott pode-se encontrar uma apresentação sequencial dos estágios do amadurecimento.

> A dinâmica é o processo de crescimento, sendo este herdado por cada indivíduo. **Toma-se como certo, aqui, o meio ambiente facilitador e suficientemente bom, que, no início do crescimento e desenvolvimento de cada indivíduo**, constitui *sine que non*. Há genes que determinam padrões, há uma tendência herdada a crescer e alcançar maturidade; entretanto, **nada se realiza no crescimento emocional, sem que esteja em conjunção à provisão ambiental**, que tem de ser suficientemente boa (WINNICOTT, 1968a/1975, p.188. Grifos nossos).

Do ponto de vista winnicottiano, nota-se também que a tendência herdada ao crescimento emocional envolve a participação do ambiente de forma decisiva e constitutiva. As tendências herdadas fornecem o dinamismo do processo, tendo o seu ápice na integração egoica enquanto que a singularidade de cada indivíduo advém do relacionamento entre o ambiente e a produção imaginária[40] do bebê. Em outras palavras, a tendência natural ao crescimento não deve ser considerada como um efeito de uma causa. Esse aspecto importante da teoria do amadurecimento emocional se desenvolve a partir do contato com o ambiente facilitador que, por sua vez, possibilita a incorporação das experiências do indivíduo provenientes de sua criatividade, sendo assim possível a conquista do amadurecimento humano.

Neste sentido, no pensamento winnicottiano, ao analisar qualquer distúrbio psíquico, deve-se ter presente a combinação entre os fatores herdados e os ambientais. Todavia, tanto o ambiente como a hereditariedade, numa ótica psicológica –desenvolvimento emocional humano-, são externos à vida e à experiência individual da psique no seu início. Eles só farão parte da personalidade do bebê, caso ele se aproprie deles por meio da experiência, conceito já tratado no capítulo anterior.

Dias (2012) explicita que Winnicott constatou em sua clínica com psicóticos que, a maioria das vezes, o fator hereditário, no sentido orgânico, é irrelevante e inexistente. Em casos em que esse fator hereditário é atuante, as complicações psicológicas serão secundárias, derivadas de um transtorno que é físico. Assim, devem-se distinguir os transtornos psicológicos de base somática dos distúrbios psíquicos, problemas provenientes do processo de amadurecimento. Os distúrbios psíquicos são sempre derivados de problemas no processo do amadurecimento, da falta de adaptabilidade do ambiente ao bebê. Muitas vezes os distúrbios psíquicos estão agregados aos transtornos de natureza somática devido à falta de adaptação

---

[40] A terminologia imaginária é usada no sentido winnicottiano como destacado no capítulo anterior.

dos pais à criança. Desse modo, no amadurecimento pessoal, o que pesa são os cuidados adaptativos da mãe ao bebê com suas características singulares, mesmo quando problemas orgânicos estão em jogo. Assim, se houver condições especiais do ambiente facilitador, o indivíduo pode apresentar um amadurecimento emocional saudável[41].

Winnicott, ao pensar a tendência ao amadurecimento como inata e o ambiente favorável propiciador do desenvolvimento emocional sadio, não deixa de levar em consideração a relevância de um aparato cerebral saudável para que esses processos de saúde se instalem.

> Para que possa compreender qualquer um dos pontos acima (a relação psique e soma), é preciso estudar uma pessoa em desenvolvimento que esteja fisicamente saudável, pois somente presumindo-se *a ausência de doenças físicas* é que um estudo tão complexo seria possível. Se admitimos a ausência de doenças corporais primárias, podemos passar a examinar o gradual entremesclar do corpo e da psique daquela pessoa, e certos princípios básicos podem então ser formulados (WINNICOTT, 1988/1990, p. 46. Itálicos do autor).

Por conseguinte, dado o relevante papel que a provisão ambiental tem na teoria winnicottiana do amadurecimento emocional, pode-se asseverar que o fato de o indivíduo ser saudável do ponto de vista físico não necessariamente implica um desenvolvimento emocional saudável.

Abordemos agora a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional, buscando o entendimento do fenômeno capacidade de estar só. A base desse fenômeno é construída desde a vida intrauterina do bebê, prosseguindo-se nos estágios primitivos de dependência absoluta, dependência relativa e independência relativa. As raízes de tal capacidade são experimentadas no colo da mãe, quando o bebê nada sabe de si, da mãe e do mundo. E no evoluir do desenvolvimento emocional, o indivíduo poderá experimentá-la, porque foi capaz de integrar em si essa experiência inicial. Descreveremos agora os processos vividos pelo bebê no

---

[41] Em um dos artigos, intitulado *Sobre as Bases para o Self no Corpo*, Winnicott (1971a/1994, 204-206), reporta ao caso de um menino nominado por ele de Liro que tinha nove anos e nove meses de idade e era portador de uma doença física e hereditária, sindactilia. O psicanalista inglês descreve esse caso acentuando a importância dos cuidados ambientais maternos adaptados à situação especificada do bebê, permitindo-lhe a constituição do sentido de ser um si-mesmo sadio. A sua conclusão a partir desse caso sobre a constituição de um si-mesmo sadio foi: “De começo [vida primitiva infantil], a normalidade para a criança deve ser a sua própria forma e função somática. Tal como começa, assim tem de ser aceito, e assim tem de ser amado. É uma questão de ser amado sem sanções” (WINNICOTT, 1971a/1994, p. 205).

colo de sua mãe, a progressiva saída deste colo e pouco a pouco o estabelecimento dos relacionamentos interpessoais.

3.2 Solidão Essencial

Winnicott chega ao conceito de solidão essencial a partir de suas observações clínicas dos bebês e dos psicóticos que o levam a perguntar-se “Qual é o estado do indivíduo, quando o ser emerge do não-ser?” e responde o autor: “No princípio, há uma solidão essencial” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 154).

A solidão essencial é o estado do ser ao emergir do estado de não-ser, do não estar-vivo, antes mesmo que se iniciem as tarefas integrativas. “No início, antes que cada indivíduo crie o mundo novamente, existe um simples estado de ser, e uma consciência incipiente da continuidade do ser e da continuidade do existir no tempo” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 157).

Neste sentido, para Winnicott, o ser humano não emergirá do inorgânico, mas da solidão essencial. E é a partir do estado de solidão essencial que buscará a integração numa identidade unitária.

O bebê aqui, embora dependa absoluta e totalmente do ambiente, não sabe desta dependência, e é saudável, na visão winnicottiana, mesmo que não saiba. Ele ainda não é capaz de perceber o ambiente como algo externo nem interno a si, até porque ele ainda não possui um si-mesmo integrado em uma unidade que lhe permita tal vivência, não havendo nem um dentro e nem fora do bebê. Dessa forma, no entendimento winnicottiano, o desenvolvimento emocional saudável só será possível se essa condição paradoxal for sustentada por uma mãe suficientemente boa, lançando assim as bases da constituição psíquica saudável. Esse desconhecimento da dependência absoluta do ambiente e, ao mesmo tempo, dependência máxima do ambiente, uma vez garantidas por um ambiente suficientemente bom, possibilita-lhe que a continuidade de ser não seja perturbada por intrusões.

> Ao examinarmos as raízes mais precoces do desenvolvimento emocional, encontramos uma dependência cada vez maior. Nos estágios iniciais a dependência do ambiente é tão absoluta que não há utilidade alguma em pensarmos no novo indivíduo humano como sendo ele a unidade. [...] Neste estágio tão inicial não é lógico pensarmos em termos de um indivíduo, e não

> apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um self individual capaz de discriminar entre o Eu e o não-Eu [...] A proposição de uma condição deste tipo envolve um paradoxo. No princípio há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo, tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima. Aqui, neste início, a continuidade do ser do novo indivíduo é destituída de qualquer conhecimento sobre a existência do ambiente e do amor nele contido, sendo este o nome que damos (nesse estágio) à adaptação ativa de uma espécie e dimensões tais, que a continuidade do ser não é perturbada por reações contra intrusão. (WINNICOTT, 1988/1990, p. 153/154).

Para Winnicott, a solidão essencial manterá a tensão entre não-ser e o ser. Isso implica afirmar que o ser humano, ao longo da sua existência, vai encontrar-se comprometido com a dialética do ser e do não ser de que decorre o ser, o paradoxo na linguagem winnicottiana. O não poder manter-se nessa "tensão" é o que possibilita o aparecimento das doenças emocionais.

A dinâmica do não ser ao ser subjaz a toda teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott: da não integração à integração. Uma pergunta se coloca aqui: O que torna possível o caminho de integração? Os cuidados ambientais suficientemente bons necessários para que o bebê vá se integrando em um si-mesmo unitário.

O bebê não pode existir sozinho. A sua própria natureza lhe impõe um tanto de necessidades que não podem ser satisfeitas por ele próprio. Ou seja, sozinho o bebê não é, ele precisa da presença de uma pessoa que cuida, sustenta e protege.

> No início há não-integração, não há vínculo algum entre corpo e psique, e não há lugar para uma realidade não-Eu. Teoricamente, este é o estado original, não padronizado e não planificado. **Na prática isto não é verdade, pois o bebê está sendo cuidado, ou seja, amado, e isto quer dizer fisicamente amado** (Winnicott, 1988/1990, p. 153. Grifo nosso).

Chegar a ser é uma conquista precária, pois implica continuar sendo. Já na vida intrauterina, do fato de o feto estar vivo derivam necessidades (manutenção da temperatura intrauterina adequada, nutrição, pressão sanguínea, entre outras) que, ao serem garantidas pelo ambiente, fazem com que ele continue vivo em desenvolvimento, isto é, continue sendo. A precariedade do ser advém desse fator primordial para o desenvolvimento humano: o continuar a ser. Nos momentos iniciais, somente uma máxima dependência pode sustentar o ser em seu continuar

sendo. Fortes intrusões ambientais traumatizam, pois interrompem a continuidade do ser, obrigando-o a reagir a tais intrusões.

Nesta perspectiva, no período inicial, ser significará ser dois-em-um-humano. “A unidade é o conjunto ambiente-indivíduo (ou um nome mais adequado que se lhe possa dar), unidade da qual o novo indivíduo é apenas uma parte” (WINNICOTT, 1988/1990 p. 153). Assim, a presença materna e o cuidado provido pelo ambiente propiciarão o sentido de existência ao ser, ao lactente. Assim, o ser emerge do não ser e essa passagem é possibilitada justamente pela dependência absoluta e pela sustentação materna.

Nesses períodos iniciais, quando o ambiente falha por excessos ou ausências, observar-se-á os quadros psicopatológicos referentes à psicose, que se formam para defender o incipiente si-mesmo dessas possíveis falhas.

Além do livro *Natureza Humana* (1988) que trata explicitamente o tema da solidão essencial, estado a partir do qual o ser humano se desenvolve emocionalmente, observa-se que essa importante ideia permeará outros textos winnicottianos. Por exemplo, um artigo de Winnicott de 1963, *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos,* o psicanalista inglês insiste em sua ideia da origem do ser: “No amadurecimento do lactente, o viver se origina e se estabelece a partir do não-viver, e existir se torna um acontecimento que substitui o não-viver, assim como a comunicação se origina do silêncio” (WINNICOTT, 1963a/1983, p. 173). Entre o não ser e o ser, encontra-se o bebê vivendo em estado de solidão essencial.

No mesmo texto, o autor explicita o seu pensamento central sobre a gênese do ser humano, identificando, na não comunicação, um aspecto central da natureza humana, o ser isolado. Cito o fragmento do texto:

> Esse é o ponto principal, o ponto do pensamento que é o centro de um mundo intelectual e de meu estudo. Embora as pessoas normais se comuniquem e apreciem se comunicar, o outro fato **é igualmente verdadeiro, que cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado** (WINNICOTT, 1963a/ 1983, p. 173. Grifo nosso).

A ideia da não comunicação nos momentos iniciais da existência do bebê, o ser isolado, conduzirá Winnicott a teorizar sobre o núcleo do si-mesmo, que é incomunicável e que está ali para não ser encontrado desde o início da vida e de

onde emana o gesto espontâneo e a criatividade originária durante toda a vida. Essa experiência inicial lançará as bases à vivência da capacidade de estar só na presença de alguém.

Na experiência primitiva do bebê humano de estar só na presença da mãe, um ambiente seguro e confiável, lhe permitirá estar consigo mesmo, só, em um estado não integrado e tranquilo, fortalecendo o seu ego incipiente a partir dessa experiência de confiabilidade. A mãe é o continente no qual o bebê pode vivenciar o estado de não integração, sendo-lhe permitido manter-se isolado. Apesar de depender do ambiente acolhedor -fator facilitador da experiência do si-mesmo-, o infante não o reconhece como tal, externo a si, sendo assim possível experimentar a sua criatividade original e o gesto espontâneo. No estágio de solidão essencial, as condições ambientais adaptadas absolutamente às necessidades do bebê permitem iniciar o desenvolvimento do si-mesmo, e posteriormente, ao conquistar a capacidade de estar só, ele poderá estar só consigo, pois desenvolveu um si-mesmo integrado, conservando o núcleo do si-mesmo sempre incomunicável.

Winnicott (1988/1990) sustenta que o estado de solidão essencial, jamais será superado pelo indivíduo, ainda que ele tenha um desenvolvimento saudável, sendo, portanto, uma solidão fundamental inerente e inalterável. E dentro dessa perspectiva, Dias (2012) assevera que o indivíduo saudável que conquistou a capacidade de estar só pode descansar da difícil tarefa de distinguir fantasia de realidade, escorado neste isolamento fundamental, a solidão essencial.

3.3 Dependência Absoluta

Trata-se do momento mais primitivo da vida do bebê, isto é, a vida intrauterina, o nascimento, o período imediato após o nascimento e o estágio da primeira mamada teórica, compreendendo o período em que o bebê vive em situação de dependência absoluta da mãe até o período de passagem para dependência relativa.

Quando começa realmente o processo de amadurecimento humano? Ou, em outras palavras: quando realmente se pode considerar que o feto é capaz de ter experiência? Essa pergunta torna-se irrelevante e impossível de ter uma resposta precisa. A “[...] única data segura é a da concepção” (WINNICOTT, 1988/1990, p.

47). É na concepção, do ponto de vista winnicottiano, que se data o início do amadurecimento.

Após a concepção, em algum momento há um '*primeiro despertar*', havendo assim "[...] um simples estado de ser, uma consciência incipiente da continuidade do ser e da continuidade do existir no tempo" (WINNICOTT, 1988/1990, p. 157). Winnicott assinala a impossibilidade de uma observação direta desse estado inicial, de tal modo que esse estado pertence ao bebê e não, ao observador. O bebê chegará a um estado de ser e o que necessitará é *continuar a ser*. Dessa necessidade de *continuar a ser* derivarão todas as outras necessidades do indivíduo ao longo da vida até a sua morte.

O *ser* e *continuar a ser* é um tema central no pensamento winnicottiano. Tal aspecto constitui o substrato das distintas tarefas do amadurecimento pessoal e suas conquistas. Winnicott colocará em ênfase o bebê que busca, desde a sua experiência mais primitiva, *ser* e *continuar a ser* por meio do gesto criativo e espontâneo observado já na gestação do infante, quando ele começa a mexer-se na barriga da mãe e os seus momentos de quietude, ainda na gestação. Essas memórias pessoais vivenciadas na gestação não são perdidas (WINNICOTT, 1988/1990, p. 147). E, conforme se evolui no desenvolvimento pessoal, depois do nascimento, a busca de satisfação das necessidades instintuais por parte do bebê e a presença da figura cuidadora garantirão ao bebê, em primeira instância, a possibilidade de *continuar a ser*, estabelecendo o si-mesmo, o sentimento de ser real –autêntico- neste mundo.

A *espontaneidade e a reatividade* tornam-se cada vez mais complexos conforme o bebê evolui no processo maturacional. E em se tratando de amadurecimento emocional, a oposição entre espontaneidade e a reatividade está vinculada ao conceito de saúde e de doença no pensamento winnicottiano. Com a finalidade de descrever essa oposição, Winnicott serve-se de uma analogia sugerida por uma paciente: o bebê, ou o feto, é como uma bolha, se a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode continuar existindo (WINNICOTT, 1949a/2000, p. 264). Caso a pressão no exterior da bolha for maior ou menor do que no seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão (*impingement*) e se modificará como reação a uma mudança no ambiente e não a partir de um impulso próprio. No caso do ser humano, isso significará uma ameaça do ser, produzida pela reação à intrusão. Quando desaparece a intrusão, a reação instantaneamente desaparece e

retoma a continuidade do ser. Em síntese, aqui está a explicação do conceito de saúde e de enfermidade emocional do pediatra e psicanalista inglês.

Dias (2012), ao se perguntar sobre a origem do movimento que gera o contato do bebê com sua mãe na visão winnicottiana, faz notar que a espontaneidade do bebê é a única forma para que esse contato se torne uma memória pessoal e o bebê *continue sendo*. Como se dá esse processo em concreto? O bebê está dormindo ou recolhido em quietude e a mãe preserva seu isolamento, esperando o momento em que ele faz um novo movimento - mexer-se na barriga da mãe ou, depois do nascimento, a busca da satisfação de uma necessidade instintual - descobrindo outra vez o ambiente. A mãe acompanha sem interferência esse vai –vem do bebê a partir da necessidade dele (DIAS, 2012). Assim, todas as experiências e as memórias corporais do lactente se tornam pessoais e adquirem significado, a *dação de sentido* na sugestão de Loparic (2000).

O contato do bebê com a mãe nos estágios primitivos, a ponto de ele sentir a sua existência e as suas experiências somáticas como reais, se dá a partir do *gesto espontâneo.* Com o decorrer do tempo, essas experiências integram-se na personalidade.

Na perspectiva do gesto espontâneo, Winnicott abordará também a experiência do nascimento: “[...] o bebê já alerta e pronto para o grande mergulho” (WINNICOTT, 1968b/2013, p.81). Nesse estado de prontidão para o nascimento, o bebê sentirá o processo do nascimento como natural, algo próprio do seu impulso.

Winnicott, em um texto de 1949 intitulado *Memórias do Nascimento, trauma do nascimento e ansiedade,* explica a diferença entre experiência do nascimento e trauma do nascimento. Assim como Freud, o autor discorda da tese de Otto Rank de que o nascimento por si seria traumático pela separação da mãe. O recém-nascido não tem maturidade para dar-se conta da sua extrema dependência da mãe. Ele apenas experimenta segurança e continuidade ou insegurança e descontinuidade. Não sabe o que é separação (WINNICOTT, 1949a/2000).

O nascimento, na visão winnicottiana, não é um processo traumático em si. Ele se tornará traumático para o bebê por alguns problemas que podem surgir durante o parto, excessivos para recém-nascido. Por exemplo, o atraso na hora do parto ou antecipação constituem um parto anormal. Outro tipo de dificuldades e acidentes na hora do parto podem ser traumáticos em vários níveis mas isso dependerá também da capacidade do bebê de suportar a intrusão. No entanto, esse

tipo de trauma não necessariamente é determinante, a não ser que ocorra uma lesão física. Do contrário, dependendo da adaptabilidade da mãe ao seu bebê, concretamente, essa situação intrusiva pode ser recuperada nos primeiros momentos da relação mãe-bebê.

De acordo com Dias (2012, p. 155), "[...] ainda quando corre tudo bem, o processo de nascimento gera uma descontinuidade". Contudo, essa descontinuidade pode ser suportada tendo em vista que o bebê, na vida intrauterina, teve experiências somáticas que não foram perdidas. Com essas memórias corporais, o bebê é preparado para lidar com a mudança ambiental como com algumas possíveis intrusões.

De um outro lado, pensando na relação mãe-bebê, as experiências do nascimento são apenas um aspecto entre muitos outros promotores do desenvolvimento da confiança, da estabilidade, da segurança.

Assim:

> [...] nos casos em que tudo correu bem no processo de nascimento, é pouco provável que ela surja como um ponto importante na análise. É apenas quando as complicações do processo de nascimento ultrapassam os limites que o bebê é capaz de tolerar, isto é, quando ocorrem graus intoleráveis de invasão e as consequentes reações, que ele se **torna traumático, podendo decorrer daí uma distorção grave, relacionada com um início forçado e prematuro do funcionamento mental**. Quando isso acontece, a experiência será retomada inúmeras vezes na análise, o que é frequente no tratamento de psicóticos (DIAS, 2012, p. 156).

Após a experiência do nascimento, o que o bebê necessita é de recuperar-se da descontinuidade inerente ao próprio processo de nascimento para que possa retornar ao sentimento de continuidade de ser. Tal recuperação conduz o bebê a um estado de quietude. A mãe nesse momento é de uma importância crucial e é preciso que ela estabeleça e mantenha o contato com o recém-nascido. Deve-se considerar aqui que o recém-nascido está ocupado com uma nova condição, isto é, o desenvolvimento cerebral conjugado com "o grande despertar" e a experiência do nascimento, além da radical mudança ambiental da vida intrauterina à extrauterina e tudo que comporta essa mudança, como, por exemplo, a experiência da respiração, todas as sensações relacionadas ao tato, entre outras.

Winnicott (1988/1990, p. 151), ao se referir à nova condição do recém-nascido, afirma que este passa "[...] da condição de ser amado por todos os lados, para a condição de ser amado somente de baixo para cima". Na vida intrauterina, o

bebê está envolvido totalmente por todos os lados, muito distinto da vida extrauterina, em que a experiência da gravidade se faz presente. Por essa mudança tão radical e a fim de que o bebê recupere a continuidade de ser após a experiência do nascimento, o cuidado materno de “segurar fisicamente” o bebê, isto é, envolvê-lo de todos os lados, nos estágios iniciais, faz-se necessário. Isso permitirá ao recém-nascido um reatamento com algumas condições da vida intrauterina.

Evoluindo na compreensão da teoria do amadurecimento, considera-se agora *o estágio da primeira mamada teórica e as tarefas fundamentais*. Winnicott utiliza a expressão ‘primeira mamada teórica’, referindo-se à sequência das primeiras experiências concretas de amamentação. Esse estágio compreende aproximadamente os três primeiros meses de vida do bebê. O que está no centro aqui é a atividade da amamentação e não a alimentação no que tange à satisfação da fome, nem significa a oralidade no que diz respeito ao contato libidinal.

À luz do processo do amadurecimento pessoal e não do desenvolvimento da função sexual, o que se estabelece na primeira mamada teórica é o começo de contato com a realidade e o desenvolvimento de um si-mesmo que, se tudo correr bem, integrar-se-á progressivamente em uma unidade. Vale a pena dizer que a instintualidade e a erogeneidade pertencem e participam do amadurecimento pessoal, no entanto, não o constituem. Aqui está um diferencial das formulações teóricas winnicottianas em relação à psicanálise tradicional: o elemento central da constituição da personalidade não é a instintualidade, mas a relação de intimidade, mutualidade do bebê e da mãe.

> A psicanálise preocupa-se primordialmente (e não poderia deixar de ser assim) com as necessidades instintivas (do ego e do id), mas neste contexto estamos mais preocupados com as condições ambientais que tornam possível todo o restante; isto é, estamos mais preocupados com a mãe segurando (*holding*) o bebê que com a mãe alimentando o bebê. O que constatamos, no tocante ao processo de crescimento emocional individual, quando o *holding* e todos os demais cuidados são suficientemente bons? De tudo o que constatamos, a questão que mais nos interessa é aquela parte do processo a que chamamos integração (WINNICOTT, 1955b/2011, p. 215).

Na visão de Winnicott, a amamentação é o momento privilegiado no qual começam a estabelecer-se os primórdios da relação com a realidade externa, sendo a mãe a primeira representante. Aqui, a qualidade do contato humano e a realidade de experiência proporcionadas na amamentação serão mais significativas no âmbito

do amadurecimento pessoal do infante. Nesse começo da mutualidade, embora a mãe seja o primeiro objeto do bebê, do seu ponto de vista, ele encontra algo que desconhece ser um objeto. Na experiência da amamentação estão as bases do relacionamento humano: "[...] quando mãe e bebê chegam a um acordo na situação de alimentação, estão lançadas as bases de um relacionamento humano. É a partir daí que se estabelece o padrão de capacidade da criança de relacionar-se com os objetos e com o mundo (WINNICOTT, 1968c/ 2013, p. 55).

No estágio da primeira mamada teórica, o bebê encontrar-se-á envolvido em três tarefas fundamentais: integração, personalização e realização[42]. A *integração* consiste na, a partir do estado da não integração sustentada pela mãe, vivência de experiências integradoras no espaço e no tempo pelo infante. A *personalização* implica, por meio da experiência do contato com a mãe, que a psique do infante, gradualmente, vai alojando-se no corpo. E a *realização* corresponde ao início das relações objetais que, mais adiante no processo maturacional, culminarão na criação e no reconhecimento da existência independente de objetos e de um mundo externo.

Estas três tarefas básicas e fundamentais se relacionam intrinsicamente no processo de desenvolvimento emocional. A sua individuação tem finalidade didática para compreender melhor o tipo de conquista de cada tarefa. As conquistas que depreendem das referidas tarefas constituem o fundamento da existência de um indivíduo que, impulsionado pela tendência inata ao amadurecimento ,caminha em direção da integração num si-mesmo unitário.

> O bebê defronta-se com essas tarefas de modo mais ou menos concomitante, visto que, para dar início a um sentido de real e poder habitar num mundo real, subjetivo de início, o bebê precisa estar sendo introduzido na ordem do tempo e do espaço. A espacialização se inicia pelo processo gradual de alojamento da psique no corpo, tornando esse corpo, seguro nos braços da mãe, a primeira morada. Residindo no corpo, o bebê pode começar a ocupar espaço, a dar concretude à presença, a ter distância e proximidades, e a aceder ao caráter transitório daquilo que envelhece e morre (DIAS, 2012, p. 160).

---

[42] Reporta-se aqui às valiosas contribuições de Dias (2012) sobre essas tarefas no conjunto da obra winnicottiana: Winnicott faz referência a essas tarefas fundamentais em diversas passagens em sua obra, apresentando-as em ordens variadas; no entanto, no livro *Natureza Humana* (1988), diz não haver uma sequência óbvia que determine a ordem da descrição; já em um artigo de 1962, *A integração do ego no desenvolvimento da criança*, no qual se encontram aspectos centrais da teoria do amadurecimento, a integração, no tempo e no espaço, é colocada como o elemento principal do processo de amadurecimento, iniciando a descrição do processo por essa tarefa, em seguida, personalização e realização; e, no artigo, *O medo do colapso* (1963) , a ordem referida foi mantida.

Conforme essas tarefas vão sendo realizadas pelo bebê e as conquistas organizadas entre si pelo funcionamento do ego, uma outra tarefa está também acontecendo, a constituição do si-mesmo como identidade. Winnicott explicitará essa quarta tarefa, posteriormente, ao introduzir o conceito de identificação primária, ao concluir a sua teoria do objeto subjetivo, em 1966. Essa quarta tarefa prevê que o bebê, no encontro com o objeto, torna-se o objeto, fazendo assim a sua primeira experiência de identidade.

Todas essas tarefas derivam da necessidade primordial do bebê de continuar a ser. Na primeira mamada teórica, elas alcançarão um grau de resolução compatível ao estágio. Winnicott considera a resolução própria da primeira mamada teórica o alicerce da personalidade e da saúde psíquica. Essas tarefas nunca serão completamente abandonadas, embora o processo maturacional ao longo do tempo se torna mais complexo.

Como essas tarefas podem ser resolvidas com êxito? Por meio dos cuidados maternos, isto é, o que Winnicott chamou *holding, handling, object-presenting*. A integração no espaço e no tempo será favorecida pelo segurar ou sustentar (*holding*) do ambiente (mãe). A personalização é possibilitada pelo manejo (*handling*), que diz respeito ao cuidado físico, isto é, por exemplo, trocar as fraldas do bebê. A realização é facilitada pela apresentação por parte da mãe dos objetos (*object-presenting*). Esse ambiente total, os cuidados maternos em seu conjunto, tendo certo grau de previsibilidade, é capaz de fornecer ao lactente uma característica essencial para o desenvolvimento emocional: a confiabilidade. Isso lhe permite a continuidade do ser, isto é, o processo de saúde. Com a mãe - ambiente previsível pois atende a sua necessidade, portanto, confiável -, o infante pode contar em seus distintos estados, seja no estado excitado, experimentado no surgimento de urgência instintual, seja em seu estado não integrado, estado relaxado, sem nenhuma urgência instintual. Nesta dinâmica de estados excitados e relaxados, o infante vai sendo integrado, temporalizado e realizado, tornando-se, pela repetição das experiências, capaz de reconhecer coisas e de predizer acontecimentos[43].

---

[43]Para melhor compreensão, recorda-se a distinção de Winnicott entre mundo e objetos. O mundo que o bebê habita é distinto dos objetos encontrados no interior desse mundo. Para encontrar objetos, se faz mister a existência de um mundo, contexto no qual esses objetos podem ser encontrados. Assim sendo, a mãe se torna o objeto que pode ser encontrado (mãe-objeto) nos estados excitados e o contexto em que o objeto pode ser encontrado (mãe-ambiente), estados tranquilos. Os estados excitados e tranquilos vivenciados pelo infante de maneira fragmentada no

Pensando nos cuidados maternos como ambiente facilitador da integração, cabe-nos destacar o significado da palavra amor no entendimento de Winnicott, especificamente, no início da vida. Nos estágios iniciais, o amor são os contatos e os cuidados físicos para o bebê. É a única manifestação amorosa que ele é capaz de receber. “O bebê está sendo cuidado, ou seja, amado, e isto quer dizer fisicamente amado” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 153).

Tais compreensões não devem ser transformadas em manuais de cuidado dos bebês. Talvez as descrições do amadurecimento humano ajudem os cuidadores a não procurarem um manual de cuidados dos seus bebês, mas a olharem para os seus e atender as suas reais necessidades, possibilitando-lhes sentirem a existência como real, os seus impulsos como pessoais, o seu corpo como realmente seu. Isso será o fio condutor do pensamento psicanalítico winnicottiano. Assim se expressa Winnicott (1988/1990, p. 125) sobre os cuidados maternos: “[...] o que mãe necessita é da chance de ser natural e de encontrar o caminho junto com o bebê, da mesma forma como outras mães encontram os seus próprios caminhos desde o alvorecer da história humana.”

Se, de um lado, temos que a provisão ambiental é um elemento fundamental para que as conquistas das tarefas integrativas possam ser adquiridas, do lado do bebê, conta-se com a sua tendência à integração numa unidade e à criatividade originária. Esses dois elementos com suas distintas relevâncias propiciam o desenvolvimento emocional do indivíduo saudável.

A *criatividade originária* também constitui um conceito crucial e importante no pensamento winnicottiano. Na psicanálise tradicional, a constituição do psiquismo é concebida com base nos mecanismos mentais inatos de introjeção e projeção, e a criatividade humana depreende-se do processo de sublimação das pulsões. Winnicott teorizará a constituição do psiquismo a partir da criatividade inerente à natureza humana presente desde o início da vida humana. “Cada ser humano cria o mundo de novo e começa o seu trabalho no mínimo tão cedo quanto o momento do seu nascimento e da primeira mamada teórica” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 130).

A criatividade originária está vinculada intrinsicamente à espontaneidade e oposta à reatividade, participando da constituição do si-mesmo unitário.

---

início do amadurecimento fazem com que possamos entender tal distinção. Se tudo correr bem, os estados e o mundo e os objetos estarão integrados na personalidade (DIAS, 2012).

O conceito winnicottiano de criatividade originária em qualquer fase do amadurecimento humano não se refere a alguma produção original ou artística, mas à maneira como o indivíduo se relaciona com o sentido de realidade e, no evoluir do processo maturacional, com os vários sentidos de realidade sem perder o contato com o seu mundo pessoal e imaginativo. Obviamente, a criatividade, à medida que o amadurecimento evolui, é experimentada pelo indivíduo em formas mais complexas; no entanto, é sobre a criatividade originária que o viver criativo se fundamenta. Winnicott (1988/1990, p. 130) asseverou: "[...] devo presumir que existe uma criatividade potencial, e que na primeira mamada teórica o bebê tem sim uma contribuição a fazer".

Com a criatividade originária, o indivíduo cria o mundo e é importante que seja exercida desde o início da vida a fim de que o ser humano seja capaz de dotar o mundo de sentido pessoal. Para que, no início da vida, o bebê experimente a sua criatividade originária, é necessário que a mãe identificada com o bebê atenda a sua necessidade no momento que essa surge, abrindo para o bebê a experiência da ilusão de onipotência. Assim, o bebê sente que cria aquilo que lhe é apresentado sem nenhuma ajuda. "Se a mãe se adapta suficientemente bem, o bebê conclui que o mamilo e o leite são consequência de uma ideia que veio montada na crista de uma onda de tensão instintiva" (WINNICOTT, 1988/1990, p. 130).

Quando a mãe responde de forma adaptativa ao gesto espontâneo na amamentação, o bebê sente como se o mamilo e o leite fossem os resultados do seu próprio gesto, tendo a experiência, como diz Winnicott, de criar aquilo que encontra. Embora a mãe saiba que aquilo que o bebê sente ter criado foi encontrado, ela, por compromisso com seu bebê, jamais lhe contestará se encontrou ou criou o objeto. De acordo com Winnicott, o paradoxo não está para ser resolvido, mas para ser suportado e sustentado pela mãe. A mãe, nesse sentido, introduz o bebê na ilusão de que cria o mundo que necessita e o faz experimentar a onipotência na ilusão. Esta ilusão será um elemento fundamental a fim de que o bebê e, mais tarde, o adulto, encontre significado pessoal no mundo em que vive. [44]

---

[44] Vale a pena lembrar aqui que, para Winnitcott, nesses momentos iniciais, o bebê só terá condições de criar o objeto por uma necessidade pessoal, a fome, não podendo ainda alucinar o objeto a partir de sua necessidade instintual, como se entende na psicanálise tradicional. À medida que o bebê vai repetindo a experiência da amamentação, possuirá material mnemônico para que seja usado na imaginação, isto é, na criação enriquecida de detalhes tirados das experiências.

A palavra onipotência deve ser entendida no estágio de dependência absoluta como um aspecto essencial da dependência. Essa característica da dependência expressa o fato de que o bebê não tem conhecimento de sua existência e nem do mundo externo onde vive, no entanto, cria o objeto que encontra. Este significado específico não deve ser confundido com o sentimento de onipotência referente a um poder que desconhece limites e, segundo Winnicott, pertence ao fracasso da relação de dependência.

Em relação às situações traumáticas, nesse estágio, elas dizem respeito à maneira da mãe apresentar os objetos ao bebê, pois se os objetos são apresentados numa confluência com o gesto espontâneo e a criatividade originária, implicará a saúde psíquica dele. Se o bebê estiver recolhido em seu isolamento ou quietude e, embora a mãe entenda que ele não está lá para ser encontrado, mas mesmo assim o aborda impondo-lhe necessidade de fora, o que ela lhe apresenta não terá sentido algum. E isso constituirá uma interrupção em sua continuidade de ser naquele momento. O mesmo é válido para quando o bebê, a partir de sua necessidade, busca e a mãe está ausente e não o percebe. O seu gesto ficará no vazio, à espera de algo que vem[45]. O resultado também será a interrupção na continuidade de ser (*breakdown*). “Aquilo que o bebê cria depende em grande parte daquilo que é apresentado no momento da criatividade, pela mãe que se adapta ativamente às necessidades do bebê. Mas se a criatividade do bebê está ausente, os detalhes apresentados pela mãe não terão sentido” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 131).

Antes de prosseguir a descrição dos estágios de passagem para dependência relativa -desilusão, desmame e início das funções mentais-, faz-se necessário descrever *os estados tranquilo* e *excitado* que se alternam na vida do bebê e com que o indivíduo terá que lidar ao longo de sua vida. O modo como o indivíduo lidará com isso será determinado pela maneira como, com a ajuda do ambiente, isso é vivido no início. Esses estados estão vinculados às tarefas integrativas, de tal modo que, nos estados relaxados, se pode observar mais claramente a tarefa de integração no tempo e no espaço e de alojamento da psique

---

[45] De acordo com Dias (2012), aqui tem-se o trauma do não acontecido que constituirá a forma negativa do inconsciente originário, o não acontecido. Nesta fase, a imaturidade do bebê não permitirá que pensemos no inconsciente reprimido.

no corpo; já nos estados excitados se percebe o início do estabelecimento do contato com a realidade, além de ser possível observar as raízes da agressividade.

Os *estados excitados* podem ser descritos do seguinte modo: encontrando-se o bebê em um estado tranquilo, dormindo ou simplesmente repousando, surge um impulso, podendo ser de origem instintual, na maioria das vezes, ou proveniente da motilidade.[46] Cria-se uma tensão que se transforma numa urgência pedindo uma ação na qual se apresenta o impulso motor. O bebê, então, sente "[...] uma expectativa, um estado de coisas no qual o bebê está preparado para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê (WINNICOTT, 1988/1990 p. 120). Ele não sabe nada de si, nem da sua existência e de objetos, externos ou internos. Essa expectativa é manifestada pelo gesto espontâneo, isto é, o bebê procura encontrar algo em algum lugar. No evoluir do processo do amadurecimento, essa busca será direcionada a um objeto específico, uma vez que o indivíduo saberá identificar a sua necessidade e a ação e o objeto que poderão aplacá-la.

É preciso aqui dizer que as tensões instintuais não têm nenhum significado para o bebê nos momentos iniciais, de tal modo que o desconforto da fome e ou a mudança de temperatura não são distinguidos pelo bebê. Assim, nos períodos primitivos, não tem sentido algum falar de mundo externo ou interno do bebê, e neste sentido, a sua impulsividade instintual não tem menor sentido pessoal.

Seguindo esta lógica, a mãe, quando identificada com o seu bebê, atende-o não para evitar que ele vivencie situações frustrantes, mas para não ter uma interrupção na continuidade de ser, uma vez que para o bebê "[...] as exigências instintuais podem ser ferozes e assustadoras e, a princípio, podem aparecer à criança como ameaças à sua existência. Ter fome é como ter dentro de si uma alcateia de lobos" (WINNICOTT, 1949b/2012, p. 90).

Winnicott não se refere à mera satisfação do instinto, mas a um aplacamento da tensão instintual, permitindo que o bebê viva experiências globais, isto é, para

---

[46] As fontes dos impulsos na vida do infante são provenientes da instintualidade e da motilidade, tanto um como outro são manifestações do estar vivo do bebê. De acordo com Winnicott (1988/1990, p. 57), os "[...] instintos é o termo pelo qual se denominam poderosas forças biológicas que vêm e voltam na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação. A excitação do instinto leva a criança, assim como a qualquer animal, a preparar-se para a satisfação quando o mesmo alcança seu estágio de máxima exigência". Da instintualidade desenvolverá a sexualidade. A destrutividade é inerente à instintualidade e dessa característica da instintualidade, tem-se uma das raízes da agressividade. Outra raiz da agressividade está na motilidade. À medida que o bebê se desenvolve na saúde, o impulso instintual e motor tende a integrar-se.

estar bem seguro, ser visto pela mãe, entrar em comunicação com ela, criar o objeto que encontra e poder exercitar a motilidade durante a experiência instintual. Esse suporte materno faz com que uma tensão instintual se torne uma experiência, que fortaleça o ego e propicie a coesão psicossomática do lactente. Na falta do suporte materno, as tensões instintuais não são integradas e personalizadas, permanecendo externas e vividas como intrusões, sendo também possível que se tornem perseguidoras, estabelecendo uma disposição paranoide.

> É preciso que se entenda que quando se faz referência à capacidade adaptativa da mãe isto tem apenas pouco a ver com sua habilidade de satisfazer os impulsos orais da criança, ao dar alimentação satisfatória, por exemplo. O que está em discussão aqui é concomitante à consideração deste fato. Na verdade, é possível satisfazer um impulso oral e, ao fazê-lo, violar a função o ego da criança ou que será mais tarde zelosamente mantido como o *self,* o cerne da personalidade. Uma satisfação alimentar pode ser uma sedução e pode ser traumática se chega à criança sem o apoio do funcionamento do ego (WINNICOTT, 1962a/1983, p. 56).

Conforme o lactente vai integrando-se, ele será mais apto para reconhecer os impulsos instintuais como um elemento do si-mesmo vivo e não do ambiente. Aí, sim, a satisfação instintual poderá ser um aspecto fortalecedor do si-mesmo. E mais à frente, em uma etapa posterior a esses momentos iniciais, especificamente, quando o lactente alcançar a identidade unitária sentirá os instintos como seus e se preocupará com as suas manifestações e efeitos, tanto em si mesmo como na mãe.

A outra fonte de impulso para os estados excitados é a motilidade, uma das raízes da agressividade, conforme teoriza Winnicott (1964b/2012). A motilidade está presente antes do nascimento. As mães relatam os movimentos vigorosos do feto, quando falam que o bebê está dando pontapés. Depois do nascimento, observa-se que o bebê, ao movimentar-se e exercitar a vitalidade dos músculos e tecidos, dá de encontro com alguma coisa e, com isso, vai descobrindo o meio ambiente. Descobrir o meio ambiente aqui significa fazer experiências repetidas da permanência, consistência, textura, entre outras, acumulando conhecimentos, não mentais, mas de certa familiaridade com o mundo.

A motilidade é convocada nas experiências instintuais. Desse modo, quando tudo corre bem, a tendência é a motilidade fundir-se com a tensão instintual, despendendo o máximo do impulso motor primitivo, ou erotismo muscular, convocado nas experiências instintuais.

Contudo, Winnicott (1964b/2012) teoriza que, ainda que a motilidade se funda à experiência instintual, resta sempre um resíduo dela que precisa ser experimentado. Para tanto, é necessário que o lactente encontre oposição para experimentá-la, senão, permanece não experimentada, constituindo uma ameaça para o bem-estar. A oposição colocará em exercício a força muscular, dando assim realidade pessoal ao impulso. O que transformará progressivamente a vitalidade do bebê em capacidade para a agressão é a oposição que encontrará. No entanto, o excesso e a falta não favorecerão um desenvolvimento saudável da agressividade. O excesso de oposição pode inibir o impulso e impedir que a motilidade se fusione à experiência instintual.

Do ponto de vista winnicottiano, as raízes motoras são um componente essencial para a formação do sentido do real e do existir. Assim, quando há uma fusão insipiente da motilidade na experiência instintual, o sentido da realidade e do existir ficam prejudicados, levando a pessoa a não se sentir real.

É importante lembrar de que todas as experiências da vida do lactente, assim como a motilidade, devem ser compreendidas a partir do gesto espontâneo. No caso da oposição, se é feita ao lactente sem que seja colocada no circuito do gesto espontâneo, a motilidade tornar-se-á uma reação à invasão.

Abordemos agora os estados tranquilos do bebê. Entre as muitas inovações do pensamento winnicottiano, têm-se *os estados tranquilos* não considerados pela teoria psicanalítica tradicional. A reflexão dos estados tranquilos do bebê se abre a partir da pergunta de Winnicott: onde e como está o bebê quando não está mamando ou buscando algo?

Dias (2012, p. 182. Grifos nossos) elenca três aspectos que justificam o valor de investigar os estados tranquilos:

> [...] **primeiro, por focalizar a necessidade humana, que jamais se extingue na saúde, de abandonar momentaneamente o mundo, recolher-se em solidão, permanecendo em quietude no mundo subjetivo, ou protegido das pragmaticidades objetivas**, no espaço potencial da arte e da cultura; segundo, por mostrar, em particular nos estágios iniciais, que a realidade da experiência excitada, no encontro com objeto, depende do impulso, que deu origem à busca, ter partido de um estado de descanso típico da não integração. Em terceiro lugar, pelo fato de a diferença entre os estados excitados e os tranquilos fornecer a base para a importante distinção entre dois âmbitos que, em geral, são confundidos: o mundo em que o bebê habita e os objetos que podem ser encontrados (criados) no interior desse mundo.

A primeira justificativa do valor da investigação dos estados tranquilos, grifada por nós aqui no texto, possibilita o entendimento do tema dessa pesquisa, a capacidade de estar só. A inovadora reflexão sobre o estar só como conquista ganha sustentação nessa formulação winnicottiana: os estados tranquilos. Naturalmente, os conceitos de gesto espontâneo, de criatividade originária, dos cuidados maternos totais (*holding, handling, object-presenting*) descritos até o momento sustentam toda teorização dos estados tranquilos e, consequentemente, o estar só como conquista.

Qual é a necessidade primordial do bebê nos estados tranquilos da primeira mamada teórica? O bebê sente a necessidade de ficar no estado não integrado, no estado de relaxamento de quem se sente sustentado. Pode-se afirmar que o lactente entrega-se à contemplação, sendo possível elaborar imaginativamente os estados fisiológicos de digestão, ou envolvido pelos ruídos, cheiros e movimentos do ambiente.

Desse modo, o bebê é sustentado no colo da mãe, contempla-a tranquilamente ou se recolhe para o lugar a que ela não pode ter acesso, ou dorme. A mãe permanece presente, sustentando no tempo essa situação e esperando que o lactente retome uma busca qualquer. Ao despertar, o lactente faz um gesto de comunicação e lá está a sua mãe para apresentar-lhe o mundo em pequenas doses ou oferecer-lhe manejo, confirmando-lhe que o mundo continua presente e vivo. Por isso, o lactente pode confiar. A repetição dessas experiências desenvolve no lactente a capacidade de confiar. Assim, ele passará com muita facilidade da experiência excitante para tranquila, pois pode confiar que, assim que precisar, a sua mãe estará lá.

Aqui está a matriz da capacidade em que a criança e o adulto saudável deixam o mundo momentaneamente para descansar, a base da conquista posterior da capacidade de estar só na presença de alguém. Além disso, os estados tranquilos sedimentam algo central do pensamento winnicottiano, que é o sentir-se real e a pessoalidade dos impulsos. A partir do estado de descanso, um impulso qualquer pode ser vivenciado como real, tornando assim uma experiência pessoal.

Se essa possibilidade dos estados tranquilos não é oferecida ao bebê, instala-se a vida falsa e a existência do indivíduo consistirá em reagir a estímulos externos: “A algumas crianças nunca é permitido sequer, nos primeiros tempos, que fiquem simplesmente deitadas e entregues às suas divagações. Perdem, assim,

muito, e pode-lhes fugir a sensação de que eles próprios querem viver" (WINNICOTT, 1949c/2012, p. 30). Em última instância, a elas não lhes é concedida a possibilidade de descobrir a própria vida pessoal, uma vez que o devanear e o estar relaxado no colo da mãe não lhes são permitidos. Aqui, estabelece-se o problema da confiabilidade.

Sem a confiabilidade gerada pela alternância e a vivência dos estados excitados e relaxados, o recolhimento se transformará em uma defesa, denominada retraimento, e não na possibilidade de descanso e de integração.

O estudo dos estados tranquilos será o ponto fulcral para a compreensão de certos estados psicóticos no pensamento winnicottiano. O impulso e encontro com o objeto só serão sentidos como reais pelo bebê, e assim possíveis de integrar-se pelo lactente num si-mesmo, se ele estiver em estado de repouso. Na impossibilidade do repouso, o gesto espontâneo fica prejudicado em seu fundamento.

A presença consistente da mãe favorece a passagem dos estados excitados aos estados tranquilos, haja vista que ela manterá as características regulares do ambiente. Winnicott abordará em sua teoria a presença da mãe como capacidade de ela preocupar-se com o seu bebê e com as suas necessidades, que vão muito além da mera satisfação das tensões instintuais, como nos testifica a experiência dos estados tranquilos do lactente.

> Dentre as teses que defendo, há uma especial: a de que as mães, a não ser que estejam psiquiatricamente doentes, se preparam para a sua tarefa bastante especializada durante os últimos meses de gravidez, mas que gradualmente voltam ao seu estado normal nas semanas e meses que se seguem ao processo de nascimento. Já escrevi muito sobre este assunto, sob o título "preocupação materna primária". Neste estado, as mães se tornam capazes de colocar-se no lugar do bebê, por assim dizer. Isto significa que elas desenvolvem uma capacidade surpreendente de identificação com o bebê, o que lhes possibilita ir ao encontro das necessidades básicas do recém-nascido, de uma forma que nenhuma máquina pode imitar, e que não pode ser ensinada (WINNICOTT, 1964c/2013, p. 30).

Por conseguinte, a mãe cria um contexto consistente e confiável a fim que as tensões instintuais possam ser satisfeitas. Esse contexto consistente é o conjunto de cuidados maternos dispensados ao bebê de acordo com a sua necessidade. Os cuidados maternos representam o lugar onde o lactente poderá habitar, o lugar do descanso e o lugar que servirá de base para as experiências instintuais.

Assim sendo, nota-se que o relacionamento mãe-bebê nos estados tranquilos é distinto do relacionamento nos estados excitados, embora, como já dito, haja uma relação intrínseca entre os dois, que gera confiança e o sentimento de realidade no bebê, ainda que ele por sua imaturidade não seja capaz de perceber. Essa dualidade dos cuidados maternos será denominada por Winnicott como mãe-objeto, aquela que é alvo dos impulsos excitados, e mãe-ambiente, aquela que fornece os cuidados ambientais totais, propiciando a estabilidade e a confiança para o bebê.

Essa distinção favorece a compreensão da dependência no amadurecimento emocional, colocando no centro as importantes contribuições da mãe na sua condição de facilitadora do amadurecimento pessoal do lactente. Tendo em vista que o bebê não sabe, de início, que ele é o mesmo indivíduo ora tranquilo, ora excitado, essa dissociação deverá ser integrada ao longo do processo maturacional e, em efetivo, de acordo com o pensamento winnicottiano, será uma conquista a ser realizada no estágio do concernimento.

No que tange aos estados tranquilos, se tudo correr bem nesse relacionamento inicial, eles constituirão o lugar do repouso em que a criança será capaz de ausentar-se da tarefa de existir para descansar. Esse estado de ausência consistirá em sinal de saúde: “[...] é sinal de saúde que a criança seja capaz de usar as relações nas quais tem a confiança máxima para, às vezes, desintegrar-se, despersonalizar-se e, ainda, por um momento, abandonar o impulso quase fundamental de existir e sentir-se existente” (WINNICOTT, 1971a/1994, p. 203). Se os estados tranquilos não alcançaram um valor positivo em si, mas o negativo dos estados excitados, há a possibilidade de que o indivíduo desenvolva uma excessiva ansiedade com relação à tranquilidade e, em decorrência disso, evite tais estados, sendo vivido como tédio, estagnação, assemelhando-se à morte.

Ao integrar-se numa identidade unitária, a experiência de não integração vivida nos estados tranquilos poderá ser feita raramente, em condições muito especiais, nas quais o indivíduo saudável pode entrar em um alheamento ao mundo externo e sem referências. Por conseguinte, nota-se que o descanso na vida do indivíduo integrado terá outros caminhos, embora as suas raízes estejam nos estados tranquilos, isto é, na não integração. O indivíduo se ausentará do mundo compartilhado, isolando-se no mundo subjetivo, numa atividade imaginativa, de concentração lúdica ou artística ou de trabalho criativo.

> Na vida da criança normal, o descanso deve poder incluir o relaxamento e a regressão para a não-integração. Gradualmente, à medida que o self se desenvolve em força e complexidade, essa regressão à não-integração aproxima-se mais e mais do doloroso estado de desintegração "enlouquecedora". Existe portanto um estado intermediário, no qual um bebê bem cuidado e em pleno desenvolvimento pode relaxar e não integrar-se, e tolerar (mas apenas tolerar) sentir-se "louco" no estado não integrado. Em seguida é dado um passo adiante, um passo em direção à independência, e à perda para sempre da capacidade de não-integração, exceto na loucura ou nas condições especializadas fornecidas pela psicoterapia. Deste momento em diante, o termo não é mais não-integração, e sim desintegração. (WINNICOTT, 1988/1990, p. 138)

Tendo em vista a processualidade do amadurecimento, um estado intermediário de tolerância, num bebê bem cuidado, se faz presente, sendo possível ao lactente, em via de integração, tolerar descansar na não integração, na expressão winnicottiana, *sentir-se louco no estado de não-integração*. Se o limite dessa tolerância do bebê é excedido pelo fracasso ambiental, a ameaça de desintegração passa a ser permanente e o indivíduo trará consigo o sentimento de um perigo inominável que é necessário evitar de qualquer modo.

Com a compreensão dos estados excitados e tranquilos, que serão integrados na vida do indivíduo a partir dos cuidados maternos totais, tratemos do estágio em que o bebê passa gradualmente da dependência absoluta à relativa, antes da estruturação do eu numa unidade identitária, denominado de estágio de desilusão.

3.4 Dependência Relativa

Esse momento do amadurecimento pessoal é definido pelo *estágio de desilusão***,** que implica o desmame e o início das funções mentais. A característica principal do estágio de desilusão é o início gradual da desadaptação da mãe no que tange às necessidades do bebê. Nesse estágio, a mãe saudável deixa naturalmente o estado de preocupação materna primária, já cansada das fortes exigências da relação estrita com seu bebê, passando a ter pequenas falhas. Naturalmente, tais falhas se dão à medida que o bebê dispõe de certa maturidade, coincidindo com a necessidade que o lactente tem de prosseguir no seu amadurecimento.

Desse modo, a desadaptação da mãe é essencial para o início do processo de separação da unidade indiferenciada mãe-bebê. Isso levará o bebê à integração num eu unitário e separado, sendo capaz de estabelecer relações objetais com o mundo externo. É importante aqui lembrar que este estágio é parte dos momentos iniciais, sendo que, aqui, dependendo do grau ou intensidade das falhas maternas, pode levar também o indivíduo à psicose.

Com a desadaptação da mãe inicia-se o processo de desilusão. A desilusão só pode acontecer a partir da ilusão que fora bem estabelecida no lactente durante o estágio de dependência absoluta. Isso gera na criança a compreensão de que o mundo não foi criado por ela. Ele, o mundo, tem existência anterior a ela e independente dela. Esse aspecto da teoria winnicottiana, frequentemente, é mal interpretado:

> Frequentemente se pensa que, na teoria winnicottiana, tal como no senso comum, a desilusão é um processo meramente negativo, de quebra de ilusão, mas isto não é inteiramente correto. Segundo o autor, o que o bebê deixa para trás, ao amadurecer, *não é uma ilusão básica*, que permanecerá se houver saúde, mas a *ilusão de onipotência*. [...] o *sentimento* de que o mundo foi criado pessoalmente, e pode continuar a ser criado, não desaparece. A despeito da compreensão intelectual, o indivíduo retém a capacidade para a ilusão, exercendo naturalmente a criatividade (DIAS, 2012, p. 218).

No processo de desilusão, o desmane constituirá uma conquista significativa. E neste caso, é uma tarefa correspondente à mãe e não ao bebê. Para essa tarefa, a mãe necessitará de sua agressividade, podendo usufruir de certa capacidade de odiar ativa ou passivamente, quando necessário. Além de poder odiar o imenso trabalho que é o bebê, a mãe deve nesse momento estar em condições de enfrentar a ira ou o ódio do bebê próprio do processo de desadaptação.

Neste período de desadaptação materna, o funcionamento mental e os processos intelectuais começam a se desenvolver, auxiliando o lactente a lidar com a lacuna existente entre a completa e a incompleta adaptação. Se até esse momento tudo correu bem, o bebê será capaz de servir-se da adaptação absoluta, já incorporada por ele, para tolerar as falhas maternas próprias da desadaptação da mãe sem perder sua dignidade. Isso significa dizer que o lactente, a partir do saber advindo de suas experiências com o próprio corpo e o ambiente– a experiência dos ritmos, dos sons, dos cheiros, dos climas emocionais, num nível não mental-, e

possuindo já um esquema corporal pré-representacional, defrontará a adaptação incompleta da mãe. E é sobre esse fundamento não mental que emergirá o funcionamento intelectual. Quando há saúde, o bebê se serve do intelecto para saber que os ruídos sinalizam a comida que está por chegar. Os ruídos já podem ser pensados pelo bebê, sendo, então capaz de esperar. Aqui, percebe-se que o bebê é capaz de reconhecer em sua mente que sua mãe é necessária.

Duas atitudes gerais do ambiente deverão estar presentes em todo o processo de amadurecimento emocional, a fim de que facilite a tendência inata à integração do indivíduo, sobretudo, no período da passagem para dependência relativa. A primeira é a possibilidade de voltar circunstancialmente, se necessário, à existência continuada das condições de dependência em alto grau. A segunda é a separação gradual do indivíduo da mãe, vinculando-se à família e, mais tarde, da família à unidade social mais próxima e, assim cada vez mais, ampliando seus vínculos de pertencimento à sociedade. Na possibilidade de retorno e de saída processual, acontece o processo de amadurecimento emocional saudável.

> O importante é entender que a saída do cercado é a um só tempo estimulante e amedrontadora; que, uma vez do lado de fora, é doloroso para a criança perceber que não pode retornar; e que a vida é uma longa sequência de saídas de cercados, riscos e desafios novos e estimulantes (WINNICOTT, 1962b/2011, 53).

Essa segunda atitude acima referida põe em revelo a gradualidade do amadurecimento. O indivíduo não deixa o colo e os braços da mãe em direção à sociedade, mas, sim, a uma área maior, como a família, na qual pode ser controlada e que simboliza o colo deixado. Esse movimento de saída gradual tem o seu início no estágio de transicionalidade e prossegue ao longo da vida. O conceito de família ganhará a sua importância na teoria winnicottiana como uma sequência do colo materno e a família terá a sua relevância para o indivíduo ao longo de sua vida.

3.4.1 Os fenômenos transicionais e o espaço potencial: a capacidade de simbolizar e brincar

Para se falar sobre a etapa da dependência relativa, é necessário discorrer sobre a transicionalidade, haja vista que a etapa da dependência relativa inicia-se com ela. Os *fenômenos da transicionalidade* foram a contribuição original mais

difundida do pensamento winnicottiano, incorporada ao corpo teórico psicanalítico já instituído.

Se tudo correr bem nas etapas iniciais do amadurecimento, *os fenômenos transicionais* conduzirão o lactente a um novo sentido de realidade. Esse novo sentido de realidade estará necessariamente arraigado na experiência pessoal (ambiente pessoal) do bebê.

Assim, um bebê para quem a segurança não foi oferecida na provisão ambiental total e incorporada em crença, *acreditar em*, não poderá ausentar-se e distrair-se com *o objeto transicional*. Ele estará, sim, em estado de hipervigilância, protegendo-se contra possíveis invasões. E, neste sentido, o bebê não será capaz de estar só com o objeto transicional, uma vez que para estar realmente só, a criança deverá ter a "[...] suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança [incorporação da crença] e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando lembrada, após ter sido esquecida" (WINNICOTT 1971b/1975, p. 71).

Pensando na linha temporal do amadurecimento, pode-se afirmar que os fenômenos transicionais não pertencem à linha instintual do amadurecimento. As suas raízes encontram-se na tarefa de realização, isto é, no contato com a realidade externa, especificamente, no estágio da primeira mamada teórica, emergindo assim da área da ilusão de onipotência.

Os fenômenos transicionais começam na vida do bebê por volta dos quatro a seis meses até os doze meses, no momento em que o processo de desilusão já está acontecendo, dando continuidade à ilusão e transformando, gradualmente, a onipotência. Isso significa dizer que o bebê pode perceber o mundo como pessoal, reconhecendo a sua contribuição pessoal no mundo (ilusão), no entanto, pouco a pouco descobre que o mundo existe antes dele e para além dele.

No início, essa tarefa é facilitada pela mãe ao apresentar o mundo ao bebê em pequenas doses, sendo que o objeto encontrado é o objeto criado pelo bebê e encontrado no ambiente: objeto transicional. Assim, por meio da criatividade originária, o bebê começa a relacionar-se com a realidade externa, e, somente posteriormente, no estágio do EU SOU, terá necessidade de lidar com a objetividade do mundo externo, sem perder a espontaneidade pessoal e a criatividade originária.

Neste processo, os fenômenos transicionais constituirão a área intermediária e facilitadora na qual se relacionam a realidade subjetivamente

concebida e a realidade objetivamente percebida. Dito de outra maneira, essa zona intermediária do amadurecimento possibilitará ao indivíduo vivenciar a realidade externa com um significado pessoal, ou seja, exercendo a sua criatividade e, em consequência disso, ser capaz de relacionar-se com a realidade externa sem perder o sentido pessoal da existência.

Os fenômenos transicionais constituem o começo do processo de simbolização e o seu desenvolvimento culminará na capacidade de brincar e se ampliará, no avançar do processo maturacional, para todo espaço cultural. Uma característica do fenômeno transicional é o apego ao objeto transicional. Apego no sentido de que o bebê toma para si o objeto, é seu, mas também está ligado à mãe. Ao objeto dispensa afeto, mas também brutalidade.

> Neste período que antecede a integração, há uma região entre a criança e mãe que pertence *tanto à criança quanto à mãe.* Se tudo corre bem, esse todo aos poucos divide-se em dois elementos: a parte que o bebê repudia e a parte que reclama para si. Mas devemos esperar que permaneçam vestígios dessa região intermediária. É de fato isso mesmo que vemos, mais tarde, no primeiro objeto que a criança toma afetivamente como seu – um pedaço de tecido cortado de um cobertor, colcha ou camisa; uma fralda, um lenço da mãe, etc. Gosto de chamar um tal objeto de "objeto transicional"; ele é essencial e simultaneamente uma criação da criança e uma parte da realidade externa. Por isso, os pais respeitam esse objeto ainda mais do que respeitam os outros brinquedos, bonecos e ursinhos que rapidamente aparecem. O bebê que perde seu objeto transicional perde de uma só vez a boca e o seio, a mão e a pele da mãe, a criatividade pessoal e a percepção objetiva. Esse objeto é uma ponte que torna possível um contato entre a psique individual e a realidade externa (WINNICOTT, 1955b/2011, p. 217. Itálicos do autor).

Os fenômenos transicionais têm suas raízes logo após o nascimento e podem ser observados nos bebês nas atividades de chupar os dedos e os punhos, mexer o rosto ou murmurar algum som. Essas atividades, vistas como autoerotismo oral, representam já o início da transicionalidade, em que, no evoluir do processo, haverá a eleição de um objeto predileto por parte do bebê, um ursinho de pelúcia, uma fralda ou outro objeto qualquer. Na teoria winnicottiana, tais atividades, em que se inicia o fenômeno transicional, são compreendidas mais do que uma excitação ou satisfação oral. Nelas, identifica-se um impulso do bebê em relacionar-se com o objeto, a capacidade de criar, a possiblidade para reconhecer um objeto não eu e um relacionamento afetuoso com ele.

O bebê, ao eleger o seu objeto durante a desadaptação materna, apega-se a ele, dispensando-lhe carinho e também brutalidade, por isso, os objetos precisam

ser resistentes. Esses objetos, nesse período, são indispensáveis, insubstituíveis e são usados especialmente nos momentos de tensão, inquietação ou angústia. Com o passar do tempo, esse objeto será relegado ao limbo, não esquecido, perdendo o seu significado uma vez que os fenômenos transicionais se tornam difusos, abarcando todo o território intermediário entre a realidade pessoal e o mundo externo. Na transicionalidade, dá-se o início da quebra da unidade mãe-bebê.

A atividade simbólica dos fenômenos transicionais encontra-se no espaço de separação entre o bebê e sua mãe, sendo o objeto transicional o símbolo de união daquilo que foi separado e daquilo era a união. Tomando em consideração a fase anterior, ele representará o seio e o si-mesmo da criança.

Por conseguinte, a atividade simbólica iniciada nos fenômenos transicionais é considerada algo imprescindível para o desenvolvimento emocional saudável. Ela amplia a experiência humana para além da unidade mãe-bebê no processo do amadurecimento. “O símbolo de união proporciona um alcance mais amplo à experiência humana do que a própria união” (WINNICOTT, 1966b/2011, p. 130).

No início do amadurecimento, o ambiente externo só pode ser experimentado pelo lactente como objeto subjetivo, isto é, objeto criado por ele para ser encontrado, fazendo parte integrante do seu si-mesmo incipiente. Com o processo do desmame, esse objeto passa a ser transicional. Isso pode ocorrer com um mesmo objeto, por exemplo um ursinho; o que altera é a natureza do objeto, passando de subjetivo a transicional.

O objeto transicional representa a transição do bebê da unidade mãe-bebê para um estado de relacionamento de dois indivíduos separados. É importante notar que, para que a transicionalidade aconteça, é fundamental que o bebê crie esse novo espaço, possibilitado pela tendência à integração, tornando-se sinal de saúde e a capacidade humana de criar mundos e transitar entre eles.

Os fenômenos transicionais são o início do *espaço potencial*. O espaço potencial é o lugar que o indivíduo, na saúde, pode ocupar momentaneamente para estar preservado da cansativa tarefa de separar fatos e fantasias. No espaço potencial, o indivíduo experimenta a capacidade de simbolizar e de brincar, ampliando-o para as experiências culturais e religiosas. O que se dá no espaço potencial não pertence nem à realidade psíquica pessoal nem à realidade externa e compartilhada, não é delírio, nem objetividade. Por isso, a afirmação de Winnicott: o espaço potencial é:

> [...] uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputa, porque nenhuma reinvindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades internas e externas separadas, ainda que inter-relacionadas (WINNICOTT, 1953b/1975, p. 15).

A partir dessa teorização winnicottiana do espaço potencial como *área neutra da experiência*, surge a pergunta sobre a localização desse espaço. Esse espaço no qual a brincadeira e experiências culturais podem acontecer é localizado no psiquismo do indivíduo. O espaço potencial conserva em si as características dos fenômenos e objetos transicionais.

> Sinto que os fenômenos transicionais não passam, pelo menos não na saúde. Eles podem tornar uma arte perdida, mas isto faz parte de uma doença no paciente, uma depressão, e algo equivalente à reação à privação na primeira infância, quando o objeto transicional e os fenômenos transicionais são temporariamente (ou, às vezes, permanente) sem sentido ou inexistentes (WINNICOTT, 1959a/1994, p. 48).

Naturalmente, o surgimento desse novo sentido de realidade, isto é, no sentido de ser do bebê, o mundo transicional, só poderá acontecer caso ele experimente em tempo suficiente o mundo subjetivo. Além disso, a passagem de um mundo a outro, respeitando a gradualidade do processo, na saúde, acontece quando o bebê pode servir-se do objeto transicional representando muitas vezes a mãe, viva, real e presente com seus cuidados maternos suficientemente bons. Caso contrário, o objeto transicional perde o sentido.

> Observem a sequência que se dá quando a mãe acha-se ausente. O bebê aferra-se ao objeto transicional. Após um certo período de tempo, a mãe internalizada se desvanece e, então, o objeto transicional deixa de significar alguma coisa. Em outras palavras, o objeto de transição é simbólico do objeto interno que é mantido vivo pela presença viva da mãe (WINNICOTT, 1959a/1994, p. 48).

As falhas ambientais graves, a ausência materna por um período de tempo mais que o suportável pelo lactente, durante os fenômenos transicionais, incidem na vida do bebê de duas formas possíveis: precisando distorcer o sentido do objeto

transicional, o que pode torná-lo em objeto fetiche, ou fazendo-o perder a experiência dos fenômenos transicionais, regredindo a um estágio anterior.

> Deve-se, portanto, assinalar que a realidade e o caráter simbólico do objeto transicional dependem da vivacidade e da confiabilidade do objeto subjetivo que, por sua vez, depende da permanência e da vitalidade do objeto externo. A perda do objeto subjetivo é "uma grande catástrofe", algo que pertence à ordem de coisas que são chamadas, na teoria winnicottiana, agonias impensáveis. **Se a criança "perde" a mãe, durante um período demasiadamente longo, "o objeto subjetivo morre" e a capacidade simbólica do objeto transicional se esvai. Por isso, apesar da importância do caráter simbólico do objeto transicional, Winnicott faz notar que, no início, o importante não é tanto o seu valor simbólico, mas a sua realidade [**que mantém o objeto subjetivo vivo e, em decorrência disso, a experiência do si-mesmo**]** (DIAS, 2012, p. 230. Grifo nosso).

Uma observação final em relação ao espaço potencial se faz necessária: no espaço potencial, terceira área da experiência, acontece uma tensão paradoxal constante entre o criar e o descobrir. Essa tensão gera uma excitação que não é instintual, mas pertencente ao 'relacionamento com o ego (*ego-relatedness*)'. O que seria esse 'relacionamento com o ego (*ego-relatedness*)'? Esse conceito winnicottiano pode ser definido como:

> [...] a parte do ego que não é corporal, que não está fundada no padrão de funcionamento corporal, mas nas experiências corporais. Tais experiências são próprias da relação de objeto de tipo não orgástico, ou do que pode ser chamado de capacidade de relacionamento do ego, no local em que se pode dizer que a continuidade está cedendo lugar à contiguidade (WINNICOTT, 1967c/1975, p. 140).

A *capacidade de brincar* (WINNICOTT, 1971b/1975), tanto na criança como no adulto, esclarece a que tipo de excitação Winnicott se refere, própria do relacionamento do ego. O brincar, na teoria winnicotitana, não advém da sublimação do impulso instintivo, mas é vivido a partir da criatividade original. "[...] o Brincar precisa ser estudado como um tema em si mesmo, suplementar ao conceito da sublimação do instinto" (WINNICOTT, 1971b/1975, p. 60).

Desse modo, o brincar é, em si, excitante pela sua precariedade; nele a continuidade dá lugar à contiguidade[47]. O seu território é o interjogo entre a

---

[47] No visão winnicottiana, duas coisas são importante destacar em relação à brincadeira: a precariedade que constitui um dos aspectos fascinantes da brincadeira, uma vez que a criança tem a

realidade psíquica e a experiência de controle de objetos reais. A sua satisfação não se dá na descarga dos instintos, uma vez que não provém deles, mas na própria espontaneidade da brincadeira, isto é, não contém regras e termina por si mesmo quando a criança se cansa da brincadeira (WINNICOTT, 1971b/1975).

3.4.2 O estágio do uso do objeto

Após compreender os fenômenos transicionais, o objeto transicional e espaço potencial com tudo aquilo que comporta tal formulação teórica, considera-se agora *o estágio do uso do objeto*[48].

A conquista da capacidade de usar os objetos assim como a transicionalidade nos momentos iniciais não existe. No entanto, de forma germinal, iniciaram-se no estágio da primeira mamada teórica, com a tarefa de realização, o estabelecimento das relações com a realidade externa. É somente no estágio do uso do objeto que o bebê poderá começar a usar e perceber os objetos como externos. E para que isso aconteça, é necessário que a mãe, desde o início, apresente o mundo ao lactente em pequenas doses, possibilitando ao bebê, por meio da identificação primária, ser o objeto. No evoluir do processo maturacional, no momento da desadaptação materna, a experiência dos fenômenos transicionais conduz o bebê a possuir o objeto (posse do objeto), ainda que durante essa fase o bebê continue a viver num mundo subjetivo. No entanto, a onipotência começa a ser quebrada e pequenos elementos da realidade externa começam a entrar na experiência. À medida que o amadurecimento evolui, o objeto subjetivo, em fase transicional, passará a ter outro sentido de realidade, o do objeto instituído pela criação do espaço potencial, da realidade compartilhada e externa, na qual o bebê poderá fazer uso do objeto. Winnicott dirá que tal conquista será uma das mais

---

possiblidade de lidar com o imprevisível, por isso, amedrontador de forma limitada; o fundamental da brincadeira não está no conteúdo, mas no próprio ato de brincar, do perder-se ali, mergulhado num estado de quase alheamento, semelhante à concentração das crianças mais velhas ou dos adultos. "A importância do brincar é semelhante à precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança" (WINNICOTT, 1971b/1975, p. 71).

[48] Este estágio consiste em uma crucial conquista na qual o indivíduo será capaz de relacionar-se com a externalidade do objeto, sendo capaz de amá-lo e odiá-lo, e dando início à fantasia inconsciente no indivíduo.

difíceis no amadurecimento humano. Em uma linguagem winnicottiana, pode-se dizer que o lactente passará da relação de objeto para o uso do objeto.

Ao usar essa distinção de *relação e uso do objeto*, o psicanalista inglês ressalta, na lógica do amadurecimento, que a relação de objeto é a base para o desenvolvimento da *capacidade de usar objetos*. A relação de objeto constitui uma experiência que descreve o indivíduo como um ser isolado, comunicando-se com os objetos subjetivos no âmbito da ilusão de onipotência. Já o uso do objeto e a conquista do uso do objeto só poderá acontecer tendo em conta a realidade externa e independente do objeto. O estágio do uso do objeto é um ponto crucial do pensamento winnicottino:

> O objeto, se é que vai ser usado, tem de necessariamente ser real no sentido de fazer parte da realidade partilhada e não ser um feixe de projeções. É isto que, penso eu, contribui para o mundo de diferença que existe entre relacionamento e uso. Se estiver com razão em relação a isto, decorre então que o debate do tema de relacionar-se é um exercício muito mais fácil para os analistas que o exame do uso, uma vez que o relacionar-se pode ser examinado como um fenômeno do sujeito, e a psicanálise sempre gosta de poder eliminar todos os fatores que são ambientais, exceto na medida em que se pode imaginar o ambiente em termos de mecanismos projetivos. Ao examinar o uso, porém, não há escapatória: o analista tem de levar em consideração a natureza do objeto, não como projeção, mas como coisa em si (Winnicott, 1969b/1994, p. 173).

Para que essa mudança do sentido de realidade do objeto ocorra, isto é, o lactente comece a estabelecer contato com o caráter externo do objeto e como coisa em si, é essencial que o bebê experimente o impulso real de destruição e agressividade. Observam-se essas experiências no bebê que morde efetivamente o seio materno ou o recusa e fica observando a reação da mãe. Essas e outras formas vêm misturadas à agressividade de outra natureza, como, por exemplo, a instintual.

Isso possibilitará que o bebê expulse o objeto subjetivo do âmbito da onipotência. Algo (alguém) que faz parte do si-mesmo ou do mundo subjetivo é expulso, para fora, para ser examinado e/ou atacado. Winnicott denominou esse movimento de destruição do objeto (subjetivo). Na realidade, é o caráter subjetivo do objeto que é destruído. Essa destrutividade, ainda que apoiada na experiência da impulsividade primitiva, não é de caráter instintual, não decorrendo de frustrações. É uma destrutividade não caracterizada pela raiva, mas com base na necessidade do desenvolvimento pessoal do indivíduo de habitar num mundo em que haja objetos com existência própria que possam ser usados. Em outras palavras, esse fenômeno

ocorre na vida lactente não porque ele esteja faminto ou raivoso, mas porque precisa destruir o objeto subjetivo na fantasia para transformá-lo em realidade objetiva.

Essa formulação winnicottiana, destruição do objeto na fantasia, baseia-se em "[...] uma nova redação da teoria das raízes da agressão, [...] na teoria ortodoxa encontra-se sempre o pressuposto de que a agressão é reativa ao encontro com o princípio da realidade, enquanto aqui que é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade" (WINNICOTT, 1969b/1994, p. 176). A agressividade e a destrutividade são fenômenos humanos que conduzem à descoberta da externalidade dos objetos.

Além da importância de experimentar o impulso real destrutivo para que se adquira o sentido de externalidade do objeto, deve-se ressaltar aqui a extrema relevância da sobrevivência do objeto, a fim de que a experiência de destruição seja feita de fato e se conquiste a capacidade do uso do objeto. O significado winnicottiano de sobrevivência do objeto está vinculado à atitude de não retaliação, não mudança de atitude e de qualidade. O objeto precisa permanecer igualmente confiável. A partir desse significado, a palavra destruição também ganha o seu sentido. Winnicott faz notar que o uso da palavra destruição, para descrever o fenômeno de como o bebê atinge o princípio da realidade, pode ser justificado no risco do objeto real, a mãe, não sobreviver aos ataques do bebê e a sua fantasia de destruição advinda dos ataques.

Assim sendo, o bebê somente experimentará o impulso real de destruir, caso o objeto sobreviva e, uma vez sobrevivendo, esse impulso se transformará em capacidade de usar o objeto que sobreviveu. A sobrevivência do objeto liberará o bebê para destruir os objetos na sua fantasia inconsciente, colocando o objeto fora da área de onipotência. E é nesse momento que terá início a fantasia para o indivíduo, uma vez que ele pode separar fato (sobrevivência do objeto) e fantasia (a destruição do objeto na fantasia). Quando se estabelece a capacidade do uso do objeto, o objeto subjetivo estará sempre sendo destruído na fantasia.

3.4.3 O estágio do EU SOU

No prosseguir do amadurecimento pessoal, após a conquista dos fenômenos transicionais e do uso do objeto, tem-se o *estágio do EU SOU* no qual se

dá a conquista da unidade num eu integrado. Winnicott sugere que tal conquista começa a estabelecer-se por volta de um ano ou um ano e meio de idade e tem a sua maior estabilidade entre dois e três anos. Essa conquista estará bem definida na vida da criança no momento em que ela se percebe como um ser de existência unitária, com identidade definida, de tal modo que, como disse Winnicott, se soubesse falar, diria: EU SOU.

No estágio do Eu Sou, integram-se, gradualmente vários aspectos da personalidade, advindos dos processos maturacionais acontecidos durante os estágios iniciais, inclusive o falso si-mesmo instrumental em uma personalidade unitária: o verdadeiro e falso si-mesmo integrado num indivíduo. No estágio do Eu Sou, após repetidas experiências de separação da mãe, isto é, de expulsá-la para fora da área de onipotência no estágio anterior, o bebê se separa do ambiente total.

Deve-se recordar aqui que o estatuto unitário do eu alcançado no referido estágio não é livre de fraturas e conflitos; consiste, sim, num estado de integração espaço-temporal no qual haverá um eu que contém tudo. Por conseguinte, com a conquista desse estágio, chega-se a um acabamento e um começo, “[...] mas é necessário apontar que o estado de SOU, o estado de SER e o sentimento de realidade em existir, não constituem um fim em si mesmo, mas uma posição a partir da qual a vida pode ser vivida” (WINNICOTT, 1954b/1994, p. 332).

Podem-se, então, observar nesse estágio, algumas características na vida da criança: 1. Ela habita mais firmemente no corpo; 2. Possuindo, assim, um contorno, uma membrana limitante, especificamente a pele, que será o eu do não eu, sendo que todo não eu é repudiado como externo; 3. Nesta direção, ela passará a ter um interior, isto é, realidade psíquica pessoal, lugar em que pode armazenar e correlacionar as memórias de experiências, agregando a isto a formação do inconsciente reprimido ao inconsciente originário – não reprimido mas esquecido.

Vale a pena lembrar que essa integração maior, integração inerente ao estágio do Eu Sou, não é estado garantido no bebê recém-integrado e, de acordo com o pensamento winnicottiano, nem mesmo num adulto saudável. Nesse sentido, é possível que a psique de uma criança saudável perca o contato com o corpo e, em momentos, críticos seja difícil de recuperá-lo.

Alcançado este estágio, o bebê verá o mundo e a si mesmo em um nova posição, a do Eu. As fronteiras desse novo território são delineadas necessariamente pelo repúdio do não eu, consistindo em um ato de hostilidade e, ao

mesmo tempo e necessariamente, havendo uma expectativa de um ataque[49]. O indivíduo nessa nova posição "[...] sente-se infinitamente exposto. E esse momento só pode ser suportado –ou, talvez, arriscado- quando há alguém envolvendo a criança com seus braços" (WINNICOTT, 1955b/2011, p. 216). A partir dessa nova posição, portanto, "[...] o cuidado fornecido pela mãe é importante, por posicionar-se entre o indivíduo integrado e o mundo exterior muito pouco bem-vindo" (WINNICOTT,1988/1990, p. 141).

O amadurecimento nesse estágio depende dos fatores pessoais –o padrão de impulsividade pessoal, de motilidade, sensibilidade, inteligência, entre outros- e dos cuidados ambientais. O amadurecimento aqui pode ser facilitado mais por um do que por outro fator. Quando somente os fatores pessoais favorecem a integração nesse estágio, é comum que a expectativa de perseguição fique mais acentuada. Ao contrário disso, quando o bebê se integra essencialmente em função dos cuidados ambientais, implicando, nesse caso, que o si-mesmo foi impelido a aglutinar-se, há uma ausência de expectativa de perseguição. Isso lançará as bases para uma ingenuidade e, em decorrência disso, uma incapacidade de esperar a perseguição e uma quase definitiva dependência da boa provisão ambiental.

Winnicott chama à atenção nesse ponto do amadurecimento para a precariedade do Eu Sou recém-integrado. O pediatra e psicanalista inglês evoca a figura do personagem Humpty-Dumpty (WINNICOTT, 1966c/1994, p. 89)[50] da tradicional canção inglesa para tratar da importância da mãe nesta fase de precariedade do Eu. O bebê tem necessidade de contar com a possibilidade de regressar ao colo materno e tempo para explorar tal fase por completo. "Ao descobrir o mundo, a criança sempre realiza uma viagem de volta – e esta viagem faz sentido para ela" (WINNICOTT, 1966b/2011, p. 131). Isso aponta para uma questão relevante do amadurecimento: o bebê que avança em seu desenvolvimento, necessita contar também com a possiblidade de retornar, regredir a momentos que pareciam ultrapassados. Em concreto:

---

[49] Na visão winnicottiana, os processos que conduzem à conquista da identidade unitária geram, momentaneamente, um estado que poderia ser denominado de paranoide e que poderá ser uma das raízes da tendência à paranoia.

[50] Humpty-Dumpty está personificado na figura de um ovo. Ele se encontra sentado encima do muro do Palácio Real. Humpty-Dumpty cai do muro, se espatifa, e os soldados do Rei não podem juntá-lo de novo.

> [...] você pode ver uma criancinha aproveitando a relação com uma tia ou com um cachorro, ou uma borboleta, e pode ver que a criança não só está realizando percepções objetivas, como apreciando o enriquecimento proveniente da descoberta. Isso não significa, no entanto, que a criança esteja pronta para viver no mundo descoberto. A qualquer momento, a criança se mistura de novo com o berço, ou com a mãe, ou com os odores familiares, instalando-se outra vez num ambiente subjetivo (WINNICOTT, 1966b/2011, p. 130).

O estágio do Eu Sou lança as condições de possibilidade para a experiência do próximo estágio do amadurecimento, o do concernimento. Não se pode dizer que o bebê é uma pessoa inteira. No entanto, aquilo que se pode asseverar e é necessário ressaltar, é que o estágio do Eu Sou coloca o indivíduo na posição em que a vida pode ser vivida, dando continuidade às raízes do sentimento de realidade, ou seja, de existir e ser real.

3.4.4 O estágio do concernimento (*concern*)[51]

Tendo conquistado o estatuto de um eu unitário, o infante pode realizar a tarefa de integração da vida instintual até então externa a ele que pode ser-lhe invasiva, caso não seja sustentado pela provisão ambiental. E aí, sim, na realização consistente dessa tarefa, a criança se tornará uma pessoa inteira, capaz de relacionar-se como pessoa inteira. Esse estágio foi denominado por Winnicott de estágio do concernimento.

No estágio do concernimento, o bebê deixa de ser incompadecido (*ruthless*) para sentir-se concernido, ou seja, preocupado com a impulsividade própria dos estados excitados e as suas consequências no objeto de amor. As ansiedades vivenciadas neste período pelo infante são de extrema complexidade não só pelos efeitos da impulsividade voraz, o objeto do amor excitado, mas pelas consequências no si-mesmo provenientes da experiência da excitação. Surge, a partir daqui, o sentimento de culpa e de responsabilidade relacionado à destrutividade própria da impulsividade instintual.

---

[51] Dias (2012) propõe o uso desse neologismo para a tradução inglesa da palavra *concern* uma vez que ela não tem correspondência em português, não permitindo colher integralmente a riqueza do pensamento winnicottiano. Serve-se aqui no texto de tal proposta, mostrando ao longo da descrição do estágio o sentido da terminologia inglesa, característica fundante desse estágio do desenvolvimento. Concernimento em português, segundo o dicionário Aurélio, significa referir-se a, ter relação, e não, preocupação com o outro, próprio do estágio do concernimento.

A criança aqui pode perceber que ela é uma única e mesma pessoa, seja excitada seja tranquila. Além disso, dar-se-á conta de que a mãe, que cuida nos estados tranquilos, é a mesma que ela vivamente ataca nos estados excitados, embora, deve-se enfatizar aqui, que ainda por um tempo a mãe continue ser mãe-ambiente e mãe-objeto. Por que isso? Porque enquanto a criança está juntando as mães (ambiente e objeto) numa única pessoa, o bebê necessita que a mãe real continue cuidando nessas duas situações (estados tranquilos e excitados). Portanto, a mãe seguirá oferecendo um ambiente seguro e confiável ao seu bebê, além de estar disponível para que ele a use como objeto a ser sugado, destruído e alvo de preocupação.

> A mãe-objeto tem de demonstrar que sobrevive aos episódios dirigidos pelo instinto, que agora adquiriram a potência máxima de fantasias de sadismo oral e outros resultados da fusão. Além disso, a mãe-ambiente tem uma função especial, que é a de continuar a ser ela mesma, a ser empática com o lactente, a de estar lá para receber o gesto espontâneo e se alegrar com isso (WINNICOTT, 1963c/1983, p. 73).

Na linha temporal do amadurecimento, no período do estágio do concernimento, o bebê deixou a unidade mãe-bebê para a relação de um eu com um não eu externo e separado, assim como também saiu da pré-ambivalência para a ambivalência, da dissociação primária entre os estados tranquilos e excitados para uma discriminação de dois estados integrados em um si-mesmo. Com essas conquistas, o bebê está capacitado para relacionar-se com um outro, a mãe e é no seio desta relação agora dual que a capacidade para o concernimento, culpa pelos danos provocados pela impulsividade instintual, é elaborada.

O bebê, para realizar a tarefa própria deste estágio –integrar a instintualidade com a agressividade que lhe é própria- contará fundamentalmente com uma relação dual pessoal, contínua e segura. Seguindo a lógica do pensamento winnicottiano, o bebê não pode suportar todo o peso da culpa e do medo advindos do reconhecimento pleno de suas ideias e atos agressivos, inerentes ao impulso amoroso primitivo e incompadecido, direcionados à mãe ou figura cuidadora. Como tudo isso se passa na relação dual e a criança ainda não é capaz de fazer uso da ideia de um pai interventor, ela terá de certo modo que lidar sozinha com tal fato, sendo indispensável um cuidado materno contínuo e seguro. Cuidado

materno contínuo e seguro significa dizer uma mãe que sobrevive e não retalie a criança diante das suas ideias e atos agressivos provenientes do impulso amoroso.

Nessa dinâmica relacional dual, o medo se fará presente diante das ameaças depreendidas da tendência da criança deparar-se com o fato de que a agressividade é própria da sua natureza e a de projetar essa agressividade para fora de si, para o mundo externo. Isso estabelecerá um medo vago e espalhado por toda parte, sendo necessária a presença materna receptiva, capaz de proteger e neutralizar esse aspecto retaliatório e mágico desses tipos de medo.

A conquista da tarefa se dará na aceitação da criança da ambiguidade do impulso amoroso primitivo, isto é, a destrutividade pessoal com o amor. Para que isso se torne realidade, a criança precisa contar com a possiblidade de fazer reparação oferecida pela figura cuidadora, sendo ela, a mãe, uma presença materna contínua que sobrevive aos ataques sem retaliar. Nesse sentido, a criança estabelecerá a convicção de que o estrago pode ser consertado e mesmo as ideias e ações destrutivas são possíveis de conviverem com algumas boas ações. Além disso, chega à capacidade de experimentar a sua impulsividade como algo que lhe é próprio, pessoal.

Deve-se destacar aqui que toda essa dinâmica se dá em nível de fantasia na criança advinda da impulsividade instintual e que se integra no si-mesmo por meio de uma mãe capaz de sustentar a situação no tempo –a mãe permanece ali, viva e disponível- que ganha o seu pleno significado na sobrevivência materna e suas atitudes de não retaliação.

A sobrevivência materna diz respeito a uma mãe viva e que se sente pessoalmente ofendida pelo canibalismo do filho –exemplo: mordida da criança ao seio da mãe-, mas permanece no seu lugar de cuidado. Sobreviver significa suportar ser odiada e não desistir de exercer o seu papel de cuidado materno no processo de desilusão.

Quando tudo corre bem no estágio do concernimento, instaura-se *o círculo benigno* na criança. O círculo benigno são inúmeras repetições de experiências feitas pela criança de machucar e remendar, fornecendo à criança a capacidade de acreditar na possiblidade da reparação, no esforço construtivo. Com isso, a culpa pode ser suportada e o amor instintual torna-se mais livre. Na visão winnicottiana, o impulso para viver imbrica agarrar, usar e devorar –em sua linguagem o amor primitivo- e isso é necessário para estar vivo. A confiança no ato reparador cresce à

medida que a criança se sente livre para experienciar a impulsividade e, logo após ter sentido culpa, o gesto reparador –um sorriso, um pequeno carinho- sendo aceito pelo ambiente significa que ela reparou o corpo materno.

No estágio do concernimento, observa-se a presença de conflitos internos na vida psíquica da criança. A criança já reconhece um dentro e um fora em sua vida psíquica, isto é, um mundo interno pessoal e complexo, com fantasias e ansiedades, em oposição ao mundo externo. A partir daqui, a vida transcorrerá em um mundo interno, com histórias e personagens, no qual a disputa entre as tendências destrutivas e as construtivas da personalidade entrarão em jogo e a culpa, ansiedade inerente ao impulso destrutivo, se faz presente na experiência amorosa. É justamente a capacidade de culpa que levará a criança ao comportamento construtivo, reparando o objeto. A tarefa da mãe é estar disponível para reconhecer e receber o gesto espontâneo reparador, estabelecendo o círculo benigno. E em decorrência disso, forma-se a base de tudo aquilo que for construtivo.

No pensamento winnicottiano, *a capacidade de culpa e reparação* que se desenvolve neste estágio, é o fundamento para o desenvolvimento da moralidade pessoal, que não é imposta desde fora nem ensinada e, só pode ser vivida a partir da vivência da bondade original, isto é, da confiabilidade ambiental. Nessa mesma linha de pensamento, a consciência da existência do outro e a capacidade de identificação cruzada conduzem à experiência da empatia.

Winnicott utilizou o termo identificação cruzada para a redescrição dos mecanismos de projeção e de introjeção. A identificação cruzada é um sinal de saúde mental e constitui “[...] a capacidade que um indivíduo tem para penetrar, através da imaginação, e ainda assim de modo preciso, nos pensamentos, nos sentimentos, nas esperanças de outra pessoa, e também de permitir que outra pessoa faça o mesmo com ele” (WINNICOTT, 1970b/2011, p. 111). Embora essa capacidade surja durante fases adiantadas do processo maturacional, as suas bases estão nos momentos iniciais do bebê, ou seja, na experiência originária de alguém ter se identificado com suas necessidades, incomunicáveis por via verbal.

A elaboração da capacidade de concernimento tem uma longa duração. É difícil delimitar a data do começo, contudo, é necessário que o estatuto do Eu Sou já esteja integrado para que o indivíduo possa assumir a culpa. De acordo com Winnicott, é possível encontrar sinais de culpa por volta dos seis meses ou antes de um ano. O cume da elaboração dessa tarefa específica do estágio do concernimento

se dá por volta dos dois anos e meio e não se estabelecerá de maneira consistente antes dos cinco anos. Portanto, esse estágio tem longa duração e será atravessado por distintas dificuldades desde o começo até o final do estágio.

Uma das dificuldades aparece na segunda metade da elaboração da capacidade de culpa, com o ingresso da figura paterna como terceiro, sendo que sua existência e presença reais são cruciais para o processo de elaboração. Se, no início, o pai existia como uma duplicação do papel materno –embora algo dele seja acrescentado, segundo Winnicott (1966b/2011, p 127), um elemento "[...] duro e severo, implacável, intransigente, indestrutível" - ao amadurecer, isto é, ao estabelecer um relacionamento separado entre eu e não eu, esse elemento paterno se diferencia e começa a pertencer ao pai, fazendo com que o pai seja significativo como homem, um ser humano, "[...] alguém que possa ser temido, odiado, amado, respeitado" (WINNICOTT, 1966b/2011, p 127). Aqui, a criança já pode vislumbrar a existência de um triângulo familiar. Desse modo, a criança visualiza, seja imaginativa ou perceptivamente, a relação excitante real dos pais.

Neste sentido, a estabilidade da relação parental e o interesse dos pais um pelo outro geram segurança na criança, à medida que o sonho de tomar o lugar de um dos pais na relação triangular não tem perigo de tornar-se realidade. Até então, no processo maturacional, tinha-se uma dualidade relacional mãe e bebê. No evoluir desse processo, altera-se a relação, instalando-se uma relação a três, triádica, na qual a criança se encontrará como o terceiro no vértice do triângulo. Para Winnicott, na saúde, a criança pode aproveitar para a masturbação, a raiva que decorre da relação triangular por ser o terceiro excluído e assumir as fantasias conscientes e inconscientes que a acompanham.

Quando o indivíduo descobre o seu lugar na família, surge a capacidade de lidar com os sentimentos provenientes de tal posição, levando o indivíduo ao estabelecimento de outra conquista relativa ao desenvolvimento humano: a capacidade de estar só. As bases dessa capacidade encontram-se nos momentos iniciais do processo do amadurecimento, já descritos aqui, nos quais o bebê pode ficar só, em quietude, dada a confiança que tem na presença contínua da mãe e na continuidade dos cuidados. Tal capacidade verifica-se nos estados tranquilos do lactente. À medida que o processo maturacional evolui, o bebê incorpora esse ego auxiliar, isto é, cuidados maternos totais, que significa dizer a mãe ambiente, sendo

capaz de estar só sem a mãe ou símbolo dela. Para isso, é necessário que tudo corra bem nos estágios anteriores ao estágio edípico.

No estágio do concernimento, em que já se tem a existência de relacionamento bipessoal bebê-mãe, a capacidade de estar só implicará "[...] a existência de um objeto bom, na realidade psíquica do indivíduo" (WINNICOTT, 1958/1983, p. 32).

A criança usará o pai, no concernimento, para proteger a mãe dos seus ataques próprios do amor excitado. É aqui que o elemento duro, severo, implacável, intransigente e indestrutível paterno ajuda a criança a experimentar a vida instintual e suas consequências de forma livre, tornando as ideias e as ações instintuais mais seguras. Nesta perspectiva, o pai forte possibilita à criança arriscar-se e movimentar-se, agir e excitar-se, pois está preparado para remendar os estragos e/ou impedir com sua força que eles aconteçam. Caso isso não seja possível, devido à ausência do pai ou depressão da mãe, a criança se inibe na experiência do amor excitado, assumindo assim um autocontrole dos impulsos, precocemente. A inibição da espontaneidade e do impulso pode resultar em depressão ou forma de tendência antissocial, constituindo, no âmbito de fantasia inconsciente, um temor de que algum aspecto da destrutividade saia do controle. Além disso, prejudicará o estágio edípico, pois sem poder contar com a presença real paterna, não poderá passar pela experiência de rivalizar com o pai.

Portanto, a criança neste período precisa contar com a sobrevivência da mãe e a presença real do pai e posteriormente, no estágio edípico, a rivalidade paterna, para poder viver a sua destrutividade inerente ao impulso amoroso de maneira livre e experienciar a sua potência sexual.

Na elaboração do concernimento, as excitações que outrora eram gerais vão tornando-se mais localizadas e com tonalidade sexual e de gênero. As excitação, sem o caráter sexual e de gênero, estavam associadas à excitação da alimentação ou à ideia de alimentação, e, logo depois, às atividades excretoras. Agora, faz-se presente o aspecto do desenvolvimento sexual na vida da criança Assim sendo, a ereção fálica e a excitação do clitóris ganham a sua importância própria.

Winnicott teoriza que, nas fase pré-genitais –oral, anal e fálica-, embora haja todo tipo de excitação, inclusive excitações genitais, a criança ainda não tem maturidade suficiente para elaborar imaginativamente a função genital.

Aproximadamente por volta dos dois anos, durante a elaboração do concernimento, de acordo com Winnicott, a criança começa uma fase exibicionista ou de ostentação. Freud denominou essa fase de fálica. No processo de amadurecimento, constitui o momento do desenvolvimento da identidade de gênero e da sexualidade como um elemento desse processo. Nesse sentido, a distinção entre menino e menina ganhará o seu sentido.

A característica central dessa fase exibicionista ou fálica está associada com o órgão genital masculino. O órgão genital masculino é visível com suas ereções periódicas, ao contrário do órgão genital feminino, que é um fenômeno negativo. Aqui, a ereção constitui o elemento mais importante, vinculada à ideia de que aí se encontra uma coisa importantíssima, sendo que a perda seria terrível.

Em relação à ideia de ereção, o psicanalista inglês teoriza:

> A ereção e a sensibilização surgem ou em relação direta com uma pessoa ativamente amada, ou através de ideias de rivalidade, tendo como pano de fundo a pessoa amada. No segundo momento da fase fálica, há um objetivo mais declarado de penetrar e engravidar, e aqui a pessoa real é o mais provável objeto do amor (WINNICOTT, 1988/1990, p. 61).

A partir da fase exibicionista ou fálica, concomitantemente com a distinção dos gêneros, o fator da bissexualidade se faz presente. De acordo com Winnicott, existe sempre um menino dentro da menina e uma menina dentro do menino, inegável sobretudo nas meninas. Nesta fase, as meninas descobrem que os meninos têm algo que elas não têm: além das ereções, a forma de os meninos urinarem também entra na pauta desse processo. Neste sentido, a inveja do pênis é um fato para a menina, em graus variáveis. Pensa Winnicott que o grau de representatividade desse fato na vida da menina depende muito da expectativa dos pais e a natureza e a posição dos irmãos na família, entre outras coisas.

3.5 Independência Relativa

Nesse momento do amadurecimento, instala-se *o estágio edípico*. No estágio do Édipo, as dificuldades da criança não são referentes à falha ambiental, mas próprias da vida instintual advindas das relações triangulares e interpessoais. O mundo interno já está construído, onde se desenvolvem todas as fantasias e os

sentimentos. Os instintos e as excitações corporais se fazem presentes nas brincadeiras e começam as identificações com qualquer um dos pais.

Nesse período do amadurecimento, até crianças mais saudáveis podem sofrer com vários sintomas neuróticos.

No estágio do Édipo, a criança estará às voltas com os momentos de excitação determinados pela instintualidade. O que acontece entre uma excitação e outra está vinculado à preparação para satisfação do instinto ou à tentativa de controlá-lo, ou mantê-lo vivo, de forma indireta, por meio do brincar, da masturbação saudável ou da dramatização da fantasia. Em função da ambivalência, amor e ódio estarão presentes na vida da criança. Ela se sentirá atraída pelo sexo oposto e com tensões em relação à figura parental do mesmo sexo. Tudo isso será vivido na esfera inconsciente e, a despeito do ambiente satisfatório, a criança terá impulsos, ideias, fantasias e sonhos nos quais se fará presente o conflito entre o amor e o ódio, entre o desejo de preservar e o de destruir e entre as posições heterossexuais e homossexuais referentes às identificações com os pais.

Nesse estágio, a criança vivenciará problemas de lealdade, fundamentais para o seu amadurecimento. A falta de experiência em relação às relações triangulares e os afetos que as comportam são visíveis nesse momento na vida da criança. Por isso, é preciso tolerância àquilo que parece deslealdade, é somente uma experimentação. Em concreto, funciona assim na vida da criança: ela estabelece um relacionamento com o pai e a partir desse relacionamento, passa a ver a mãe de forma mais objetiva, adotando a percepção do pai em relação a mãe. Esse relacionamento, além de envolver uma outra visão a respeito da mãe oferecida pelo pai, a criança se envolve em um relacionamento amoroso com o pai no qual o ódio e o temor à mãe se fazem presentes. Nesse sentido, o relacionamento com a mãe torna-se perigoso para a criança, por isso, afasta-se dela. No entanto, a criança também reconhece que existe um relacionamento construído processualmente com a mãe, sendo capaz de reatar o relacionamento com a figura materna e passando a ver o pai de forma objetiva e sentindo ódio e medo dele.

Por este motivo, a presença real dos pais será de extrema importância a fim de que a criança prossiga o seu amadurecimento. Se o pai não sustenta essa outra visão da mãe à criança, ela precisará de fazê-lo sozinha a partir da necessidade de afastar-se da mãe. Isso exigirá um autocontrole por parte da criança e muita dificuldade para elaborar tudo o que comporta a situação edípica. Essa mudança de

posicionamento da criança –que pode ser vivenciada com outras pessoas da família, como avô, avó, babá- é necessária para que a criança vá reconciliando-se com os medos associados à família e à vivência da sua instintualidade.

Os conflitos depreendidos da sua instintualidade só podem ser considerados e vividos com liberdade se são contidos pelos adultos e lhes são permitidos serem elaborados nas brincadeiras. Nesse sentido, o ambiente familiar, estável e seguro, favorecerá à criança por meio do brincar e do sonhar, elaborar sua vida interna, confusa muitas das vezes pela ambivalência vivenciada, a coexistência do amor e do ódio. A partir de uma família sólida, isto é, que sustente os contínuos testes da criança provenientes de sua situação de ambivalência afetiva e tudo que advém desse momento do amadurecimento, a criança pode prosseguir gradualmente do relacionamento entre três pessoas para outros mais complexos. No entanto, Winnicott (1988/1990, p. 57) assinala que "[...] é o triângulo simples que apresenta as dificuldades e também toda a riqueza da experiência humana".

Quando a criança encontra um ambiente familiar[52] sólido, seguro e confiável, pode:

> [...] explorar rudemente atividades destrutivas que se relacionam ao movimento geral e, mais especificamente, à destruição relacionada à fantasia que se acumula em torno do ódio. Nesse caminho (por causa da segurança ambiental da mãe sendo apoiada pelo pai etc.) a criança torna-se capaz de fazer uma coisa muito complexa, a saber, integrar seus impulsos destrutivos com os amorosos, e o resultado, quando tudo corre bem, é que a criança reconhece a realidade das ideias destrutivas que são inerentes, na vida, ao viver e ao amor, e encontra modos e maneiras de proteger de si mesma pessoas e objetos valorizados. [...] Para adquirir isso em seu amadurecimento, a criança *requer, de modo absoluto, um ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais*: com toda certeza, os tapetes vão ficar sujos, as paredes terão que receber papel novo e às vezes uma vidraça será quebrada, mas de alguma forma, o lar se mantém coeso, e por trás de tudo está a confiança que a criança tem na relação dos pais (WINNICOTT, 1968d/2011, p. 85. Itálicos do autor).

---

[52] Sobre o ambiente familiar, Dias (2012) faz um uma observação interessante em relação à separação dos pais, situação muito comum na nossa época e muito distinta na época em que Winnicott formulou a sua teoria. Nas palavras de Dias (2012, p.266): "Não é líquido e certo que os filhos sofram mais pela separação concreta, emocional e geográfica, dos pais, do que quando estes permanecem sob o mesmo teto, sem uma relação afetiva ou uma comunicação real. Como os pais têm todo o direito de buscar o que sentem ser melhor para si mesmos, é importante, de qualquer modo, que cada um continue a fazer a sua parte no que se refere ao seu papel junto à criança. [...] É igualmente vital que estes recebam alguma explicação, acessível à sua maturidade, sobre o que aconteceu, e que os pais, não importa o grau de decepção ou de raiva que guardem, não se ponham a denegrir a imagem parental do outro".

A respeito da vida sexual da criança, alcança-se a primazia da genitalidade. Nesse momento, a fantasia já fora enriquecida na fase fálica com atos típicos masculinos e femininos: de penetrar e ser penetrada ou de fecundar e ser fecundada. A ereção genital, que teve também o seu início na fase fálica, será vinculada à ideia de provocar mudança irreversível no corpo de outra pessoa. Assim, uma nova potência estará presente na criança, fazendo com que ela goze da capacidade de ter experiências sexuais com todas as típicas fantasias e excitações. Entretanto, a criança será obrigada a adiar para a puberdade o exercício do ato genital dada a sua imaturidade física. No futuro, essas experiências e fantasias sexuais infantis sedimentadas nessa etapa serão utilizadas na vida adulta.

Winnicott indica aspectos importantes para tratar da conquista da identidade sexual do menino e da menina. São eles: a especificidade da linguagem da fase genital direcionada para descrever mais a constituição da identidade masculina do que a feminina, a elaboração da inveja do pênis por parte da menina e os fundamentos da identidade sexual feminina calcados na infância remota e a dissonância entre os aspectos biológicos e as fantasias emergentes nas fases fálica e genital

Na visão winnicottiana, a descrição feita pela psicanálise tradicional do mundo fantasmático, tanto na fase fálica como na fase genital, deriva do órgão genital masculino, sendo perceptível tanto no menino quanto no menino dentro da menina. De certo modo, aplicar essa compreensão à conquista da identidade sexual feminina significaria conceber o seu desenvolvimento num estilo masculino.

> É aconselhável não confiar demasiadamente no mito de Electra, pois em primeiro lugar é preciso colocar a pergunta: ele é apresentado para ilustrar a sexualidade feminina que se desenvolve num estilo masculino, com a inveja do pênis e o complexo de castração como termos centrais, ou para descrever aquela que se desenvolve mais diretamente a partir da identificação e da rivalidade com a mãe e da elaboração imaginativa da função do órgão genital especificamente feminino (WINNICOTT,1988/1990, p. 67).

Isso indicará alguns elementos originais do pensamento winnicottiano no que diz respeito ao desenvolvimento da identidade sexual. No estágio do Édipo, em que o indivíduo experimenta as primeiras relações interpessoais em que os instintos estão presentes, a elaboração imaginativa das funções corpóreas terá um papel importante na conformação do mundo da fantasia. A elaboração do funcionamento

corporal e a fantasia estarão incluídas na constituição da identidade sexual. Por isso, Winnicott (1988/1990, p. 68) indicou “[...] a existência de um outro caminho para a menina” na elaboração de sua identidade sexual e não a inveja do pênis.

Na fase fálica, a menina sente necessidade de se completar. Nesse sentido, a inveja do pênis na menina a possibilitará a busca da relação com o sexo oposto.

> O macho dentro da fêmea está sempre presente e é sempre importante, tendo como resultado uma sequência de ideias que pode ser descrita pelas seguintes palavras: Eu tenho um pênis. É claro que vai me crescer um pênis. Eu tive um pênis, estou traumatizada (castigo pela excitação). Posso usar um pênis por procuração, algum macho pode agir por mim. Vou deixar o macho me usar. Dessa forma terei um defeito corrigido, mas terei de reconhecer que dependo do macho para estar completa. Desta forma descubro minha genitalidade feminina verdadeira (WINNICOTT, 1988/1990, p. 63).

A experiência de incompletude na menina, na fase fálica, favorecerá a descoberta do seu “verdadeiro genital feminino”. A inveja do pênis, quando tudo corre bem, conforme pensa Winnicott, será superada, então, pelo reconhecimento da dependência do outro, divergente do pensamento freudiano, em que a inveja e o sentir defeituoso serão corrigidos ao ter um filho do pai.

Na compreensão de Winnicott (1988/1990), o “genital verdadeiro” referido à fêmea é elaborado na fase fálica. No entanto, a feminilidade, que inclui a genitalidade, desenvolve-se no decorrer do processo maturacional, integrando a mulher-fêmea com a mãe potencial, por meio da identificação da menina com a mãe e a linhagem das mulheres, tendo o seu início no colo materno. Além disso, a elaboração imaginativa da função corpórea concorrerá para a constituição da sexualidade feminina. Nessa direção, ainda que esteja presente o macho-dentro-da-fêmea, na fase fálica, caracterizado pela inveja do pênis, isso é um fato momentâneo do desenvolvimento da sexualidade feminina e um elemento estrutural.

Assim, a identidade sexual feminina não deve ser descrita em termos negativos, isto é, a mulher não é um macho castrado, não sendo a inveja do pênis o fundamento determinante da sexualidade feminina. A sexualidade feminina sedimenta-se, primordialmente, tomando em consideração o amadurecimento, na capacidade de identificação com a figura materna nos momentos inicias do amadurecimento, na pré-genitalidade.

O autor teorizará sobre uma fantasia e uma sexualidade femininas básicas originadas na infância remota, na relação mãe-bebê durante a dependência

absoluta, momento em que também todo o indivíduo lança as raízes da sua personalidade. Se a sexualidade e as fantasias masculinas surgem a partir da vivência da fase fálica e genital, pressupondo uma elaboração imaginativa da função corpórea que acontece no processo maturacional, na menina, embora passe pela fase fálica, a sua sexualidade será sedimentada na identificação com a mãe nos períodos iniciais da relação mãe-bebê, tendo igualmente a elaboração imaginativa do seu corpo.

> A inveja do pênis como fonte de motivações poderosas na menina e na mulher não pode ser ignorada, mas apesar disto existe sem dúvida **uma fantasia e uma sexualidade femininas básicas que têm sua origem na mais remota infância**. A vagina torna-se provavelmente ativa e excitável no momento da amamentação e das experiências anais, mas o funcionamento genital feminino verdadeiro tende a permanecer oculto ou até mesmo secreto. Por vezes, o elemento erótico genital torna-se exagerado [...], mas normalmente a fantasia é da ordem do recolher, do guardar em segredo, do esconder. Em termos anais, há uma dificuldade de separar-se das fezes, e em termos urinários existe a tendência à retenção, **mas no que diz respeito à genitalidade, as ideias alcançam sua expressão máxima através da identificação com a mãe ou com meninas mais velhas, que seriam capazes de ter experiências e de conceber** (WINNICOTT, 1988/1990, p. 64. Grifos nossos).

Em síntese, a inveja do pênis não é o fundamento basal para a constituição da identidade feminina no pensamento winnicottiano. Os elementos essenciais e integrantes da identidade sexual da menina comparecem mais na identificação com a mãe e com a mulher, seguindo um caminho distinto da sexualidade do menino. Neste sentido, as fantasias associadas à genitalidade feminina plena -ser penetrada, a gravidez, o amamentar– poderão ser observadas em jogos e nos relatos dos sonhos vinculados à capacidade de a menina identificar-se com a mãe e com a mulher.

Tudo isto dito a partir do pensamento winnicottiano, é importante destacar que, a respeito da sexualidade feminina, as fantasias da menina terão relação com o interior dela e da mãe. Neste sentido, Winnicott teorizará que a menina, muito distinta dos meninos, muito cedo e ao longo da vida, pensa e sente o interior do corpo, vinculando a capacidade de guardar segredo, uma característica do lado feminino da natureza humana, a capacidade de engravidar da mulher. Quanto ao lado masculino da natureza humana, encontra-se nele a tendência a lutar e enfiar coisas em buracos, associado às fantasias da fase fálica e da genital.

Quanto aos aspectos biológicos e às fantasias advindas das fases fálica e genital, observa-se uma congruência na fase fálica e incongruência na fase genital. Na fase fálica, a diferenciação dos sexos (ter ou não um pênis), a ideia delirante de que o pênis na menina foi cortado, a inveja do pênis por parte da menina são fenômenos que se encontram em consonância com o aspecto biológico infantil e com as possibilidades dele. Já na fase genital, devido à imaturidade física, a fantasia de penetrar, de ser penetrada e engravidar não corresponderá ao desempenho do corpo biológico da criança. Nesse sentido, essa dissonância entre o corpo e a fantasia coloca em cheque a questão da potência do menino e ganhará um significado no estágio edípico, como ressaltou Winnicott. O medo da castração pelo progenitor do sexo oposto será sentido como um alívio psicológico diante de sua impotência corporal. Assim, o menino estabelecendo um pacto homossexual com o pai, exercerá a sua potência por meio de uma procuração concedida ao pai e, na puberdade, a retomará. “O medo da castração pelo genitor rival torna-se uma alternativa bem-vinda para a angústia da impotência” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 62). E, correspondente na menina, na fase genital, o fato de não ter condições físicas para engravidar.

Um outro elemento relevante no pensamento winnicottiano no estágio edípico é a presença real do pai como interventor e a rivalidade estabelecida entre pai e filho. A ausência ou a incapacidade da intervenção paterna gera no menino o não reconhecimento e a falta de legitimação da sua potência, sendo também privado da experiência da rivalidade que confirma tal potência. A questão central para Winnicott no Édipo será a instauração da rivalidade que confirma a potência na criança e não só a ameaça de castração.

Pensando ainda na questão da identidade sexual, faz-se relevante o tema da bissexualidade. Para Winnicott, a bissexualidade existente nos seres humanos corresponde à fantasia e à capacidade para a identificação com qualquer um dos progenitores. No que diz respeito à identificação com qualquer um dos progenitores, “[...] o que determina o modo pelo qual a criança crescerá [desenvolverá a sua identidade sexual] é o sexo da pessoa por quem ela está apaixonada na idade crítica, ou seja, entre o desmame e a fase de latência” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 66).

Neste sentido, colocar-se-á a questão da consonância entre sexo biológico e a identidade sexual. Winnicott (1988/1990, p. 66) chama à atenção: “é muito

conveniente [do ponto de vista dos padrões sociais estabelecidos] quando a sexualidade de uma criança se desenvolve em um modo predominante congruente com as características de construção física, quer dizer, quando um menino é predominantemente masculino, e uma menina predominante feminina".

Entretanto, Winnicott acredita que, do ponto de vista do desenvolvimento emocional saudável, a identificação do menino com mãe e/ou da menina com o pai, e até mesmo um comportamento efeminado no menino, compreendendo todas as potencialidades que decorrem dessa identificação, é de grande valia para a sociedade como um todo, sendo saudável para o indivíduo. No menino, tanto a feminilidade como a masculinidade são importantes, sabendo que é variável de acordo com os fatores herdados, ambientais, culturais e identificações com os pais. Assim como na menina já é esperado uma dose de masculinidade.

No conjunto da obra winnicottiana, é possível afirmar que a constituição da identidade sexual e as diferenças sexuais são pensadas a partir das contribuições freudianas sobre a teoria da sexualidade infantil com algumas divergências significativas advindas dos seus originais achados a cerca do desenvolvimento emocional primitivo. Nesta direção, os elementos masculino e feminino puros, formulados por Winnicott 1966, deram a devida relevância ao amadurecimento emocional como fator primordial da vivência da sexualidade, além de indicar a presença da bissexualidade na natureza humana.

O que significam os elementos masculino e feminino puros no pensamento winnicottiano? Tendo presente o amadurecimento emocional primitivo, eles constituem duas modalidades de relacionamento objetal do lactente fundantes de sua personalidade: os objetos subjetivos (elemento feminino puro) experienciados pelo infante nos períodos iniciais quando ele cria o seio que foi encontrado e os objetos objetivamente percebidos (elemento masculino puro), relacionamento iniciado pelo infante com os objetos na fase da dependência relativa, no qual a externalidade do objeto pode ser percebido como algo não correspondente ao eu.

Esses elementos, o feminino e o masculino puros, não são de caráter instintual ou sexual, nem estão relacionados ao gênero biólogo do indivíduo. Eles referem-se ao processo de amadurecimento pessoal, não podendo ser reprimidos por sua natureza, mas, sim, podem estar cindidos na personalidade total, uma vez que o processo maturacional seja interrompido por uma intrusão ambiental.

O elemento feminino puro está relacionado com o ser, é a experiência de identidade primária, a experiência da unidade mãe-bebê nos estágios iniciais e tudo que ele comporta. Esse elemento concede ao indivíduo a constituição do si-mesmo, sendo possível experimentar a sua existência como real e valorosa. O elemento masculino puro, na linha do amadurecimento, refere-se ao fazer e encontra as suas raízes na ação exigida pelo impulso instintivo para a sua satisfação. Se tudo correr bem no amadurecimento emocional primitivo, o fazer, elemento masculino puro, emergirá, especificamente, quando a instintualidade começa a ser integrada, portanto, a tornar-se pessoal. Neste momento, a distinção entre o eu e não eu já estará presente, bem como entre dentro e fora, fantasia e realidade. A realidade objetivamente percebida fará parte da relação objetal do indivíduo vivida na terceira área neutra estabelecida, o espaço potencial. Essa será uma contribuição original de winnicottiana a cerca da sexualidade, ressaltando o sentido pessoal da sexualidade: somente quando o indivíduo se integra em um si-mesmo unitário terá capacidade de viver a sua instintualidade como real, pessoal e valorosa.

Assim, na concepção de Winnicott, o complexo de Édipo será um fator importante para a personalidade do indivíduo, mas somente quando essa personalidade se integrou numa unidade, em um si-mesmo unitário, abrindo-se para a integração das relações amorosas instintuais conflitivas e interpessoais.

> O complexo de Édipo representa assim a descrição de um ganho em saúde. [...] Quando este estágio ê alcançado de um modo relativamente aberto (considerando-se um desenvolvimento saudável até então), a criança tornar-se-á capaz de tolerar os sentimentos humanos mais intensos sem construir defesas excessivas contras (WINNICOTT, 1988/1990, p. 68).

Entre os três e os cinco anos, a instintualidade chega ao seu cume e é resolvida e guardada, dando espaço para o período de latência. Na fase da latência, a criança saudável, das várias experiências vividas nas brincadeiras, sonhos e fantasias, tira proveito da identificação com os pais e outros adultos. E no período da puberdade será retomada tal qual foi guardada.

> A sexualidade infantil é algo bem real, podendo estar madura ou não à época em que as transformações da latência aparecem trazendo alívio. Se a sexualidade de uma criança é imatura, perturbada ou inibida ao final deste primeiro período de relacionamento interpessoais, assim ela ressurgirá imatura, perturbada ou inibida na puberdade (WINNICOTT, 1988/1990, p. 76).

No estágio edípico, se tudo corre bem nas fases anteriores, a capacidade de estar só dependerá da capacidade de o indivíduo lidar com os sentimentos gerados na cena primária. Na cena primária, a criança imagina ou percebe a relação excitante entre os pais, aceitando-a. A criança será, seja por percepção ou por fantasia, o terceiro dessa relação, emergindo daí o sentimento de raiva que deverá ser aproveitada por ela para o autoerotismo. Winnicott ressaltou a ideia de que a criança, durante a masturbação, começa a aceitar inteiramente a responsabilidade pela fantasia consciente ou inconsciente durante seus atos masturbatórios solitários. Desse modo, o estar só, nesse período, refere-se ao amadurecimento erótico: da potência genital no homem e seu correspondente na mulher, constituindo a fusão dos impulsos e ideias agressivas e eróticas, além da tolerância da ambivalência presente na instintualidade. Entretanto, é mister ressaltar que, para que isso seja possível, é necessário que a criança já tenha incorporado em sua realidade psíquica um objeto bom, nos momentos iniciais do desenvolvimento emocional primitivo, na relação de intimidade mãe-bebê. A incorporação do objeto bom[53] é a matriz da capacidade de estar só.

---

[53] Para melhor esclarecer do que se trata o termo incorporação em Winnicott nas fases iniciais do amadurecimento, base do estar só, Dias (2012, p. 293) afirma: "A concepção winnicottiana da criatividade primária exclui a ideia de um psiquismo humano construído na base de projeção de objetos previamente introjetados, ou seja, digeridos, reprocessados e expelidos. Um elemento teórico importante no fundamento desta diferença consiste em que, para Freud e, de forma exacerbada, para Melanie Klein, o juízo de atribuição (bom e mau) precede o de existência. Por isso, a constituição do *Lust-Ich*, eu-prazer originário, pode ser pensada em termos de projeção do que é mau (desprazeroso) e introjeção do que é bom (prazeroso), o que significa também que já haveria um dentro e um fora antes de haver um indivíduo. Em Winnicott, a existência, o sentido (subjetivo) de real, necessariamente antecede qualquer juízo de atribuição, o qual supõe a percepção da existência do objeto. Além disto, no início, o 'bom e o 'mau' estão articulados exatamente com a existência, ou não, de algo real, no sentido subjetivo. Boa é a experiência que é real, mesmo quando for frustrante; má é a experiência falsa, em que algo parece acontecer mas não acontece". Assim sendo, incorporar um objeto bom significará a possibilidade de o bebê constituir o seu mundo interior, desenvolver o sentimento de si-mesmo, vivenciando as suas experiências como pessoais e reais. Tudo isso favorecido pelo ambiente acolhedor que reconhece a criatividade originária do bebê nas distintas experiências vividas por ele no início da vida.

4 A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ

Após ter tratado, nos capítulos anteriores, sobre as importantes e centrais formulações winnicottianas, propomos aqui uma leitura do artigo *A capacidade de estar só* (1958), compreendendo-o embasado no novo quadro teórico proposto por Winnicott para pensar os fenômenos psíquicos.

4.1 A Intenção do Artigo: *A Capacidade de Estar Só* (1958)

À luz da teoria do amadurecimento emocional, Winnicott observou o fenômeno do estar só como conquista e o descreveu em 1958 como um aspecto altamente saudável da transferência no *setting* analítico, indicativo da integração egoica do indivíduo. Assim, a sua intenção ao escrever o artigo era tratar de um aspecto positivo da transferência analítica.

Conforme explanou Telles de Deus (2014), Winnicott faz menção explícita, nos artigos *O uso do Objeto* (1969) e *A capacidade de estar só* (1958), ao fato de que, no seu entender, estava contribuindo ao tema da transferência analítica. Neste sentido, Winnicott, ao indicar nos fenômenos humanos do uso do objeto e da capacidade de estar só uma contribuição à relação transferencial terapêutica, colocará no centro da relação transferencial a experiência da confiabilidade a fim de que o indivíduo possa retomar e/ou dar continuidade ao seu processo maturacional (TELLES DE DEUS, 2014).

Nesta direção, a experiência da confiabilidade advinda da possiblidade de experienciar um ambiente confiável e seguro, constituirá o elemento fundamental para o amadurecimento emocional do indivíduo, possibilitando-lhe crescer, amadurecer, confiar em si e no mundo. Quando esse falha gravemente, dando espaço ao adoecimento emocional -interrupção do processo maturacional-, deverá ser retomado a fim de que o processo maturacional se realize. A partir dessa importante noção de ambiente seguro e confiável é que o pensamento winnicottiano pensará a relação terapêutica analítica.

Em relação à constituição da capacidade de estar só e a noção de ambiente, é possível inferir que diante de um ambiente hostil e intrusivo, é impossível conquistar a capacidade de estar só, pois o elemento primordial para tal vivência, a

confiança básica fornecida pelo ambiente, não pôde ser experimentado nos estágios iniciais. E, certamente, isto incidirá no desenvolvimento emocional do indivíduo, sendo incapaz de estar só. Estudos posteriores poderiam elucidar a partir da compreensão winnicottiana das falhas ambientais e suas consequências no amadurecimento emocional como se manifesta a incapacidade de estar só nas diversas estruturas clínicas propostas pela psicanálise -psicose, neurose e perversão-, podendo assim ajudar no entendimento das distintas dinâmicas psíquicas dos indivíduos e a sua relação com a realidade compartilhada.

Ao considerar o estar só como um aspecto positivo da relação transferencial terapêutica, Winnicott (1958/1983, p. 31) introduziu outro possível significado para o silêncio numa sessão analítica, não entendendo apenas como resistência do paciente.

O psicanalista inglês perspicazmente experienciou com seus pacientes sessões terapêuticas silenciosas. Tal silêncio vivenciado prazerosamente pelo paciente na sessão era facilitado pela presença confiável do analista, sustentando esta não comunicação do paciente como uma necessidade de entrar em contato com o núcleo do verdadeiro si-mesmo. Assim, Winnicott (1958/1983, p. 31) asseverou: “Clinicamente isto pode ser representado por uma fase de silêncio, ou uma sessão silenciosa, e esse silêncio, longe de ser evidência de resistência, representa uma conquista por parte do paciente”.

4.2 Winnicott: o Estar Só e a Literatura Psicanalítica

O artigo referido, logo no início, alude a produção psicanalítica a cerca do estar só. O autor não fez uma minuciosa revisão da literatura psicanalítica, apenas remeteu-se aos estudos da psicanálise acerca do fenômeno, frisando a sua compressão até então. “Não há dúvida que na literatura psicanalítica tem-se escrito mais sobre o medo de ficar só, ou o desejo de ficar só, do que sobre a capacidade de fazê-lo” (WINNICOTT, 1958/1983, p. 31).

De acordo com Rodulfo (2009), Winnicott apenas alude aos estudos psicanalíticos sobre o estar só para introduzir o seu posicionamento diferenciado da psicanálise tradicional, não tendo a intenção de fazer uma revisão literária sobre a temática no campo da psicanálise.

Por meio desse fragmento e em todo artigo, é possível compreender que Winnicott reconheceu que a psicanálise tradicional havia se ocupado durante muito tempo do medo do estar só ou da angústia advinda dos estados de solidão constatados nos casos clínicos estudados até então pela psicanálise. E, nesse sentido, todas as fobias explicitadas pela psicanálise indicam isso. Assim, à luz do modelo freudiano do aparelho psíquico que busca prazer, todas as interpretações confluíam a pensar o medo de estar só proveniente da própria libido insatisfeita. E nesta direção, buscavam-se os sentidos inconscientes do estar só e, geralmente, os sentidos negativos da solidão. Por esse motivo, em geral, como nos afirmou Rodulfo (2009), em psicanálise, tomando em consideração o modelo freudiano, falar de fobia é aludir à solidão como ameaça.

Rodulfo (2009), aprofundando o tema da revisão do estar só na psicanálise, destaca que, a partir do conceito de narcisismo, a psicanálise tendia a compreender a solidão como um estado primitivo de isolamento que devia ser superado no desenvolvimento humano por meio da renúncia libidinal para investir no mundo exterior.

Conforme segue explicitando Rodulfo (2009), o que possivelmente promoveu a mudança de ótica foi a atuação dos psicanalistas no âmbito infantil, onde se defrontaram com dificuldades infantis para lidar com situações de solidão sem que estivesse de imediato a presença de angústia vinculada à inibição da libido, explicação freudiana. Tais analistas de crianças se perguntavam sobre o que acontecia com as crianças, quando estavam só, utilizando a sua capacidade ou a incapacidade para brincar sozinha como o critério de avaliação do processo maturacional.

Winnicott, à luz da teoria do amadurecimento humano, ao considerar essa problemática, chegou à conclusão de que o indivíduo não se esquivava de estar só, ao contrário, até por necessidade o buscava, uma vez que somos seres “secretamente isolados” (WINNICOTT, 1963a/1983). Tratando dessa questão, o pediatra inglês se perguntou: “como ser isolado sem ter que ser solitário?” (WINNICOTT, 1963a/1983, p. 170). De acordo com Winnicott, a resposta vem das mães, nos estágios iniciais, que não se comunicam com os bebês a não ser como objeto subjetivo. Ele denominou este fenômeno de comunicação indireta mãe-bebê. Esta comunicação não faz uso da linguagem verbal, é uma comunicação silenciosa ou também referida pelo psicanalista inglês, como relação de ego, como

explicitaremos mais adiante A comunicação silenciosa constitui a base da conquista de capacidade de estar só. E é do seio desta comunicação indireta que é oferecida ao indivíduo a possibilidade do desenvolvimento do ego, elemento importante para que tal conquista do estar só se realize na vida do indivíduo (WINNICOTT, 1963a/1983, p. 170).

Em decorrência disso, o psicanalista inglês recomendou levar em consideração a não comunicação, comunicação silenciosa, do analisando como uma contribuição positiva para a relação terapêutica:

> Devemos nos perguntar se nossa técnica permite ao paciente comunicar que ele não está se comunicando. Para isso acontecer nós, analistas, precisamos estar prontos para o sinal: 'Não estou me comunicando', e sermos capazes de distingui-lo do sinal de tensão associado ao fracasso na comunicação. Há um elo aqui com a ideia de estar só na presença de alguém, de início um acontecimento natural na vida da criança, e mais tarde uma questão de aquisição da capacidade de reclusão sem perda da identificação com aquilo do que esta reclusão se originou. Isto aparece com a capacidade de se concentrar em uma tarefa (WINNICOTT, 1963a/1983, p. 170).

Diferente do estar só como capacidade, na concepção winnicottiana, tem-se o isolamento como uma defesa ligada à experiência do tipo persecutório proveniente do contato com um ambiente intrusivo (Rudolfo, 2009). A isso, o psicanalista inglês deu o nome retraimento (*withdraw*). Em linhas gerais, as fontes desse fenômeno estão na falha da provisão ambiental. Por esse motivo, é importante, em uma análise, o diagnóstico diferencial da não comunicação do analisando, a fim de não confundir com isolamento a verdadeira experiência integrativa e integradora da solidão como capacidade.

Pode-se, assim, afirmar que uma das novidades introduzida por Winnicott na reflexão psicanalítica é compreender a solidão como uma capacidade, livrando-o do campo do psicopatológico, em que insistia toda a psicanálise tradicional. E isso é possível devido à sua reflexão psicanalítica embasada na tendência inata à integração numa unidade.

Rudolfo (2009), ao falar da reflexão winnicottiana do estar só, faz uma observação interessante para a compreensão do tema. Winnicott tem, como ponto de partida para sua reflexão psicanalítica, a *capacidade*, o que não é o mesmo que partir da angústia, da inibição ou do sintoma ou de qualquer outra direção perturbada. O termo capacidade se refere a um sentido positivo em primeira

instância; depois, capacidade é algo que se deve adquirir ao longo do desenvolvimento humano. Neste sentido, é possível ver claramente um afastamento da teoria winnicottiana de um modelo de psiquismo constituído por meio de um processo reativo e seu funcionamento.

Para enfatizar a originalidade desta ideia da solidão como capacidade na história da psicanálise, fazemos menção aqui a uma publicação de Winnicott, *D. W. W. Sobre D. W. W* (1967), publicada no livro *Explorações Psicanalíticas* (1989). Trata-se de uma palestra ministrada em janeiro de 1967, quatro anos antes de seu falecimento, ao Clube 1952 (uma sociedade de analistas britânicos mais antigos que se reuniam informalmente para o debate de ideias) sobre a relação da sua teoria com outras teorizações psicanalíticas anteriores. Isto possibilitou a Winnicott tratar sobre os trabalhos que poderiam ter influenciado seu desenvolvimento teórico-clínico. Para esta palestra, Winnicott fez um esquema, entregue aos participantes na noite anterior à sua intervenção, no qual colocava o seu construto teórico e o possível autor na psicanálise que poderia ter-lhe influenciado. No referido esquema se encontra o construto "*Sozinho, na presença do segundo paradoxo*", fazendo referência à capacidade de estar só. Winnicott não reconhece a influência de nenhum autor. Portanto, estamos, pois, diante de uma contribuição inédita à psicanálise.

4.3 O Estar Só: a sua Relevância para Saúde Emocional

Winnicott pensou o amadurecimento humano a partir de conquistas de capacidades ao longo do processo maturacional, que envolve a tendência inata ao crescimento e um ambiente facilitador. Isso é central em seu pensamento teórico-clínico. Desse modo, o estar só também é compreendido como uma conquista adquirida ao longo do amadurecimento emocional. Tal conquista, adjetivada por Winnicott como sofisticada, parece ter crucial importância para a existência humana. O próprio Winnicott (1958/1983, p. 31) asseverou sobre tal conquista: "É um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional".

A pergunta que nos colocamos é: por que o estar só é uma das capacidades mais importantes para a vida humana no que tange ao amadurecimento emocional?

A conquista da capacidade de estar só tem a sua relevância na medida em que é promotora do contínuo processo de saúde do indivíduo, possibilitando-lhe

experimentar em cada fase da sua existência, as situações de seu cotidiano, as suas relações interpessoais, a realidade compartilhada, paradoxalmente, sem perder o contato consigo mesmo, com suas necessidades, sua espontaneidade. Isto é possível dada à crença incorporada nos momentos iniciais do amadurecimento emocional proveniente de um ambiente seguro, confiável e estável, capaz de sustentar a experiência de estar só.

Assim expressou Winnicott (1958/1983, p. 36. Grifo nosso): “O indivíduo que desenvolveu a capacidade de estar só está **constantemente capacitado a redescobrir o impulso pessoal** [...]”. Ao referir-se à constante redescoberta do “impulso”, o autor remete ao contato com o impulso inato à integração, ao crescimento, em outras palavras, à possiblidade de integrar as experiências em um si-mesmo verdadeiro, que se efetivará, à medida que encontre um ambiente seguro e confiável, seja um ambiente externo ou um ambiente já incorporado, podendo assim sentir as próprias experiências como pessoais, reais e valorosas. Portanto, estar só é importante sinal de saúde, uma vez que põe o indivíduo na constante redescoberta de sua tendência inata à integração.

Além disso, pode-se reconhecer sua importância para a saúde, uma vez que o indivíduo amadurecido encontra no estar só um espaço onde pode descansar da difícil tarefa de separar fantasia e realidade compartilhada, mundo pessoal e compartilhado. Pode voltar-se para o seu mundo pessoal, descansar e relaxar, sustentado na crença em um ambiente seguro.

Portanto, entendemos neste artigo que a promoção da saúde está vinculada à continua redescoberta da tendência inata à integração, favorecida pela capacidade de estar só. E neste sentido, nas experiências iniciais do indivíduo, é de fundamental importância que o indivíduo tenha encontrado um ambiente confiável que tenha lhe facilitado a realização dessa tendência nas diversas tarefas integrativas, conquistando um si-mesmo verdadeiro numa unidade integrada: podendo assim constituir um mundo interno, pessoal, diferenciando-o do mundo externo. E, com evoluir do processo de amadurecimento, estabelecer um área intermediária de experiência onde pode brincar, ser criativo, espontâneo no mundo compartilhado, ou simplesmente relaxar, recolhendo-se em seu mundo pessoal constituído durante o processo maturacional, isto é, ser capaz de estar só na presença de alguém.

Assim sendo, diríamos que a capacidade de estar só pode ser tomada como um critério clínico para a avaliação da saúde emocional do indivíduo. Neste sentido,

encontramos alguns indivíduos incapazes de estar só, estando, ao mesmo tempo, envolvidos em relacionamentos superficiais, pouco prazerosos, e em busca de uma interação ininterrupta. Winnicott (1958/1983), ao tratar do estar só, mostra que à medida que o indivíduo é capaz de dispensar a presença da figura materna, isto é, o estar só já sendo uma conquista experimentada por um ego integrado, pode-se observar o estabelecimento de uma pessoalidade no viver a vida, o sentimento de si-mesmo, de uma vida vivida como própria e real, sendo que os relacionamentos interpessoais serão experienciados a partir dessa perspectiva. Ao contrário disso, essa pessoalidade não é possível ser observada nos indivíduos incapazes de estarem sós. Vivem a existência a partir da realidade externa. Em outras palavras, vivem buscando corresponder às expectativas dos outros. E, neste movimento, o estar só não constitui um lugar de recolhimento, uma experiência de confiança em si e no mundo, podendo assim descansar e ter contato com a espontaneidade original e seu impulso pessoal. Portanto, a incapacidade de estar só do indivíduo pode indicar ao analista que está na presença de alguém emocionalmente adoecido. Uma pessoa incapaz de sentir-se viva em seu trabalho e/ou em seu relacionamento, mesmo que tenha um bom trabalho e o realize com perfeição e esteja rodeada de amigos. E, sem dúvida, cabe ao terapeuta avaliar o grau de adoecimento, a fim de que possa cuidar do paciente da melhor maneira possível, vale dizer, conforme as suas necessidades.

4.4 A Teoria do Amadurecimento Emocional e a Capacidade de Estar Só

Ao descrever a teoria do amadurecimento emocional, tivemos a oportunidade de indicar paulatinamente como a capacidade de estar só vai se constituindo na vida do indivíduo. Este ponto aqui objetiva evidenciar no próprio artigo do autor sobre *'A capacidade de estar só'* (1958) como a sua teoria do desenvolvimento emocional constitui o importante marco para pensar os fenômenos humanos. Winnicott deixa claro no artigo que o seu ponto de partida para pensar a capacidade de estar só é a teoria do amadurecimento emocional.

Quanto à centralidade da teoria do amadurecimento para a compreensão dos fenômenos psíquicos, Winnicott (1971c/1984, p. 14) diz ser a teoria do amadurecimento emocional a sua única companhia para explorar um novo caso, um território desconhecido.

Nesta perspectiva, pode-se observar no artigo um item em que aborda o desenvolvimento do “eu estou só” com os parâmetros gerais da teoria do desenvolvimento emocional. Citamos o fragmento aqui:

> Gostaria de focar este assunto de um modo diferente estudando a expressão **eu estou só.** Primeiro **a palavra eu, indicando muito crescimento emocional. O indivíduo se estabeleceu como uma unidade. A integração é um fato.** O mundo externo é repelido e um mundo interno se tornou possível. Isso é simplesmente **uma afirmação topográfica da personalidade como um ser, como a organização do núcleo do ego.** Neste ponto nenhuma referência é feita a viver. A seguir vêm as expressões **“eu sou”**, representando um estágio no crescimento individual. Por essas palavras o indivíduo tem não só forma mas também vida. No começo do **“eu sou”** o indivíduo é, por assim dizer, cru, não defendido, vulnerável, potencialmente paranóide. O indivíduo só pode atingir o **estágio do “eu sou” porque existe um meio que é protetor; o meio protetor é de fato a mãe preocupada com sua criança e orientada para as necessidades do ego infantil através da sua identificação com a própria criança.** Não há necessidade de pressupor uma percepção da mãe da parte da criança neste estágio do “eu sou”. A seguir vêm as palavras “**eu estou só”.** De acordo com a teoria que estou expondo, esse estágio seguinte envolve uma apreciação por parte da criança da existência contínua de sua mãe. Com essas palavras não quero dizer necessariamente uma percepção com a mente consciente. Considero, contudo, que **“estar só” é uma decorrência do “eu sou”, dependente da percepção da criança da existência contínua de uma mãe disponível cuja consistência torna possível para a criança estar só e ter prazer em estar só, por períodos limitados.** Nesse sentido estou tentando justificar o **paradoxo de que a capacidade de ficar só se baseia na experiência de estar só na presença de alguém, e que sem uma suficiência dessa experiência a capacidade de ficar só não pode se desenvolver** (WINNICOTT, 1958/1983, p. 35. Grifo nosso).

Em síntese, para experimentar o estar só, cinco temas fundamentais do amadurecimento emocional precisam ser estabelecidos: primeiro, o estatuto de uma identidade unitária favorecido pelo processo de integração; segundo, a aquisição de uma personalidade e uma identidade pessoal (si-mesmo verdadeiro); terceiro, a organização do núcleo egoico que possibilita ao indivíduo vivenciar um ambiente pessoal; quarto, o desenvolvimento pessoal facilitado pelo ambiente materno e, por último, o reconhecimento e a incorporação dos cuidados maternos (mãe-ambiente) como um objeto bom.

Portanto, para a compreensão da capacidade de estar só do ponto de vista winnicottianno, a teoria do amadurecimento é um pressuposto básico.

4.5 A Relação de Ego (*Ego Relatedness*)[54]

O fenômeno do “eu estou só” é conquistado a partir da integração do indivíduo numa unidade identitária, sendo necessário um ego integrado e consistente para experimentar o estar só. Para o leitor iniciante da obra de Winnicott, o conceito ego e sua constituição podem causar confusão, uma vez que a ideia winnicottiana da constituição do ego não corresponderá ao que fora até então preconizado pela psicanálise tradicional: uma instância psíquica constituída a partir da inibição dos impulsos do id. Sem dúvida, os pressupostos clínicos winnicottianos sobre o desenvolvimento de ego incidiram na concepção winnicottiana do indivíduo e o seu relacionamento com o mundo externo.

Arriscaríamos a afirmar aqui que o tema deste estudo explicita a peculiar maneira de Winnicott pensar os fenômenos psíquicos e enfatiza de modo geral as suas propostas de intervenção clínica. Nesta direção, nota-se que o estar só em uma sessão de análise convoca o terapeuta e o paciente a uma relação paradoxal: um silêncio prazeroso e criativo vivido pelo paciente e sustentado por alguém disponível, presente, sem fazer nenhuma exigência. E nessa relação paradoxal o indivíduo pode estabelecer contato com a sua criatividade de onde advém o valor e a realidade de sua vida. Assim, o sustentar este estado de silêncio por parte do terapeuta torna-se a condição de possibilidade para redescobrir e enriquecer o si-mesmo. Como veremos a experiência das relações paradoxais promovem o amadurecimento emocional. Poderíamos aqui nos perguntar o que este tipo de relacionamento integrativo tem a ver com o termo ego no pensamento psicanalítico de D. W. Winnicott?

Ao descrever o novo quadro teórico proposto por Winnicott para pensar os fenômenos psíquicos, no segundo capítulo, em linhas gerais, destacamos a compreensão do termo ego na obra winnicottiana. Este horizonte de compressão

---

[54] Winnicott (1958) serviu-se dessa expressão *relação de ego* para referir-se a um tipo de relacionamento mãe-bebê iniciado nos primórdios da vida infantil. A palavra *relação* talvez não seja tão exata. Loparic (2005, p. 316), escrevendo sobre a teoria da sexualidade em Winnicott, chama atenção para esse ponto: “A rigor, elas (relações pessoais) não são nem mesmo duais, pois, nos primórdios da vida, o bebê não existe como ente separado do ambiente materno e não pode, portanto, estabelecer ‘relacionamentos’ nem mesmo com a própria mãe.” Lejarraga (2012), em seu livro *Amor em Winnicott*, assevera que o termo *relacionamento do ego* foi substituído por Winnicott pelo termo ‘relação de objeto’, expressão precursora do ‘uso do objeto’ e, alguns anos depois, a expressão será descrita como comunicação silenciosa que se estabelece entre a mãe e o bebê desde os primórdios, a experiência da mutualidade.

nos será útil aqui para evidenciar um dos aspectos centrais do pensamento winnicottiano sobre a temática estudada, uma vez que Winnicott (1958/1983) destacou que a base estrutural da capacidade de estar só está nos primórdios de um tipo de relação mãe-bebê: a *relação de ego* (*ego relatedness*).

Entre as observações sobre o ego na obra winnicottiana, vale aqui recordar a afirmação do autor de que não há id antes do ego (WINNICOTT, 1962a/1983, p. 55). Como já mostrado no segundo capítulo, isso equivale a dizer, no pensamento de Winnicott, que os impulsos instintuais só se tornam experiências pessoais e reais para o lactente, a partir de um ego integrado e consistente. “Acredito que seja geralmente aceito que o impulso do id só é significativo se contido na vivência do ego” (WINNICOTT, 1958/1983, p. 35). Do mesmo modo, Winnicott (1958) entendeu que a capacidade de estar só necessitava de um ego integrado para ser experienciada pelo indivíduo.

Contudo, nos primórdios da vida infantil, o bebê possui um ego imaturo e incipiente, não podendo assim experienciar, por si só, os impulsos instintuais como próprios e pessoais. A partir dessa constatação, o psicanalista inglês também se interrogou sobre a vivência da capacidade de estar só pelo bebê, uma vez que o pressuposto básico para sua vivência é um ego integrado: “Pode uma criança ou um lactente estar só em um estágio tão precoce que **a imaturidade do ego** torne impossível a descrição de estar só na fraseologia que até agora vem sendo empregada?” (WINNICOTT, 1958/1983, p. 34. Grifo nosso) A sua fundamental noção de ambiente sustentador -a presença de alguém disponível- conduz o psicanalista a constatar a possibilidade da experiência da capacidade de estar só nos primórdios da vida infantil, sendo o momento no qual o bebê lança as bases estruturais para a conquista futura. *“*Estar só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, *quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe”* (WINNICOTT, 1958/1983, p. 34. Itálico do autor). Portanto, o suporte materno, dito no artigo apoio egoico, é a condição de possiblidade para a experiência do estar só acontecer na vida do lactente e constitui os fundamentos da capacidade daquilo que poderá ser vivido na vida adulta.

Para melhor compreensão, faz-se mister aqui aludir a um tema já também tratado neste trabalho: os estados tranquilos, essenciais para entender o que Winnicott chamou de ‘relação de ego’ (*ego relatedness*). Nos estados tranquilos vividos pelo bebê e na ‘relação de ego’, Winnicott percebeu as raízes do fenômeno

humano do estar só e a possiblidade deste vir a tornar-se uma conquista na vida do indivíduo. Neles, não há a presença de impulso instintivo, o bebê encontra-se relaxado, não integrado. Assim, Winnicott (1958/1983, p. 36) se refere aos estados tranquilos no ensaio que trata do estar só como capacidade: “A criança tem a capacidade de se tornar não integrada, de devanear, de estar num estado em que não há orientação, de ser capaz de existir sem ser nem alguém que reage as contingências externas nem uma pessoa ativa com uma direção de interesse ou movimento”.

De acordo com Winnicott (1958/1983), a dinâmica da ‘relação de ego’ acontece do seguinte modo: o bebê encontra-se em estado tranquilo, sem nenhum tipo de excitação, é sustentado (*holding*) por sua mãe - ambiente suficientemente bom-. O ambiente é bom para o bebê nos estados tranquilos, à medida que é capaz de estar presente sem exigências, sustentando esta experiência de não integração, de não orientação. O bom para o bebê aqui se refere não à pessoa da mãe propriamente dita, mas aos cuidados maternos físicos capazes de sustentar o bebê em seu estado relaxado, nomeados na linguagem winnicottiana mãe-ambiente.

A linguagem bíblica expressou bem esse estado da natureza humana observado por Winnicott. No salmo 131, o salmista reza: “*Fiz calar e repousar* meus desejos, *como criança recém-amamentada no colo de sua mãe”*.

Lejarraga (2012) faz notar que as experiências de tranquilidade vividas pelo bebê não se reduzem a intervalos dos estados excitados: o seu papel principal no amadurecimento humano é o desenvolvimento da experiência de comunicação silenciosa e intimidade com a mãe, em outras palavras, a *relação de ego*, e, isto incidirá na experiência de ser do bebê, base da constituição do verdadeiro si-mesmo.

Assim, o termo *relação de ego* põe em destaque o contato íntimo entre a mãe e o bebê não motivado por seus impulsos instituais; é a experiência de intimidade vivida entre a mãe e o bebê na qual é sustentado (*holding*) pela mãe neste período de tranquilidade. É este tipo de contato mãe-bebê que se constituirá o alicerce da solidão como capacidade.

Nota-se que esta experiência de intimidade é predominantemente corporal, independente da linguagem verbal. Winnicott (1970a/1994) também designou este contato íntimo mãe-bebê de experiência de mutualidade. A experiência da mutualidade, nos períodos iniciais, trata da sintonia dos corpos vivos mãe-bebê, o

bebê sendo cuidado fisicamente pela mãe. E, assim, os cuidados maternos físicos vão transmitindo ao bebê a confiabilidade.

Winnicott (1970a/1994) advertiu que a experiência de mutualidade mãe-bebê não é simétrica. Como se dá esta “experiência de mutualidade assimétrica”? A mãe, sem deixar de ser adulta e relativamente independente, identifica-se empaticamente com seu bebê (preocupação materna primária), sabe daquilo que o seu bebê necessita, comunicando-lhe confiabilidade por meio dos cuidados físicos. O bebê, dependendo absolutamente da mãe, desenvolve a identificação primária, muito distinta da identificação da mãe. A identificação primária é a primeira experiência de ser do bebê, base do verdadeiro si-mesmo. A condição de possibilidade para que esta experiência de identificação primária aconteça na vida do lactente é a mutualidade vivida entre o bebê e a mãe: o bebê, ao ser atravessado por um impulso instintual, a fome, por exemplo, busca algo; a mãe, em sua preocupação materna primária, lhe oferece o seio; o bebê experienciando o seio como parte dele cria aquilo que foi encontrado (objeto subjetivo), identificando-se primariamente com o objeto – o bebê é o seio encontrado. Este contato íntimo estabelecido com o objeto subjetivo sedimenta a experiência da confiabilidade do lactente, à medida que o suporte materno encontra-se disponível no momento da necessidade do bebê. Assim, o bebê pode experimentar o si-mesmo verdadeiro, e experimentar o impulso instintual como real, pessoal e valoroso.

Dessa forma, é possível afirmar que ‘a relação de ego’ instaura a possiblidade de o bebê, nos estágios iniciais, experimentar os estados relaxados, depreendendo também daí a experiência da confiabilidade que, paulatinamente, será incorporada pelo lactente. Este tipo de relação mãe-bebê constituirá o solo contextual em que também os instintos podem ser vividos como uma experiência pessoal e real para o bebê.

O frágil ego do bebê é compensado pelo suporte materno, os cuidados maternos (*holding*), denominado por Winnicott (1958/1983) de ego auxiliar. O suporte egoico materno, quero dizer a comunicação íntima mãe - bebê nos estágios iniciais -*relação de ego*-, possibilita ao ego frágil do bebê ir se fortalecendo com as experiências instintuais (WINNICOTT, 1958/1983).

Cabe aqui salientar que Winnicott, em 1958, ao escrever sobre a capacidade de estar só ainda não havia formulado de forma clara o conceito do si-mesmo, fazendo referência neste texto somente ao fortalecimento egoico –a integração em

uma unidade identitária- sem aludir explicitamente ao enriquecimento do si-mesmo que seria concomitante ao fortalecimento do ego (LEJARRAGA, 2012). Como se dá isso, o fortalecimento egoico?

O bebê pode desfrutar do estado de tranquilidade uma vez que é sustentado pela mãe e, a partir disso, "[...] a cena está armada para uma experiência de id" (WINNICOTT, 1958/1983, p. 36). Considerando o bebê no estado tranquilo sustentado pela mãe, ao chegar um impulso instintual, estando alguém presente, disponível e sem fazer exigências ao bebê, pode satisfazê-lo no momento em que o instinto aparece, tornando assim "a experiência do id produtiva" (WINNICOTT, 1958/1983, p. 36) do ponto de vista do bebê. Logo, o bebê retorna ao seu estado de tranquilidade. A experiência é produtiva para bebê no sentido de ter sido levado por meio do impulso instintual a buscar algo e encontrado no ambiente exatamente aquilo que necessitava, vivendo na área da onipotência: criar aquilo que fora encontrado e, com isso, poder ter uma experiência de integração identitária (identificação primária).

É importante sublinhar o papel do ambiente, fundamental para tais processos de acordo com o pensamento winnicottiano: quando a provisão ambiental é possibilitada ao bebê – '*relação de ego*' -, a possiblidade de sentir as experiências, tanto as em estado excitado quanto aquelas em estado tranquilo, como reais, próprias e valorosas se torna factível. Winnicott (1958/1983, p. 36) asseverou: É somente sob estas circunstâncias [relação de ego] que a criança pode ter uma experiência que é sentida como real. Um grande número de tais experiências forma a base para uma vida que tem realidade em vez de futilidade".

O psicanalista inglês considerou também a 'relação de ego' um substrato a partir do qual as amizades podem ser feitas e talvez seja também a matriz da transferência (WINNICOTT, 1958/1983, p, 35). Desse modo, os fundamentos da amizade e da capacidade de estar só são similares na visão do autor, estão no contato íntimo inicial da mãe e do bebê, na experiência da mutualidade e não no impulso instintual.

A propósito desse tema winnicottiano, Lejarraga (2012) mostra que, em Winnicott, pode-se falar de dois tipos de experiência amorosa, ambas com distintas raízes, que na vida adulta estão de certo modo entrelaçadas. São elas: a experiência de amizade que emerge da 'relação de ego' nos estados tranquilos: "a mãe do amor tranquilo" (WINNICOTT, 1955c/2000, p. 365); e a experiência sexual,

que advém das experiências de excitação provenientes dos impulsos instintuais: “a mãe do amor excitado” (WINNICOTT, 1955c/2000, p.365). Desse modo, a autora afirma sobre as relações de amizade, as relações afetivas no geral e a sexualidade no pensamento winnicottiano:

> Trata-se, na visão de Winnicott, de duas correntes heterogêneas, embora se possam entrelaçar em graus variáveis. Na sexualidade adulta, os impulsos eróticos, com frequência, se associam intimamente à ternura, ou “despertam” ternura, produzindo a impressão de que a ternura deriva do erótico. Contudo, na primeira infância as duas correntes coexistem não integradas, cindidas, e vão integrando à medida que o bebê alcança o estatuto unitário e descobre que objeto de seu ataques instintivos é de sua afeição – mãe do amor excitado e mãe do amor tranquilo – são uma pessoa só” (LEJARRAGA, 2015, p. 40).

A partir de tudo que foi dito até aqui, é possível compreender a fundamentação winnicottiana da capacidade de estar só na relação de ego

> O impulso do id ou perturba um ego fraco ou então fortifica um ego forte. Pode-se dizer que a *relação com o id fortifica o ego quando ocorre em um contexto de relação com o ego* [Winnicott refere-se aqui ao suporte materno oferecido ao bebê no estado relaxado, pressuposto para experimentar os impulsos instintuais]. **Aceitando isso**, a compreensão da importância da capacidade de estar só se segue naturalmente. É somente quando só (isto é, na presença de alguém) que a criança pode descobrir sua vida pessoal própria. A alternativa patológica é a vida falsa fundamentada em reações a estímulos externos. Quando só no sentido em que estou usando o termo, e somente quando só, é a criança capaz de fazer o equivalente ao que no adulto chamamos de relaxar (WINNICOTT, 1958/1983, p. 35. Itálico do autor).

Posto isto, enfatizamos a experiência da confiabilidade derivada dos cuidados maternos (*holding*) oferecidos ao bebê nos estados tranquilos -*relação de ego*-. Esses cuidados maternos vão paulatinamente sendo incorporados pelo lactente, favorecendo a integração em uma unidade identitária (fortalecimento egoico), tornando-o capaz de enriquecer-se com as experiências próprias do viver e dando-lhe a possibilidade de vivenciar a capacidade de estar só sem o apoio frequente da mãe. “À medida que o tempo passa **o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de estar só sem apoio frequente da mãe ou de um símbolo da mãe** (WINNICOTT, 1958/1983, p. 34. Grifo nosso).

Para Winnicott, a possibilidade de estar só sem o apoio materno se dá, quando o indivíduo conseguiu *introjetar o ego auxiliar*. Mais adiante neste ensaio de

1958, ele se referiu a introjeção como o estabelecimento do meio interno e um fenômeno mais primitivo que a mãe introjetada. “Com o passar do tempo o indivíduo se torna capaz de dispensar a presença real da mãe ou figura materna. Isso tem sido denominado em termos do estabelecimento de um **‘meio interno’. É mais primitivo que o fenômeno que merece o termo de “mãe introjetada”** (WINNICOTT, 1958/1983, p. 36. Grifo nosso).

Para mais bem compreender o fenômeno da mãe introjetada e a possibilidade de viver a capacidade de estar só não dependendo da presença real da mãe, faz mister algumas observações. Antes delas, é preciso esclarecer que o autor, ao usar a palavra introjeção, está descrevendo o fenômeno da incorporação do suporte ambiental seguro e confiável, condição de possiblidade para vivenciar o estar só na vida adulta. Seguem algumas considerações:

a) Dias (2011) mostra que, na obra de Winnicott, há uma distinção entre os conceitos de incorporação e de introjeção, sendo que, nos momentos mais primitivos da vida do lactente, o fenômeno observado é o da incorporação. Essa distinção não foi tão explicitada pelo próprio Winnicott, estando presente de forma implícita mais claramente nos seus textos posteriores.

b) Deve-se tomar em consideração a teoria do amadurecimento para entender o conceito de incorporação, sobretudo a distinção winnicottiana entre psique e mente e a ideia winnicottiana de elaboração imaginativa das funções corpóreas, já descritos aqui no capítulo primeiro. Retomando em breves palavras os conceitos: a psique é a elaboração do soma vivo imaginativa e criativamente, mais ampla e mais primitiva do que o conceito de mente na visão winnicottiana. A mente é um modo especializado do funcionamento da psique, iniciada no período da dependência relativa com as funções intelectuais de catalogação, classificação e cotejamento e, posteriormente, depois da integração do indivíduo em uma identidade unitária, constituindo, assim, os mecanismos mentais de introjeção e projeção (DIAS, 2011). No que tange à elaboração imaginativa das funções corpóreas nos períodos iniciais, Winnicott afirmou: “[...] o lactente tende a viver em seu corpo e a construir o si-mesmo na base do funcionamento corporal a que pertencem as elaborações imaginativas que rapidamente se tornam extremamente

complexas e constituem a realidade psíquica específica daquele lactente" (WINNICOTT, 1963b/1983, p. 90). Tendo presentes esses conceitos, Dias (2011), a partir de um estudo global da literatura winnicottiana, enfatizou que a concepção winnicottiana acerca dos momentos iniciais do amadurecimento humano, especificamente, a ideia de criatividade originária é incompatível com a ideia de representação mental e simbólica própria da noção de introjeção. Para Winnicott, o bebê, nos estágios iniciais, não necessita servir-se das funções mentais, uma vez que se encontra protegido pelo ambiente materno, vivendo tarefas integrativas específicas desse estágio pré-simbólico e pré-representacional. A respeito do funcionamento mental precoce – iniciado nos estágios iniciais do amadurecimento emocional, Winnicott (1949a/2000, p. 267) afirmou: "Esse desenvolvimento intelectual (nos estágios iniciais) é um problema, pois deriva de um estágio demasiadamente precoce na história do indivíduo, sendo portanto patologicamente desvinculado do corpo e de suas funções bem como dos sentimentos, impulsos e sensações do ego total".

c) Assim sendo, Winnicott, ao introduzir a noção de incorporação e o seu início nos momentos primitivos da vida do lactente, se tudo correr bem, atrela-o ao trabalho da elaboração imaginativa da funções corpóreas. "[...] tentei fazer com que a palavra "internalização" fosse usada para designar a elaboração imaginativa da função corporal" (WINNICOTT, 1960a/1994, p. 357). Assim, o conceito de incorporação entendido, a partir da elaboração imaginativa das funções corpóreas, tem o seu início no período de dependência absoluta e, portanto, não se serve de nenhum trabalho mental, acompanhando o indivíduo ao longo de toda a sua vida. Então, a incorporação será o processo pelo qual o bebê, com o ego imaturo e recebendo o suporte ambiental adequado, assimila/absorve as experiências dos cuidados maternos, fortalecendo o verdadeiro si-mesmo, sendo capaz de sentir as experiências da vida como pessoais e valorosas, porque lhe foi possibilitado constituir uma realidade psíquica

específica[55]. Esta experiência envolve o soma vivo e torna-o pessoal e real:

> Nós agora vemos o ego da criança como algo dependente inicialmente de um ego auxiliar, algo que aproveita a estrutura e a força do sistema altamente complexo e sutil de adaptação às necessidades, sendo essa adaptação suprida pela mãe ou pela substituta da mãe. **Vemos também o interessante processo da absorção, na criança, dos elementos do cuidado com a criança, aqueles que poderiam ser chamados de elementos "do ego auxiliar".** A relação entre absorção do meio e o processo de introjeção com o qual já estamos familiarizados gera grande interesse (WINNICOTT, 1959b/1983, p.116. Grifo nosso).

Assim, com o evoluir do processo maturacional, a criança será:

> [...] capaz de constituir memórias de experiências sentidas como boas, de modo que a experiência da mãe sustentando a situação torna-se parte do eu, é assimilada dentro do ego. Desta forma, a mãe real passa a ser cada vez menos necessária. O indivíduo adquire um ambiente interno. A criança poderá encontrar novas experiências de sustentação da situação, e com o tempo, poderá também tornar-se aquela que sustenta a situação para uma pessoa, sem ressentimento (WINNICOTT, 1955c/2000, p. 366).

d) O conceito de introjeção e de projeção, sendo ele um mecanismo mental, tem o seu início em um momento posterior do desenvolvimento emocional do indivíduo. Se tudo correr bem, o início do processo de introjeção e de projeção se dá no período em que a criança já tem capacidade de diferenciar entre eu e não eu, sabendo da existência de um dentro e de um fora, de um mundo interno, de objeto interno e um mundo externo. Tal experiência envolve as funções mentais e independe do soma vivo, embora relativas ao corpo. São experiências ligadas "ao afeto e não tanto ao instinto" (WINNICOTT, 1968e/1975, p.178). Tanto a noção de incorporação como introjeção serão fundamentais para um indivíduo saudável em seu caminho rumo a uma maior autonomia. Na visão winnicottiana, quando a criança possui um ego integrado, a introjeção e a

---

[55] Winnicott serviu-se das seguintes expressões para se referir à psique: mundo interno (1955c/2000, p. 370), meio interno (1958/1983, p. 36), realidade psíquica interna (1960a/1994, p. 355), realidade psíquica pessoal (WINNICOTT 1963b/1983, p. 90). São fundamentais as experiências dos estágios iniciais, que se agregam no começo da separação eu e não eu. "Já ficou claro que essa construção do mundo interno através de um sem-número de experiências instintuais teve início bem antes do estágio que agora estudamos. Bem antes dos seis meses, o bebê humano já está sendo formado pelas experiências que constituem o viver da infância, experiências instintivas ou não, excitadas ou tranquilas" (WINNICOTT,1955c/2000, p. 370).

> projeção serão utilizadas por ela do seguinte modo (DIAS, 2011): 1. Para controlar as forças e os objetos que escapam ao seu controle; 2. Para separar, no mundo interno, o bom e o mau que nela convivem, preservando, assim, o bom; 3. Propícia ao indivíduo colocar-se no lugar do outro ou de se ver através do outro (identificação cruzada); 4. Constituir a maneira com que o indivíduo adquire modos de relacionar no mundo, regras, formas de fazer, padrões e comportamentos.

Retomando o artigo *A capacidade de estar só* (1958) e tendo presente as observações feitas, as afirmações winnicottianas acerca da incorporação do cuidado materno e, consequentemente, da possibilidade de dispensar a presença real da mãe, na vivência da capacidade de estar só e da constituição de um 'meio interno', fenômeno mais primitivo do que a *mãe do introjetada*, são elucidadas. Assim, é necessário que o indivíduo estabeleça *um meio interno*, possível por meio da incorporação dos cuidados maternos totais, no pensamento winnicottiano. Isto o conduzirá à experiência da capacidade de esperar e de sustentar situações no tempo, desfrutando assim também da capacidade de estar só, dispensando a presença real da mãe.

4.6 O Fundamento da Capacidade de Estar Só: o Paradoxo

Na visão winnicottiana, a vivência do paradoxo é de extrema importância para o desenvolvimento maturacional do ser humano. O paradoxo, para Winnicott, é "[...] uma necessidade intrínseca dos processos de maturação" (DONNET, 2006, p 26). No ponto anterior, buscou-se explorar o tipo de relacionamento (*ego relatedness*) em que o fenômeno do estar só, como capacidade, lança a sua base estrutural. Destaquemos, agora, o paradoxo, aspecto central da relação de ego (*ego relatedness*).

Roussillon, no livro *Paradoxos e situações limites da psicanálise* (1991), elucidou de modo brilhante a questão do paradoxo no pensamento winnicottiano. Na trilha de sua reflexão e compartilhando sua perspectiva acerca do paradoxo na psicanálise winnicottiana, buscaremos refletir sobre esse aspecto fundamental estruturante da capacidade de estar só: o paradoxo.

Winnicott notou a importância do paradoxo para o amadurecimento humano, não sendo influenciado por nenhum outro trabalho psicanalítico. Assim, o psicanalista inglês concedeu um lugar para o paradoxo na vida psíquica e no processo de amadurecimento humano, sendo totalmente original (ROUSILLON, 2006). “Winnicott, por seu lado, assinalou no processo da maturação da criança e na formação da simbolização uma série de paradoxos organizadores de alguns momentos desses processos” (ROUSSILLON, 2006, p. 38).

Para o nosso entendimento, cabe ressaltar uma observação crucial acerca dos paradoxos winnicottianos imbricados nos processos de amadurecimento: eles colocam em destaque o papel fundamental do ambiente na facilitação da *integração identitária do indivíduo* em graus distintos, quando se consideram os estágios do amadurecimento emocional. Alude-se aqui aos dois paradoxos implicados diretamente no processo de amadurecimento: criado/encontrado e a capacidade de estar só na presença de alguém.

Roussillon (2006), pensando na contribuição do paradoxo à psicanálise, mostra que a paradoxalidade é a característica principal da dinâmica das relações iniciais do indivíduo, em sua linguagem, do narcisismo primário, tal qual o conflito move as dinâmicas do narcisismo secundário. Além disso, o autor assinala a importância de os paradoxos dos processos maturacionais serem tolerados, a fim de que promovam a continuidade do ser e possibilitem a constituição de uma realidade psíquica, tornando as rupturas mais “aceitáveis”, tal como evidenciado na visão winnicottiana.

Desse modo, no processo de amadurecimento emocional, os paradoxos precisam ser tolerados pelo ambiente facilitador, para que o indivíduo se integre em uma unidade identitária e possua o sentimento de si-mesmo: o criado-encontrado abre a possiblidade de experimentar a vida como pessoal e real e a integração identitária, e, acompanhando essa dinâmica, o estar só na presença de alguém[56], quando possibilitado pela mãe ambiente, além da importantíssima experiência de assimilação da confiabilidade, segurança, será o solo contextual em que o paradoxo

---

[56] Roussillon (2006, p. 83) destaca: “[...] uma questão que persegue o pensamento de D. W. Winnicott, embora nunca seja claramente formulada como tal, é a questão da origem [da vida psíquica e do ego]”. Desse modo, conforme pensa Roussillon (2006), os paradoxos de maturação, como se refere ele ao paradoxo criado-encontrado e o estar só na presença de alguém, explicam a genética da vida psíquica e do ego.

do criado-encontrado pode existir, favorecendo assim a constituição de uma realidade psíquica pessoal e reforçando a confiabilidade do indivíduo no ambiente materno.

A tolerância ao paradoxo é condição de possiblidade para que o processo maturacional prossiga o seu curso. Winnicott, ao tratar da relação paradoxal mãe-bebê, na conquista do objeto subjetivo, na área intermediária da transicionalidade e no uso do objeto, chamou a atenção para o fato de que o paradoxo *não deve nunca ser resolvido, mas aceito, tolerado e respeitado pelo ambiente, a fim de que o bebê conquiste a saúde emocional*. Assim, por exemplo, o bebê cria o seio ao encontrá-lo disponível. Para o bebê, o seio existe, porque fora criado por ele. Contudo, se ele não o tivesse encontrado disponível, não poderia criá-lo. Essa ilusão de criação deriva da aceitação do paradoxo por parte do ambiente. Isso fará com que o bebê experimente a vida como própria e real. Vale dizer ilusão e não alucinação, uma vez que a mãe está presente para que possa ser criada, mas ausente na ótica de que está para atender o bebê em suas necessidades, especialmente, nos estágios iniciais.

Considerando o ponto de vista do bebê, perguntar-lhe e/ou buscar uma resposta sobre a origem da mãe –foi criada ou encontrada?- é colocá-lo a experimentar a realidade externa, isto é, a alteridade, sem que ele tenha capacidade para tal, considerado na visão de Winnicott como uma intrusão que interrompe o processo de continuidade de ser, a constituição de uma realidade psíquica pessoal. Por exemplo, essa pergunta pode ser posta ao bebê do seguinte modo: a mãe que atende o seu bebê de acordo com a necessidade dela. Ela oferece o seio porque estabeleceu o horário da alimentação do bebê ou não lhe permite viver momentos tranquilos em seu colo devido às suas tarefas, entre outras situações.

Neste sentido, Roussillon (2006) afirma que a ausência da origem da mãe na experiência paradoxal é fundamental para que se possa constituir a área de neutralidade, na qual o objeto nem é externo e nem interno, possibilitando ao indivíduo o amadurecimento emocional, o sentimento de si-mesmo ao viver a realidade compartilhada. Assim, o paradoxo é a ponte entre o encontrado e o criado e entre o estar só, porque está com, na qual a oposição pode dialogar.

Com base nestes princípios, tomemos o paradoxo da capacidade de estar só, sendo menos conhecido que o paradoxo do criado-encontrado, do qual derivam os fenômenos e objetos transicionais; no entanto, isso não significa ser menos

importante, até porque, como já apontamos, a capacidade de estar só na presença de alguém abre a possiblidade da vivência do paradoxo do criado/encontrado.

Winncott (1958/1983) localizou na experiência de estar só como lactente ou criança pequena na presença da mãe, o ponto básico e crucial, sem o qual a capacidade futura não surge. “A base da capacidade de estar só é um paradoxo” (1958/1983, p. 32). Como se dá esse paradoxo? Poderíamos até perguntar como se dá o diálogo entre essa oposição, entre o só e o com?

O estar só somente estabelece os seus fundamentos estruturais como capacidade se o estar com for capaz de se fazer presente sem que o lactente reconheça a presença do outro. Ele, o bebê, apenas experimenta os cuidados físicos do outro, sentindo-se segurado (*holding*) no tempo e no espaço e podendo estar não integrado, relaxado.

Assim, entre o *estar com* e *o estar só*, nos momentos iniciais, começa-se uma experiência de confiabilidade, do sentir-se segurado/seguro (*holding*). Tal experiência, favorecida pelo ambiente total materno, é incorporada pelo lactente fortalecendo o amadurecimento de sua personalidade. É “[...] um tipo de relação especial, aquele entre o lactente ou a criança que **está só**, e a mãe ou mãe substituta que está de fato **confiantemente presente** [...]” (1958/1984, p. 33. Grifo nosso). Essa experiência, segundo Roussillon (2006), condicionará tanto a futura capacidade de estar só quanto a capacidade de estar com, sem intrusões recíprocas. Nota-se aqui um vínculo intrínseco entre o estar com e o estar só: somos possibilitados a estar só estando com alguém disponível sem nenhuma exigência, em uma fase inicial e, posteriormente, na vida adulta, esta experiência de confiabilidade incorporada abre a possiblidade de estar autenticamente com alguém e desfrutar da alteridade, podendo estar só em contato consigo mesmo, com o seu mundo pessoal e com suas necessidades uma vez que confia na alteridade.

Portanto, as bases estruturantes da capacidade de estar só são lançadas nos períodos iniciais do bebê, quando lhe é permitido estar com, o ambiente sustentador. Como foi dito anteriormente, é fundamental que o paradoxo *do estar só estando com* seja tolerado, a fim de que o bebê possa iniciar a experiência de estar só.

Do ponto vista do bebê, ele não sabe da presença da mãe, embora dependa absolutamente dela; na ótica materna, o respeito e o sustentar do não saber do bebê, estando presente e disponível abre caminho para integração da capacidade

de estar só. Diria aqui que o silêncio torna-se ponto de encontro e diálogo entre questões opostas e complementares ao mesmo tempo. Assim, da mesma maneira como acontece com o paradoxo de que aquilo que foi criado pelo lactente o fora porque estava disponível, fazendo assim experiência a ilusão de onipotência, o estar só é possível devido ao ambiente sustentador, sem nenhum conhecimento por parte do lactente, contando apenas com o respeito, sem exigências pessoais por parte da mãe, a tolerância do paradoxo.

Assim instaura-se o caminho para a integração de um ambiente pessoal na vida do indivíduo, fazendo-o capaz de estar só na presença do outro ou sem o outro, porque existe uma realidade psíquica pessoal ou *meio interno* que lhe é importante para o relacionamento interpessoal e a elaboração das experiências pessoais. Isto significa dizer que podemos experimentar os relacionamentos interpessoais a partir do si-mesmo verdadeiro, como próprios e pessoais e ausentar dos mesmos não por medo ou defesa, mas para descansar e relaxar, confiando que estarão presentes ao retornar.

4.7 A Cena Primária: Consolidação da Capacidade de Estar Só

Winnicott (1988/1990) descreveu a vivência do estágio edípico, considerando-a como um ganho no processo de amadurecimento. No capítulo anterior, tivemos a oportunidade de descrevê-lo com mais detalhes.

No estágio edípico, a capacidade de estar só "[...] depende da capacidade de **lidar com os sentimentos gerados** pela cena primária" (1958/1983, p. 33. Grifo nosso). Recordemos que a capacidade de lidar com os sentimentos de amor e de ódio inicia-se no estágio do concernimento, com o estabelecimento do círculo benigno, derivando daí o início da tolerância à ambivalência e à fusão dos impulsos e ideias eróticos e agressivos. Tal processo ganhará qualidades mais complexas no estágio edípico.

A criança saudável será, então, capaz de aceitar a relação excitante dos pais -imaginada ou percebida- e, com isso, capaz de lidar com os sentimentos de raiva derivados da cena primária, aproveitando-os para a masturbação e, com isso, sendo possível assumir a responsabilidade por sua fantasia consciente e inconsciente e aceitar ser a terceira pessoa da relação triangular (WINNICOTT, 1958/1983, p. 33).

Nessa circunstância, a criança será capaz de estar só, implicando isso no seu amadurecimento erótico: desenvolvimento da potência genital e tolerância aos sentimentos ambivalentes, fusão dos impulsos e ideias agressivas e eróticas (WINNICOTT,1958/1983). A capacidade de identificação com os pais por parte da criança também comporá esse processo. Desse modo, a criança consolidará a capacidade de estar só, sendo essa capacidade sinônimo de maturidade emocional.

Winnicott, neste ensaio de 1958, apresenta a experiência da cena primária vivida pela criança como algo enriquecedor, capaz de consolidar a conquista da capacidade de estar só. Isso nos leva à concepção winnicottiana da experiência da cena primária como uma vivência significativa para o processo maturacional e não como uma experiência traumática. “O Complexo de Édipo representa assim a descrição de um ganho de saúde” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 68).

> [...] a saúde se estabelece na organização do primeiro relacionamento triangular onde a criança é impulsionada pelos instintos de natureza genital recém-surgidos, característicos do período entre os 2 e os 5 anos. É dessa forma que, pessoalmente, interpreto o Complexo de Édipo freudiano para os menino e o que quer que lhe corresponda nas meninas (Édipo invertido, Complexo de Electra, etc.) (WINNICOTT, 1988/1990, p. 67).

Portanto, na perspectiva winnicottiana, o trauma neste estágio não surge da trama da cena primária em si, mas da impossibilidade de vivê-la, fazendo com que a criança reprima e iniba as ideias e os sentimentos ambivalentes. Por exemplo, o menino se percebe odiando o pai, a quem deseja matar, e temendo o pai que ele ama e em quem confia, devido estar apaixonado pela mãe. Quando a criança chega a essa etapa, não possuindo uma família capaz de suportar essa ambivalência vivida faz com que ela iniba e reprima os sentimentos ambivalentes, criando defesas excessivas contra a ansiedade de castração, constituindo aí uma patologia (WINNICOTT, 1988/1990).

À luz de tudo o que foi descrito até o momento, pode-se visualizar um elemento importante do pensamento psicanalítico winnicottiano: as causas do adoecimento emocional dos indivíduos provêm dos *contatos/relações interpessoais efetivas* e, não propriamente das relações instintuais em si. Winnicott compreende que a falta de um ambiente confiável e/ou presença ambiental intrusiva estão na base dos adoecimentos emocionais. Inclusive, essas, as relações instintuais, ganham o seu sentido pessoal a partir dos relacionamentos efetivos mãe-bebê. Na

visão winnicottiana, recordemos que as raízes das relações de intimidade advêm da ‘relação de ego’ e dos estados tranquilos.

Assim, um ambiente confiável e disponível –mãe, pai, família etc.- favorece a constituição e consolidação da personalidade do indivíduo, uma vez que empaticamente esse ambiente oferece aquilo que é necessário para o seu desenvolvimento maturacional. Se nos estágios iniciais o ambiente confiável significa os cuidados maternos dados nos estados tranquilos e excitados de acordo com a necessidade do bebê, que não possui um ego integrado, nos estágios posteriores, necessitará desse ambiente-suporte de outras maneiras; por exemplo, na vivência da cena primária, o ambiente confiável é aquele que favorece a vivência dos sentimentos de ambivalência. Sobre o papel do ambiente na cena primária:

> Quando o menino se percebe odiando e desejando matar e temendo o pai que ele ama e em quem confia, porque está apaixonado pela esposa do pai. Feliz saudável é o menino que chega precisamente a este ponto de seu desenvolvimento físico e emocional quando a família está intacta, e que pode ser acompanhada em meio a esta constrangedora situação em primeira mão pelos próprios pais, que ele conhece muito bem, pais que toleram ideias, e cujo relacionamento é firme o bastante a ponto de não temerem a tensão sobre as lealdades, criada pelos ódios e amores da criança (WINNICOTT, 1988/1990, p. 68).

4.8 A Intimidade: Condição *sine qua non* para Compartilhar o Estar Só

Winnicott tratou, em seu ensaio de 1958, sobre a vivência da capacidade de estar só na vida adulta, a solidão compartilhada. Para tanto, reportou a experiência do indivíduo depois do coito:

> Talvez seja correto afirmar que após o coito satisfatório cada parceiro **está só e contente de estar só.** Ser capaz de apreciar estar só estando junto com outra pessoa que também está só é uma experiência normal (*experience of health*). Falta de tensão no id pode produzir (*may produce*) ansiedade, mas a integração na personalidade do sentido de tempo permite esperar pelo retorno natural da tensão do id, e apreciar a solidão compartilhada, isto é, aquela solidão relativamente livre da característica que nós chamamos reclusão (withdrawal) (WINNICOTT1958/1983, p. 33. Grifo nosso).

Notam-se alguns pontos relevantes da conquista do estar só para que a solidão compartilhada seja experimentada pelo indivíduo:

a. A capacidade de apreciar estar só estando com, experiência de saúde, apenas possível devido à constituição de uma realidade psíquica pessoal, ‘um meio interno’, isto significa dizer que o indivíduo, na saúde, constituiu um espaço pessoal no qual pode elaborar e apreciar as experiências próprias do viver, vivenciando suas experiências em contato com o seu si-mesmo verdadeiro, inclusive a experiência de estar junto motivado pela instintualidade ou não;
b. Winnicott, neste ensaio de 1958, remeteu à ansiedade que pode ser provocada pela falta de tensão do id. Tendo em consideração o seu pensamento ao longo do ensaio, a nosso ver, talvez esteja sugerindo aqui o fato de o indivíduo não ter experimentado adequadamente ‘as relações de ego’ –experiência de confiabilidade e mutualidade-, e todas as tarefas integrativas que as ‘relações de ego’ abrem para o amadurecimento da personalidade nos estágios iniciais. E, nesse sentido, o psicanalista inglês indicou claramente a falta de integração do sentido de tempo na personalidade do indivíduo como um fator preponderante, a fim de que o indivíduo seja capaz de esperar o retorno das experiências de id.
c. Como já visto na descrição da teoria do desenvolvimento emocional, no capítulo anterior, o indivíduo é capaz de integrar o sentido de tempo por meio das tarefas integrativas, especificamente, da tarefa de integração, sendo assim capaz de esperar uma vez que existe um ambiente disponível e confiável. Quando isso não ocorre, a falta de tensão do id pode imbricar para o indivíduo uma descontinuidade da sua existência, não se sentindo vivo, uma vez que não teve a possibilidade de sentir-se sustentado pelo ambiente, no tempo e no espaço (tarefa de integração). Aqui, aparece um fator elementar do pensamento winnicottiano: ser e continuar sendo (continuidade do ser). A questão apontada por Winnicott aqui é: por que a falta de tensão no id pode provocar ansiedade no indivíduo e ele não conseguir esperar o seu retorno natural? A resposta winnicottiana encontra-se nas relações mãe-bebê, nos contatos efetivos, na capacidade de *holding* ambiental promotor da continuidade do ser, na integração do indivíduo num si-mesmo unitário.
d. O fragmento leva-nos a inferir que o estar só, como conquista, é uma temática que envolve necessariamente os relacionamentos íntimos e a

> confiança derivada deles, tanto nos momentos iniciais, como na vida adulta. Assim, a pessoa que é capaz de estar só traz dentro de si a experiência de uma relação íntima consistente, relação com alguém disponível, presente, sem nenhuma exigência. Tais indivíduos, apropriados do sentimento de si-mesmo, encontram sentido pessoal em estarem juntos, porque são capazes de estarem sós consigo mesmos. Há um si-mesmo constituído para estar com ele, tanto no contato com outro ou estando realmente só sustentado pela presença ausente de alguém. Daí entende-se a solidão compartilhada em que duas pessoas se vinculam sem isolar-se. A partir da capacidade de estar só, o compartilhamento da solidão entre duas pessoas se faz possível num momento de intimidade e relaxamento. Elas estão só, sendo sustentadas pela relação de intimidade estabelecida e a confiança de estar uma diante da outra sem nenhuma exigência, uma presença ausente.

4.9 O Caso B

Apresentaremos aqui o Caso B com a finalidade de ilustrar o que descrevemos até aqui acerca da capacidade de estar só. Não entendemos, aqui, fazer um estudo de caso, mas usar um caso do próprio Winnicott para ilustrar a temática tratada.

O relato clínico do caso B representa uma evolução do pensamento winnicottiano no sentido clínico e teórico: o próprio Winnicott reconheceu que a descrição de B teve um profundo efeito no seu ponto de vista (KHAN, 1972/2010). Quando Winnicott iniciou o atendimento do jovem B no final da década de trinta, um pouco antes da II Guerra mundial, conduzia o seu trabalho clínico embasado na psicanálise tradicional. Posterior ao atendimento do caso, Winnicott, em posse de suas anotações, iniciou uma reflexão explicitando suas ideias e forjando conceitos originais. Isso lhe possibilitou contribuir com a clínica psicanalítica na compreensão acerca dos casos ‘difíceis’ e das psicoses, propondo técnicas de intervenção nesses tipos de adoecimento. O caso de Margaret Little, atendido na década de 40, também ajudou Winnicott no entendimento dos casos difíceis e psicoses.

O caso B foi tão relevante para Winnicott, a ponto de o autor utilizá-lo em outras partes de seus escritos com o intuito de exemplificar as suas ideias. Por

exemplo, em *Explorações psicanalíticas* (1989), no capítulo 10, intitulado “O nada no centro”, e no 28, “Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos [*Split off*]”, provavelmente o psicanalista inglês tenha se servido do caso B para desenvolver as temáticas implicadas.

Numa visão geral do relato do caso é possível afirmar que os três aspectos fundamentais do pensamento winnicottiano já estão presentes no texto de forma seminal: a importância da papel do ambiente como facilitador para a integração do indivíduo em uma unidade, a própria tendência inata do indivíduo à integração em um unidade e a clínica do manejo.

Winnicott produziu dois artigos propriamente ditos sobre esse caso, embora, como dissemos, se possam encontrar fragmentos em outras partes de sua obra. O primeiro, *Retraimento e regressão* (1954), que corresponde aos 16 primeiros meses do segundo período de análise de B, impresso como um apêndice do livro *Holding e intepretação* (1986). O segundo, *Fragmento de uma análise* (1972), refere-se a um registro literal dos últimos seis meses do segundo período de análise de B, publicado no livro *Holding e interpretação* (1986). Na introdução do livro *Holding e interpretação* (1986) feita por Masud Khan (1972/2010), encontram-se também algumas anotações referentes à primeira análise de B com Winnicott.

A análise de B se deu em dois momentos. O primeiro, quando B tinha 19 anos, durante a II guerra mundial. A mãe do paciente entrou em contato com Winnicott, relatando o interesse de seu filho em fazer análise com ele. Praticamente, o jovem foi levado pela mãe à análise. Neste período, a mãe de B estava também em análise com outro analista. B. admitiu em sua segunda análise a arbitrariedade da sua decisão por análise a primeira vez que procurou Winnicott com tal demanda: não tinha nenhuma consciência da necessidade de análise, bem como consciência dos seus problemas. Contudo, queria chegar em algum lugar diferente.

O primeiro trabalho analítico teve duração de aproximadamente dois anos. Neste período, o paciente era considerado um paciente de tipo esquizofrênico. Winnicott percebeu no paciente uma melhora clínica, isto é, B apresentou condições para começar a trabalhar. Agregado a isso, as condições inóspitas produzidas pela II Guerra mundial fizeram com que o paciente interrompesse a análise. “Ele fez um período de análise comigo e teve ser interrompido por condições decorrentes da guerra, tão logo ele demostrou estar bem o suficiente para trabalhar” (WINNICOTT, 1986/2010, p. 27).

Winnicott relata que, nesta primeira análise, o jovem chegou ao seu consultório “[...] num estado de depressão com forte colorido homossexual, embora sem uma homossexualidade manifesta. Seu estado era de confusão e de irrealidade. [...] Era inteligente, capaz de lidar bem com conceitos e de filosofar, e tido como um homem de ideais interessantes” (WINNICOTT, 1986/2010, p. 27).

A busca de chegar a algum lugar por parte do paciente, embora não tivesse consciência da necessidade de análise, é percebida por Winnicott desde o primeiro contato com B. Ao introduzir o livro *Holding e interpretação*, Khan (1972/2010, p. 11) reporta-se a uma anotação sobre o caso de Winnicott a respeito do primeiro contato com B:

> O rapaz entrou na sala, deitou-se no divã e começou a análise da mesma forma como o faria um ou dois anos mais tarde. Quando estava saindo da sala, ele foi até minha estante e viu dois livros que disse também possuir. Dessa e de outras formas, ele demonstrava estar colocando em minha cadeira alguém que já pertencia ao seu mundo interno. Creio que seria legítimo dizer que continuei a ser um objeto do seu mundo interno [...].

Com isso, Winnicott entendeu que o paciente acreditava que a análise poderia lhe ajudar em sua busca de chegar a algum lugar. Além disso, nesse primeiro contato, o psicanalista inglês também observou que o paciente utilizava o analista prioritariamente de forma subjetiva, ou seja, o analista era o objeto subjetivo do paciente. Nesse sentido, era necessário que o analista sustentasse essa situação no tempo, a fim de que o indivíduo pudesse atingir a realidade compartilhada, a partir dessa área de ilusão, possibilitando assim experimentar a realidade externa com sentido pessoal e próprio.

Neste relato do caso B, encontra-se o conceito de *holding* colocado em evidência como uma técnica terapêutica. Ele representa um elemento importante da psicanálise winnicottiana. À luz da teoria do amadurecimento humano, o analista deve sustentar o indivíduo no tempo e no espaço –cuidados ambientais- a fim de que este paulatinamente possa tomar contato com a realidade externa compartilhada desde sua experiência pessoal. No caso B, especificamente, nota-se que o analista, ao assumir a posição de objeto subjetivo do paciente, relaciona-se com o paciente por meio do manejo, proporcionando a sustentação necessária, a fim de que o paciente possa viver a experiência de contato com o analista, a partir da sua realidade pessoal. Assim sendo, Winnicott, no espaço terapêutico, possibilitava-

lhe a vivência do paradoxo fundamental para integração do si-mesmo verdadeiro em identidade unitária: criar aquilo que fora encontrado e, a partir dessa área de ilusão, chegar à realidade compartilhada.

O psicanalista inglês, numa compreensão geral desta primeira fase da análise de B, observou que uma *modificação vital* aconteceu no processo analítico *ao ser analisado o medo do paciente de terminar a análise*. O fato de completar uma tarefa produzia ansiedade em B. A gênese desse medo estava localizada nos términos da experiência da mamada, como identificou posteriormente Winnicott, conversando com a mãe do paciente. A mãe de B não se encontrava identificada com B –preocupação materna primária- provocava a situação traumática, quando o amamentava, deixando-o efetivamente só logo após a amamentação. A ausência efetiva da mãe após a amamentação, os estados tranquilos, e o seu retorno em um momento pré-estabelecido por ela para amamentação representava para B uma quebra em sua *continuidade de ser*. O ambiente, mãe, não estava à disposição do bebê a tal ponto de atender as suas necessidades egóicas, na linguagem de Winnicott, de após amamentação poder estar no colo materno e, sentindo-se segurado, estabelecer os contatos íntimos com o ambiente materno efetivo –relação de ego- sem a presença instintual, capaz de sustentar o bebê em um estado não integrado.

Isso conduziu Winnicott ao entendimento da ansiedade de B em relação ao término da análise: o desaparecimento objeto subjetivo. O desaparecimento da mãe logo após o término da amamentação implicava para B a aniquilação do objeto amado e, consequentemente, aniquilação de si, uma vez que ele se encontrava identificado, primariamente, com o objeto. O reaparecimento do objeto, a alimentação, era demarcado pela mãe. Desse modo, B também submetia-se ao modo de fazer da mãe, distanciando do seu verdadeiro si-mesmo e criando uma barreira protetora, o falso si-mesmo, para proteger-se deste ambiente intrusivo e disruptivo. Winnicott constatou, num momento posterior em conversa com a mãe de B, que ela estava preocupada em ser perfeita na criação do seu filho, e assim, negligenciava as necessidades emocionais dele. As necessidades emocionais do bebê são atendidas à medida que o ambiente cuidador pode oferecer o colo nos momentos da amamentação e após a amamentação, em que o bebê pode se sentir seguro para satisfazer o impulso instintual e, uma vez satisfeito, pode se sentir seguro para descansar.

Após a análise do medo de que a análise terminasse e se transformasse numa experiência completa, a análise e vida do paciente se modificaram. O analista não era mais considerado somente um objeto subjetivo. Winnicott destacou, em suas anotações sobre a primeira análise, publicadas por Masud Khan *na Introdução à obra Holding e interpretação* (1972), as seguintes mudanças do jovem B após a análise do medo de término da análise:

> [...] ele se tornou capaz de me relacionar a fenômenos externos e de eliminar a grave dissociação, passando então a trazer assuntos externos para as associações. Em casa, ele começou uma nova relação com a mãe baseada na observação do self real dela. O paciente auto-satisfeito, autocentrado, preguiçoso, barbudo, que usava vestimentas estranhas, transformou-se num homem que queria trabalhar e, por fim, conseguiu e manteve um trabalho de responsabilidade numa fábrica durante a guerra (KHAN, 1972/2010, p. 12).

Desta primeira análise, B apresentou ‘uma recuperação satisfatória’, no entanto, “a análise não foi capaz de efetuar a sua separação da mãe” (KHAN, 1972/2010, p.14), como aconteceu no período em que estava em tratamento. “Uma parte importante do seu controle [jovem B] veio através da recuperação que a mãe obteve em sua própria análise, que a capacitou a mandá-lo para fora de casa” (KHAN, 1972/2010, p. 14).

Winnicott, após oito anos do término da análise de B, escreveu à mãe do paciente com a finalidade de obter notícias sobre ele. A mãe de B respondeu prontamente a carta dele, ao que Winnicott pediu que ela fosse vê-lo. No encontro com a mãe de B, Winnicott notou que ela tinha mudado a forma com que descrevia a vida familiar de B. A mãe de B já havia passado por longo período de análise.

Winnicott corroborou as suas conclusões sobre o caso B feitas na primeira análise em seu encontro com a mãe de B. "Na primeira entrevista comigo, ela havia dito que, se alguma criança *tivera uma infância perfeita*, essa criança era B” (KHAN, 1972/2010, p. 13) Contudo, durante a sua análise pessoal, a mãe de B deu-se conta de que a sua perfeição como mãe constituía um sintoma. Ela tinha que ser perfeita, não abrindo espaço para a flexibilidade, e, assim, dava vasão à sua ansiedade ao alimentar o filho nos horários determinados por ela e ao retirar-se logo após a amamentação para as suas tarefas.

O psicanalista inglês, então, confirmou a sua ideia central surgida na primeira análise de B: as experiências iniciais de amamentação nas quais B se

sentia completamente aniquilado dado à preocupação da mãe de ser perfeita e à falta da preocupação materna primária. Assim, ao não poder experimentar a amamentação e os cuidados maternos sintonizados com sua própria necessidade nos estados excitados e tranquilos, o processo do amadurecimento emocional ficou congelado, não lhe permitindo integrar-se em um si-mesmo, numa identidade unitária.

Deixando-se guiar por essa conclusão central sobre o jovem B, Winnicott considerou que B não podia reconhecer o que a primeira análise havia lhe oferecido, pois qualquer gesto de reconhecimento ou gratidão corresponderia ao manejo perfeito que ele tivera em sua infância (WINNCOTT, 1986/2010). Tal atitude o aniquilaria, constituindo a perda do objeto e, consequentemente, a perda de si.

A segunda análise de B com Winnicott aconteceu por volta de treze anos após o término da primeira análise. O paciente retornou ao consultório de Winnicott depois de ter sofrido um colapso nervoso advindo de sua incapacidade emocional de administrar as responsabilidades da vida de modo geral. B tinha 30 anos, recentemente tinha se formado em medicina e estava casado, com um filho; mais tarde, durante a segunda análise, teve outro filho. Quando B começou o seu trabalho como médico, era-lhe exigido tomar decisões a partir de si, o que lhe era difícil, levando-o, então, a entrar num colapso nervoso. Foi internado num hospital psiquiátrico, apresentando sentimentos de irrealidade e incapacidade geral de lidar com o trabalho e a vida. Além desses sintomas, B queixava-se da ausência de espontaneidade nos relacionamentos e da incapacidade de enfrentar competição. Inclusive, convivia sem maiores problemas com o fato de a esposa ter um amante, ao que também B arrumou uma amante. Durante o segundo processo analítico, B admitiu que, embora não tivesse a potência sexual perturbada, era incapaz de excitação.

Quando retornou para a segunda análise com Winnicott, aproximadamente cerca de treze anos depois da primeira análise, o paciente ainda estava hospitalizado. O médico responsável por B no hospital comunicou a Winnicott o estado de B. Num primeiro momento, B. resistiu a retornar à analise com Winnicott. A mãe de B, em contato novamente com Winnicott, passou o novo telefone e endereço de Winnicott para B, que o procurou.

A análise durou pouco mais que dois anos. Winnicott, em uma anotação feita a lápis sobre a nova análise, publicada por Masud Khan na *Introdução à obra*

Holding e interpretação (1972), fez a seguinte observação em relação ao início da segunda análise de B:

> Quando a análise recomeçou, não seria verdadeiro dizer que ele veio para me ver. Era antes um observador da vida que viera conversar comigo, usando uma retórica bem elaborada. Algumas vezes conversávamos sobre o paciente. Eu diria que nos tornamos gradualmente duas atendentes de berçário falando sobre um menino (o paciente) e que, de repente, a atendente trouxe o menino – ou até mesmo o bebê – para me ver. Consegui alguns vislumbres de uma criança real (KHAN, 19672/2010, p. 15).

O paciente mantinha com o analista um contato predominantemente racional e, por meio de um discurso estudado e retórico, posicionava-se distante de sua realidade pessoal na comunicação com o analista, nos primeiros momentos da segunda análise. De acordo com Khan (1972/2010, p. 18):

> [...] essa atividade mental que isolava o seu self subjetivo dos outros e até mesmo da sua própria auto-consciência reflexiva. Em relação a mundo 'externo', ele era meramente reativo. Em relação ao self verdadeiro, ele tinha apenas uma postura protetiva. Ele nunca conseguia alcançá-lo nem viver a partir dele.

Com isso, pode-se compreender a queixa apresentada por B no início da segunda análise: "[...] não conseguia falar livremente; não conseguia manter conversas informais; não tinha imaginação ou capacidade para jogos; e, não conseguia fazer um gesto espontâneo nem ficar excitado" (WINNICOTT, 1986/2010, p. 28). O modo racional e impessoal de B entrar em contato consigo e com a vida fundamentava a sua forma de existir, recusando todo contato consigo e com o outro por ser perigoso e intrusivo.

Ainda sobre a comunicação analista-paciente, B. sentia a sua comunicação com Winncott como uma tagarelice (WINNICOTT, 1986/2010). A tagarelice vivida por B durante a análise é um exemplo desse movimento de recusa de comunicação de si ao mundo experimentado o mundo como intrusivo (KHAN, 1972/2010).

Na tagarelice de B, Winnicott observou palavras sem sentido pessoal: vazias de vivência pessoal e prenhas de agitação e medo de si e do mundo. O próprio B chegou a essa conclusão: "Tagarelar é o mesmo que conversar sozinho" (WINNICOTT, 1986/2010, p. 194), isto é, sem a presença confiável do outro que favorece a descoberta do sentido pessoal do balbuciar.

Winnicott (1986/2010, p. 27), ao introduzir as suas anotações dos últimos seis meses da segunda análise do caso B, afirmou: “[...] este fragmento de uma análise é oferecido como ilustração da posição depressiva tal como ela surge durante uma análise”. O psicanalista inglês pensava que o caso B até tinha logrado a capacidade de concernimento, mas por alguma situação infantil a havia perdido: “[...] era possível que ele houvesse alcançado a preocupação (*concern*) e depois perdido essa capacidade por causa do desespero em alguma situação infantil [...]” (WINNICOTT, 1986/2010, p. 45).

Pensando na teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, Engelberg de Moraes (2010, p. 232) afirma que os problemas de B. -depressão, a sexualidade, relacionamentos interpessoais e o trabalho- têm a sua gênese na passagem da dependência absoluta para a dependência relativa. Isso inviabilizava B. de consolidar as conquistas dos estágios iniciais, sendo difícil a realização das tarefas do estágio do concernimento – a integração dos instintos e da destrutividade - como a solidificação da conquista do concernimento.

Como já descrito no capítulo anterior, o estágio do concernimento acontece no interior da relação dual mãe-bebê, sendo assim pré-edípico. Tal estágio possibilita a criança integrar a mãe como pessoa total, antes experienciada como mãe ambiente e mãe objeto. Isso conduzirá o lactente, no âmbito da fantasia, a preocupar-se com os danos provocados no corpo da mãe pela vivência do impulso amoroso primitivo. Com o estabelecimento do ciclo benigno, nesta etapa, o bebê poderá integrar-se como pessoa, assumindo a responsabilidade pessoal da sua vida instintual e da destrutividade. O estado de ser concernido aproxima-se do ser preocupado por; é o senso de responsabilidade pessoal por aquilo que pensa, sente e faz na relação com o outro, e, consequentemente, a reparação por seus atos. E é com o estabelecimento da *capacidade de preocupar-se com* e a capacidade de culpa que o bebê, tendo a noção de ser um si-mesmo e experimentando a mãe como uma pessoa diferenciada, lida com as dificuldades derivadas do estar com outro. Tal processo é favorecido pelo suporte ambiental que é capaz de sobreviver aos ataques do bebê sem retaliá-lo, aceitando nessa dinâmica o seu gesto espontâneo de reparação.

Para tanto, Winnicott acreditava que B necessitava, então, de um ambiente confiável e seguro a fim de que pudesse retomar o seu amadurecimento emocional e isso poderia ser oferecido numa relação analítica. “No entanto, era impossível dar

um passo na análise que nunca havia sido dado antes. Essas coisas não dependiam só dele, **mas também do analista**" (WINNICOTT, 1986/2010, p. 45. Grifo nosso).

Os conceitos utilizados por Winnicott para a compreensão do caso B estão nas expressões 'a mãe sustenta a situação' e 'a técnica da mãe' (KHAN, 1972/2010, p. 20). Tais conceitos reportam ao problema de B, isto é, o ambiente precário em sua infância e a necessidade de novo ambiente acolhedor para que o seu desenvolvimento pudesse seguir o curso.

No que tange à perda do concernimento, como aludiu Winnicott em relação ao caso, cabe ressaltar algumas características que fazem diferir esse diagnóstico daqueles indivíduos que não chegaram à aquisição do estágio concernimento.

Em bebês que perderam a capacidade de concernimento ou fracassaram em tal conquista estará presente a seguinte característica: todo o desenvolvimento emocional até então conquistado é desfeito, dissociando assim a integração adquirida entre os estados excitados e os estados tranquilos. E, nesse sentido, as dificuldades são maiores que as de bebê que passaram pelo concernimento sem conquistá-lo.

Ao contrário dos bebês que perderam o concernimento, os bebês que *não chegaram* à aquisição da capacidade do concernimento *sobrevivem*:

> [...] com alguma coisa faltando em seu desenvolvimento emocional, algo de importância vital, resultando numa intranquilidade e numa falta de capacidade para o *concern*, na ausência de profundidade e na incapacidade para o brincar construtivo, sofrendo mais cedo ou mais tarde uma inaptidão para o trabalho (WINNICOTT, 1988/1990, p. 176).

Quando um bebê perde a conquista do concernimento, em vez do sentimento de culpa saudável –a preocupação com a reparação conduzindo a pessoa a um trabalho construtivo-, constituirá o sentimento de culpa patológico, conduzindo a pessoa à inibição dos instintos e ao uso das defesas, como: desintegração, a cisão dos objetos em bons e maus e/ou a organização de um falso si-mesmo, fazendo com que a pessoa tenha necessidade de ser perfeita. O caso B pode ilustrar essa dinâmica psicológica: a falta de espontaneidade, o fato de não conseguir manter conversas informais, não dispor de imaginação e incapacidade para brincar, confusão, dificuldades nos relacionamentos interpessoais, sentimento de irrealidade, a sua inflexibilidade e rigidez são compreendidas pelo autor neste panorama de perda da capacidade de concernimento.

Diante do descrito até o momento, não é difícil identificar no caso B a sua incapacidade de estar só. O ambiente não adaptado às suas necessidades levou B a criar uma barreira emocional –falso si-mesmo–, não sendo capaz de confiar em si, nem no mundo a sua volta. O ambiente materno não lhe possibilitou a formação e a consolidação de um realidade psíquica pessoal, a ponto de ser incapaz de estar só e desfrutar desse momento, de relaxar.

Em linhas gerais, ao ler o texto em que Winnicott descreveu detalhadamente os últimos seis meses do processo analítico de B, percebe-se a relevância do ambiente facilitador oferecido pelo *setting terapêutico* que possibilitou a B retomar o crescimento emocional, sendo possível assim experimentar a capacidade de estar só.

Em uma das sessões descritas no referido texto, Winnicott (1986/2010) indicou a vivência da capacidade de estar só por parte de B. É bom lembrar que a sessão da qual ele reportou o fenômeno do estar só vivido no *setting*, enquanto capacidade, está localizada no último mês da análise de B. Antes disso, muitos processos maturacionais foram retomados a fim de que B pudesse experienciar a capacidade de estar só.

No intuito de mostrar o surgimento da capacidade de estar só no processo analítico, aludimos, em primeiro lugar, a um trecho de uma sessão em que colocou em evidência a situação de imaturidade de B e a implicância disso na capacidade de estar só. Para ajudar a mostrar isso, tomaremos um fato bastante recorrente durante a análise de B: alguns momentos em que B adormecia durante as sessões. De início, o fato poderia remeter a uma situação de confiabilidade ambiental. Contudo, o contexto da sessão revela uma função do sono, muito distinta da experiência de confiabilidade.

> Sexta-feira, 13 maio
>
> Analista: “De certa forma, isso é verdade. Pode-se dizer que muitas vezes você traz a si mesmo para a análise. Falamos de você, e você está presente.” “Você quer que eu o ajude a perceber como as suas dificuldades estão relacionadas à idéia de rivalidade, que surgiu recentemente. [...]
> Paciente: “O que posso dizer sobre isso é que, se eu trago parte de mim para a análise, essa parte reluta em vir. Eu tenho de ir buscá-la sempre.”
> Analista: “Essa parte não consegue suportar a possiblidade de ser abandonada.”
> Paciente: “Sim”. (Pouca convicção.) *O paciente adormeceu logo em seguida.*
> Analista: “ Você dormiu.”

> Paciente: “ Não sei por quê, pois não estou cansado.”
> Analista: “Existe algo realmente perigoso em mim, e foi a palavra impotente que você usou e quis usar alguns dias atrás para descrever o estado em que eu o deixei. [...]
> Paciente: “Sim”. *Ele adormeceu momentaneamente.* “É uma tarefa muito difícil evitar adormecer. Se fico acordado, reprimo meus pensamentos; se afrouxo o controle, eu durmo.”
> Analista: “Então, de forma geral, dormir é a alternativa mais produtiva.”
> Paciente: “Pela primeira vez em semanas, sinto que não existe nenhum problema imediato, nenhuma distração, e é por isso que se manifestou a minha relutância. Eu gostaria de saber do que eu tenho medo.”
> Analista: “Tem medo de permitir que você mesmo venha, entre em contato comigo, e seja mutilado.”
> Paciente: “Quem será mutilado? Eu ou o outro?”
> Analista: “Você”. *Ele adormeceu momentaneamente* (WINNICOTT, 1986/2010, p. 141).

Khan (1972/2010) chama a atenção ao fato de que toda vez que o processo terapêutico aproximava de um troca interpessoal, B começava a dormir. De tal modo, esse sono que se apresenta no processo analítico calcado no medo da retaliação, medo de ambiente intrusivo, não está associado à conquista do estar só, que possibilita ao indivíduo descansar, relaxar. De outro lado, é possível dizer que B ainda não possuía um ambiente pessoal em que pudesse se recolher para descansar.

No que tange ao manejo da situação clínica, Khan (1972/2010) faz o leitor perceber que, no caso B, paradoxalmente o fato de Winnicott acolhê-lo tal qual se apresentava, dormindo, ‘o sono no divã’, representando no contexto da situação analítica o retraimento do paciente, possibilitou a integração do paciente. Isso favoreceu B a vivência do ser isolado, secreto e verdadeiro, a necessidade de estar escondido e, ao mesmo tempo, de ser encontrado, ou seja, reconhecido, sendo assim sustentado em seu segredo por outro secretamente. O sono, embora apresentando-se no *setting* terapêutico como um refúgio defensivo, torna-se, ao mesmo tempo, por meio do *holding,* a possibilidade de experimentar a dependência absoluta em que a relação de intimidade e confiança se instaura, favorecendo o processo de integração do indivíduo.

Tal experiência foi elementar para que B pudesse vivenciar o seu verdadeiro si-mesmo e viver a realidade compartilhada a partir do sentimento do verdadeiro si-mesmo. Posteriormente, Winnicott (1986/2010) também entenderá a decisão de B de concluir a segunda análise como uma decisão em que se manifestava o seu verdadeiro si-mesmo, indicando a retomada do seu amadurecimento emocional.

Aproximadamente um mês antes do término da análise, B sinalizou o seu amadurecimento emocional, manifestando a sua capacidade de lidar com a sua solidão em uma sessão e em uma outra sessão sendo capaz de estar só na presença de Winnicott. Citamos aqui os fragmentos das sessões onde isso é explicitado.

> Segunda-feira, 23 de maio
> Paciente: " Novamente, não tenho nenhuma idéia definida. Posso dizer, porém, que desde a última sessão, encontro-me no estado mental em que sinto que poderia lidar com os meus problemas sem ter de vir aqui, embora eu compreenda que ganharei muito mais se vier. Ou seja, eu conseguiria 'me arranjar'. Essa capacidade depende, em parte, de fatores externos, mas eu tenho de considerar o que aconteceria se as dificuldades externas se repetissem. Contudo, a minha capacidade para lidar com adversidades agora é maior. **A principal adversidade é a solidão, e acho que agora ela é menos preocupante do que já foi. Sinto-me solitário quando disponho de poucas pessoas úteis, e agora eu sinto que o número de pessoas de quem me posso valer está aumentando gradualmente."**
> Analista: "**Se você pode suportar a solidão, então você está numa posição melhor para fazer contatos, porque, se você teme a solidão, esse temor estraga todos os contatos logo de início."** (WINNICOTT, 1986/2010, p. 156, negrito nosso).

> Quarta-feira, 1 junho
> Paciente: " Pela primeira vez, sinto que eu mesmo estou aqui. Isso significa que perdi a noção do tempo no final da última sessão. Eu perdi o controle."
> Analista: "O seu self verdadeiro tem o seu próprio tempo, em contraste com o seu self falso, que se orienta por relógios."
> Paciente: "Quando minha filha acorda, percebo que ela não tem nenhuma noção de horário. Ela imagina que é dia no meio da noite. Os meus horários de acordar têm sido menos regulares nestes últimos dias. Normalmente, eu sei exatamente que horas são. Hoje eu não tinha a menor ideia da hora e acordei por acaso, por causa de um ruído. Senti-me entusiasmado depois que saí daqui ontem. A barreira quase se rompeu. A questão de ocupar tempo conversando ainda me preocupa, mas a pressão já não é tão forte. No trem eu não tinha nada para ler e foi difícil pensar em outras coisas que eu pudesse fazer, a não ser dormir. **Percebi, porém, que a maioria das pessoas não se preocupa com isso e é capaz de ficar sentadas durante uma hora sem fazer nada.** Houve algum progresso nesse sentido; estou menos preocupado. No hospital onde estive internado, eu ficava preocupado com a dificuldade de preencher o tempo. Mesmo que uma pessoa pudesse viver sozinha, como lidar com o problema do tempo? A conversa descompromissada, suficiente para a maioria das pessoas, estava fora de questão."
> Analista: "**Você está me dizendo que, pela primeira vez, você talvez seja capaz de ficar sozinho. A capacidade de ficar só é a única base satisfatória para se estabelecerem relacionamentos**." (WINNICOTT, 1986/2010, p. 171, grifo nosso).
> Pausa
> [...]
> Paciente: "Tive pensamentos confusos durante esta pausa. Foram pensamentos abstratos, e eu não poderia reproduzi-los."
> Analista: "Esse estado de não-integração que você descreve é, de qualquer modo, o seu verdadeiro self." (WINNICOTT 1986/2010, p. 172).

A partir da ilustração do caso B, pode-se afirmar que ser capaz de estar só implica um indivíduo que estabeleceu uma realidade psíquica pessoal. As bases desse ambiente pessoal se tornam possíveis na vida do indivíduo por meio da uma comunicação íntima e silenciosa mãe-bebê. Tal comunicação paulatinamente vai sendo incorporada na vida do indivíduo, favorecendo o processo de amadurecimento da personalidade dele. Em outras palavras, quando tudo corre bem no processo maturacional, o indivíduo contará com um espaço interior em que pode descansar, relaxar, elaborar as suas experiências próprias do viver, sem perder o contato com o mundo exterior. Portanto, estar só como experiência de saúde implica a presença de alguém real, em um primeiro momento e, com o evoluir do processo maturacional, essa presença será assimilada na personalidade do indivíduo que o lançará em relacionamentos interpessoais saudáveis. Saudáveis, porque vividos a partir do si-mesmo verdadeiro, em contato consigo mesmo, podendo assim enriquecê-lo. Estar só é um tema estritamente ligado às relações interpessoais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse deste estudo brotou da observação clínica de pacientes e de pessoas em geral que têm dificuldade em lidar com a solidão e o silêncio e, com a mesma proporção, muita dificuldade em seus relacionamentos interpessoais, estabelecendo-os de forma superficial e/ou de forma possessiva. O texto winnicottiano *A capacidade de estar só* (1958) me pareceu lançar luzes sobre o fenômeno da solidão humana, mostrando-o como uma capacidade própria de pessoas amadurecidas. Tal capacidade lhes possibilita a experiência do descanso das tarefas realizadas na realidade compartilhada e, além disso, sinaliza a maturidade do indivíduo, sendo assim capaz de experimentar os relacionamentos interpessoais e enriquece-se com tais relacionamentos.

Tivemos, então, que buscar os elementos centrais dos pressupostos teórico-clínicos de Winnicott a fim de que pudéssemos compreender a proposta dele acerca da solidão como capacidade. Assim, no segundo capítulo, apresentamos os conceitos estruturais do pensamento psicanalítico de Winnicott. E, nesta mesma direção, no terceiro capítulo, objetivando ter uma visão geral da teoria psicanalítica winnicottiana para que pudéssemos entender as raízes da conquista do estar só, descrevemos a importante contribuição winnnicottiana à psicanálise: a teoria do amadurecimento emocional.

Durante a presente pesquisa, levamos em consideração um fator preponderante no estudo da literatura psicanalítica winnicottiana: a linguagem de Winnicott. O estudo do pensamento psicanalítico de Winnicott se torna complexo devido ao seu modo de expô-lo, servindo-se de termos utilizados pela psicanálise tradicional, mas questionando e modificando as formulações teóricas em sua maneira de fazer psicanálise. Talvez, isto faça de Winnicott um autor que cria muitas controvérsias entre os comentadores e estudiosos do autor. De outro lado, vale dizer que as suas modificações conceituais não advêm de especulações teóricas acerca do ser humano, mas da sua experiência clínica com a díade mãe-bebê e casos difíceis, agente propulsor à sua mudança de compreensão de alguns conceitos psicanalíticos e da descrição de outros, novos e originais no entendimento dos fenômenos psíquicos. Esta observação foi relevante ao nosso estudo, uma vez que no artigo, *A capacidade de estar só* (1958), as terminologias utilizadas pela

psicanálise tradicional se fazem presentes de uma maneira contundente, forjando, no entanto, uma reflexão original. Sem dúvida, o uso dos termos psicanalíticos consagrados neste artigo se deve ao público ao qual foi apresentada essa reflexão. Winnicott apresentou esse artigo em uma reunião extracientífica da Sociedade Britânica de Psicanálise em 24 de julho de 1957 e o publicou pela primeira vez no *International Journal of* psychoanalysis em 1958.

Assim, no quarto capítulo, buscamos, à luz das formulações descritas nos capítulos anteriores e com base no artigo *A capacidade de estar só* (1958), compreender o tema do estudo. E neste sentido, observamos alguns pontos interessantes sobre a capacidade de estar só na perspectiva winnicottiana, válidos para nossa reflexão e atuação clínica:

a) A capacidade de estar só nos conduz a compreender a importância de dois elementos fundamentais do cuidado terapêutico: a experiência da confiabilidade, que deve ser favorecida na relação terapêutica, e um novo significado para o silêncio do paciente revelado no *setting* terapêutico: a capacidade de estar só. Assim, compreendemos que a experiência de silêncio como capacidade de estar só vivido pelo paciente em um *setting* terapêutico, prenha de um sentido integrador, deve ser respeitada e sustentada pelo terapeuta, possibilitando-lhe a experiência da confiabilidade.

b) À luz da teoria do amadurecimento emocional, o estar só como conquista pressupõe uma integração do indivíduo num si-mesmo unitário. E, neste sentido, a incapacidade de estar só pode indicar uma imaturidade emocional do indivíduo, isto é, uma interrupção no seu processo maturacional.

c) Tendo presente o processo de amadurecimento emocional, a possibilidade de organização de um núcleo egoico – e, em consequência disso, o estabelecimento do eu e do não eu, de um dentro e um fora do indivíduo- permite ao indivíduo a constituição de um ambiente pessoal no qual ele pode estar só consigo mesmo, sentindo-se seguro. Talvez a imagem de uma casa pode ajudar na compreensão da importância da organização do núcleo egoico para a capacidade de estar só. Os indivíduos capazes de estar a sós são aqueles a quem foi possibilitada a construção de uma casa própria para viver, um espaço pessoal, onde pode descansar

seguramente das tarefas e exigências da realidade compartilhada. São aqueles indivíduos que vivem no mundo a partir do si-mesmo integrado, sentindo o mundo compartilhado como real e valoroso. E acompanhando a metáfora, podemos dizer que as pessoas incapazes de estar sós vivem no mundo, mas, como não lhes foi favorecida a construção de uma casa própria para habitar, um ambiente pessoal, ao se cansarem das demandas da realidade compartilhada, não têm um lugar seguro para voltar e descansar. E como se dá a constituição deste espaço pessoal? O ponto seguinte elucida esta relevante questão.

d) A compreensão do estar só na perspectiva winnicottiana faz com que tomemos contato com o ponto crucial do amadurecimento emocional: o ambiente sustentador, a condição de possiblidade para instauração dos relacionamentos íntimos mãe-bebê, dito na linguagem winnicottiana, relação de ego (*egorelatedness*). É a partir da capacidade de o ambiente, materno e familiar, sustentar o relacionamento efetivamente íntimo mãe-bebê, a comunicação silenciosa entre mãe-bebê, que o indivíduo tem a possibilidade de integrar-se num si-mesmo unitário e de poder viver as experiências próprias do viver de modo pessoal, real e valoroso. Em outras palavras, o ambiente materno facilita a integração do indivíduo sustentando a vivência dos estados tranquilos e dos excitados do bebê. Isto significa ao indivíduo ser atendido em sua necessidade de continuidade de ser. Com estas afirmações, tocamos o ponto crucial da perspectiva winnicottiana: o início da vida psíquica está associado à experiência de ser e de se sentir-se real, conquistas vinculadas à experiência de mutualidade, de comunicação silenciosa. Na visão winnicottiana, ser e sentir-se real dizem respeito fundamentalmente à saúde emocional do indivíduo. E, por isso, Winnicott (1986/2011, p. 18. Maiúsculas do autor), ao perguntar-se o que é a vida, respondeu: “Não preciso saber a resposta, mas podemos chegar a um acordo: ela está mais próxima do SER do que do sexo”.

e) Considerando o processo maturacional, o paradoxo constitui um elemento organizador do amadurecimento. No que tange o estar só, o ambiente materno está presente, atendendo às necessidades emocionais do lactente de sentir-se sustentado e poder estar em um estado de não

integração. Concomitantemente, o ambiente materno está ausente, à medida que o que conta nesta experiência é a necessidade do lactente e não as do ambiente materno. A vivência desse paradoxo confluirá posteriormente para a saúde emocional do indivíduo, e, em decorrência disso, a experiência do estar só como capacidade. Pensando neste ponto crucial para o desenvolvimento emocional, destacamos a vivência do paradoxo como elemento fundamental também do *setting* terapêutico, pois permite que os pacientes possam experimentar as suas experiências a partir do si-mesmo verdadeiro, fazendo assim emergir o si-mesmo verdadeiro da comunicação silenciosa e paradoxal terapeuta-paciente. O estar com, de forma segura, disponível e respeitosa, é condição de possibilidade para que o indivíduo constitua um ambiente pessoal, podendo estar só consigo mesmo e experimentar os relacionamentos interpessoais e os fatos cotidaanos com sentido pessoal.

f) No caso B, tais apontamentos acima feitos podem ser explicitados. A questão de B não era a falta de gratificação de suas necessidades instintuais. B se sentia satisfeito quando a sua mãe o amamentava. Entretanto, a mãe de B o alimentava cumprindo uma tarefa, não deixando o seu colo disponível para que um relacionamento íntimo fosse estabelecido durante, e após a amamentação em um estado tranquilo. Os estados tranquilos vividos por B eram marcados pela ausência do ambiente sustentador. Assim sendo, Winnicott chegou à conclusão de que a etiologia do adoecimento humano não se encontrava na falta ou excesso de gratificação instintual propriamente dita, mas no contexto relacional-íntimo mãe-bebê em que o instinto é satisfeito e /ou não atendido. No caso de B, a satisfação significava aniquilação de si, porque carecia de relação efetiva–relação de ego (*egorelatedness*) - que lhe permitisse ser sustentado no colo materno, em seu estado de exicitação, e posteriormente, em seu estado tranquilo, podendo assim experimentar os processos maturacionais implicados em tal relação de mutualidade. Tal carência inviabiliza a integração do si-mesmo numa unidade identitária, não sendo possível o estabelecimento de um espaço pessoal no qual o indivíduo possa estar só, relaxar. Aceito como válido esse raciocínio; entendemos que um relacionamento terapêutico efetivo e acolhedor,

capaz de oferecer sustentação (*holding*) ao indivíduo, sobretudo no caso de pacientes que não se constituiram como pessoa, colocará em movimento o processo maturacional interrompido, fazendo emergir este espaço pessoal no qual o indivíduo poderá ser capaz de estar só.

g) À luz da teoria do amadurecimento emocional, podemos entender a descrição winnicottiana do estágio edípico como um ganho na saúde e na capacidade de estar só. Para que o estágio edípico signifique um ganho na saúde, é necessário que o indivíduo tenha se integrado num si-mesmo unitário. Caso isso não ocorra, o estágio edípico não terá sentido para o indivíduo, não podendo ser experienciado por ele as relações triangulares e tudo que elas implicam como algo saudável e enriquecedor do si-mesmo unitário. Além disso, tal estágio não consitituirá para o indivíduo uma integração da capacidade de experiementar a sua instintualidade de modo pessoal e real nas suas relações afetivas, enriquecendo o si-mesmo com tal experiência. Se tudo correu bem, a capacidade de estar só constituirá neste momento um espaço para estar consigo e todas as ideias e impulsos advindos das relações triangulares, bem como, a aceitação de ser o excluído da cena primária. Winnicott, ao considerar o estágio edípico, também levou em consideração o ambiente e suas possíveis falhas e instruções que não possibilitam ao indivíduo experimentar essa experiência integradora, interrompendo o seu processo maturacional. Tais situações ambientais inadequadas no estagio edípico, seja por ausência ou intrusão, quando tudo correu bem nos estágios anteriores, podem gerar no indivíduo inibição das ideais e impulsos eróticos e agressivos, além de não ajuda-lo a descobrir a sua potência e ter autodomínio sobre ela. E, neste sentido, tendo presente a importância do processo maturacional e o estágio edípico, compreendemos que a incapacidade de estar só pode estar ligada à falta de integração numa identidade unitária, ou, também, à incapacidade de lidar com as ideias e os impulsos eróticos e agressivos advindos das relações triangulares uma vez que as falhas do ambiente não facilitam a vivência desse processo maturacional.

h) É no *estar com* que o *estar só* pode se estabelecer desde os momentos iniciais da vida do indivíduo. Neste sentido, a relação de intimidade em suas respectivas distinções ao longo do desenvolvimento humano constitui

o elo entre o estar com e o estar só, proporcionando a saúde emocional para o indivíduo. Na vida adulta, essa dinâmica paradoxal pode ser compreendida na presença interessada por estar com o outro compartilhando entre si o estar só, o poder estar consigo mesmo, habitando o seu ambiente pessoal, em um estado de relaxamento, a partir de um clima de confiabilidade. Winnicott (1958) identificou esse relevante fenômeno depois da experiência da relação sexual em que os indivíduos, *voltando para sua própria casa*, sós, podem compartilhar a solidão com o outro em ambiente intimo, isto é, seguro, assim fazendo da experiência sexual uma vivência integradora do ser, valorosa e digna de ser vivida.

i) Por fim, Winnicott, ao pensar a capacidade de estar só na vida adulta, utiliza o estado do indivíduo depois da relação sexual. A rica e bela explicação aponta-nos que a capacidade de estar só não é um estado de isolamento do indivíduo, mas uma capacidade de relacionar-se com o outro, a partir do si-mesmo, sem perder-se de si e de suas necessidades, experimentando as relações como pessoais, valorosas e significativas. Paradoxalmente, do relacionamento intímo e efetivo com outro, silencioso, nos estágios iniciais, emerge a capacidade de estar só, que vai se consolidando na vida do indivíduo à medida que ele se integra. Na vida adulta, os relacionamentos efetivos e afetivos também facilitam a vivência do estar só como capacidade, fazendo com que o ser humano continue os seus processos maturacionais e criando a possibilidade de viver a realidade compartilhada, podendo ausentar-se dela para descansar sem sentir-se aniquilado.

Buscamos aqui compreender a perspectiva winnicottiana sobre a capacidade de estar só. Outras investigações poderiam ampliar a compreensão do fenômeno aqui descrito por meio de estudos de casos clínicos. Além disso, seriam interessantes no futuro estudos que pudessem detalhar com mais precisão, à luz da teoria do amadurecimento emocional de Winnicott, as possíveis dificuldades nos estágios maturacionais que inviabilizam a vivência do estar só e como isso se manifesta especificamente na vida do indivíduo. Esse tema poderia também ser explorado nos processos educacionais de aprendizagem, a relação professor-aluno.

Além disso, a capacidade de estar só poderia ser investigada nas experiências religiosas e culturais concretamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J. Donald Woods Winnicott (1896-1971): A brief introduction. **The International Journal of Psychoanalysis**, London, v.89, n. 6, p. 1189-1217, 2008.

AGUAYO, J. Reassessing the clinical afinity between Melanie Klein and D. W. Winnicott (1935-51): Klein´s unpublished 'notes on baby' in historical context. **The International Journal of Psychoanalysis**, London, v.83, n.5, p.1133-1152, 2002.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BÍBLIA: **A Bíblia de Jerusalém**. 8. impressão. São Paulo: Paulus, 2000.

BLANCO, A. A. Aspectos biográficos de Donald Woods Winnicott. In: BLANCO, A. A.; LIBERMAN, A. **Una introducción a la obra de D. W. Winnicott.** Contribuiciones al pensamento relacional. Madrid: Ágora Relacional, 2011. p. 27-52.

DEUS, R. T. **Um estudo sobre a transferência em Winnicott no caso Piggle**. 2014. 98f. (Tese de doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2014.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 2. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2012. (Trabalho originalmente publicado em 2003).

_____. Incorporação e introjeção em Winnicott. In: _____. **Sobre a confiabilidade e outros estudos**. São Paulo: DWW Editorial, 2011. p. 174-199.

DETHIVILLE, L. **Donald W. Winnicott, une nouvelle approche**. Paris: Campagne Première, 2008.

DONNET, J-L. Prefácio. In: ROUSSILLON, R. **Paradoxos e situações limites da psicanálise**. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2006. p. 25-35. (Obra originalmente publicada em 1991).

ENGELBERG DE MORAES, A. A. de R. Caso B: a experiência da perda do concernimento e a importância da análise. **Natureza Humana**, São Paulo , v. 12, n. 1, p. 231-238, 2010.

FERREIRA, S. D. **A noção de ego na obra de D. W. Winnicott**. 2011. 94p. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2011.

FIGUEIREDO, L. C. A tradição ferencziana de Donald Winnicott: apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 909-927, 2002.

FORLENZA NETO, O. O respeito ao isolamento pessoal e a área de sigilo e privacidade do núcleo de autenticidade na prática psicanalítica. In: REIS, R. (org.). **O pensamento de Winnicott:** a clínica e a técnica. São Paulo: DWW Editorial, 2011. p. 85-97.

FULGENCIO, L. Winnicott e uma psicanálise sem metapsicologia. **Natureza Humana**, v. 8(Especial 1), p. 401-420, 2006.

_____. Winnicott e o abandono dos conceitos fundamentais da metapsicologia freudiana. In: PEREIRA, H.; ZALCBERBERG, M. T.; NEMAS, C. (Orgs.). **Livro anual de psicanálise**. Tomo XXIII. São Paulo: Escuta, 2009. p. 77-94.

_____. Aspectos gerais da redescrição winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. **Psicologia**, v. 41, n. 1, p. 99-125, 2010.

_____. A importância da noção de experiência no pensamento de D. W. Winnicott. **Estudos de Psicologia**, Campinas-SP, v. 28, n.1, p. 57-64, janeiro-março de 2011.

_____. A noção de id para Winnicott. **Revista Percurso**, São Paulo, 51, p. 95-104, dezembro de 2013.

_____. Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 183-198, abr. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jul. 2016.

GADAMER, H. **Verdade e método**. 15 ed. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2015. Obra originalmente publicada em 1960).

GIRARD, M. Winnicott's foundation for the basic concepts of Freud's metapsychology? **The International Journal of Psychoanalysis**, London, v. 91, p. 305-324, 2010.

JORDÃO, A. A. Pequeno ensaio metapsicológico sobre a solidão e suas implicações. **Cadernos de Psicanálise,** Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, v. 23, n. 26, 2007. p. 101-118.

KHAN, M. M. Introdução. In: WINNICOTT, D. W. (1958). **Da pediatria a psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000. p. 11-54. (Texto originalmente publicado em 1978).

_____. Introdução. In: WINNICOTT, D. W. (1986). **Holding e interpretação**. 3. ed. Trad. Sonia Maria Tavares Monteiro de Barros. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010, p. 1-25. (Texto originalmente publicado em 1972).

LEHMANN, J.-P. **La clinique analytique de Winnicott.** De la position dépressive aux étas-limites. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003.

_____. **Développements de la clinique de Winnicott.** Avatars des régressions et masochisme féminin. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2007.

LEJARRAGA, A. L. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012.

_____. Sexualidade infantil e intimidade: diálogos winnicottianos . In: _____. **Sexualidade infantil e intimidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p.19-56.

LOPARIC, Z. Winnicott e Melanie Klein: conflitos de paradigmas. In: CATAFESTA, I. F. M. (org). **A clínica e a pesquisa no final do século**: Winnicott e a universidade. São Paulo: Lemos, 1997a. p. 43-60.

_____. A máquina no homem. **Psicanálise e universidade,** PUCSP, n. 7, p. 97-115, 1997b.

_____. O animal humano. **Natureza humana** [online], São Paulo, v. 2, n. 2, p. 351-397, 2000.

_____. Esboço do paradigma winnicottiano. **Cadernos de história e filosofia da ciência**, Campinas-SP, v. 11, n. 2, p. 7-58, jul-dez. 2001.

_____. Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. **Natureza humana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 311-358, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000300001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 mar. 2017.

_____. Winnicott e uma psicanálise sem metapsicologia. In: DIAS, E. O.; LOPARIC, Z. (Orgs.). **Winnicott na escola de São Paulo**. São Paulo: DWW Editorial, 2011. p. 29-58. (Texto originalmente publicado em 2006).

_____. Winnicott e Jung. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 82-131, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2012000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 jul. 2016.

MEYER, L. O que faz fracassar uma formação, **Percurso**, São Paulo, n.12, p. 83-88, 1994.

NAFFAH NETO, A. Winnicott: uma psicanálise da experiência humana em seu devir próprio. **Natureza Humana**, v. 7, n. 2, 433-454, jul.-dez. 2005.

_____. A pesquisa psicanalítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 279-288, jun. 2006.

_____. A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 221-242, julho-dezembro de 2007a.

_____. A problemática do falso self em pacientes de tipo borderline. Revisitando Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 4, “Metáforas”, p. 77-88, 2007b.

_____. Sobre a elaboração imaginativa das funções corporais. In: COELHO Junior, N.; SALEN, P.; KLAUTAU (orgs). **Dimensões da intersubjetividade**. São Paulo: Estuta/Fapesp, 2012. p. 39-56.

_____. A problemática da sexualidade infantil, segundo D. W. Winnicott: desfazendo mal-entendidos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 48, n. 4, 2014.

PHILLIPS, A. **Winnicott**. Trad. Alessandra Siedschlag. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2006. (Obra originalmente publicada em 1988).

PLASTINO, C. A. **Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

RODULFO, R. **El psicoanálisis de nuevo.** Elementos para la desconstrucción del psicoanálisis tradicional. Buenos Aires: Eudeba, 2008.

_____. **Trabajos de la lectura, lectura de la violencia**: lo creativo-lo destructivo en el pensamiento de Winnicott. Buenos Aires: Paidós, 2009.

ROUSSILLON, R. **Paradoxos e situações limites da psicanálise**. Trad. Paulo Neves. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2006. (Obra originalmente publicada em 1991).

SEEWALD, F.; HALPERIN, C. K.; KOMPINSKY, E.; SEGAL, J.; ALMEIDA, J. T. A.; MOTTA, M. G. et al. O tema da solidão: Klein e Winnicott revisitados. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 17, n. 1, 1995.

SZAPIRO, K. S. **A capacidade de ficar só como uma conquista:** uma abordagem Winnicottiana. 2010. 88 f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2010.

TANIS, B. **Circuitos da Solidão**: entre a clínica e a cultura. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2004.

WINNICOTT, Clare. D. W. W.: uma reflexão por Clare Winnicott. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.) **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 1-23. (Obra originalmente publicada em 1989).

WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. **Da pediatria a psicanális**e: obras escolhidas. Trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000. p. 218-232. (Obra originalmente publicada em 1958).

_____. (1949a). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. **Da pediatria a psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000. p. 254-276. (Obra originalmente publicada em 1958).

_____. (1949b). O desmane. In: _____. **A criança e o seu mundo**. Trad. Álvaro Cabral. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2012. p. 89-94. (Obra originalmente publicada em 1964).

_____. (1949c). O bebê como organização em marcha. In: _____. **A criança e o seu mundo**. Trad. Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2012. p. 26-30. (Obra originalmente publicada em 1964).

_____. (1950). Crescimento e desenvolvimento na fase imatura. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 29-41. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1952). Carta a Money-Kyrle. In: _____. **O gesto espontâneo**. Trad. Luís Carlos Borges. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 53. (Obra originalmente publicada em 1987).

_____. (1953a). Duas crianças adotadas. In: SHEPEHERD, R; JOHNS, J.; ROBINSON, H. T. (orgs.) **D. W. Winnicott:** pensando sobre crianças. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 115-125. (Obra originalmente publicada em 1996).

_____. (1953b). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44. (Obra originalmente publicada em 1971).

_____. (1954a [1949]). A mente e sua relação com o psicossoma. In: _____. **Da pediatria a psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000. p. 332-345. (Obra originalmente publicada em 1958).

_____. (1954b). Michel Balint-Tipos de caráter: o temerário e o cauteleso. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.) **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 331-334. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1955a [1954]). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In: _____. **Da pediatria a psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000. p. 374-391. (Obra originalmente publicada em 1958).

_____. (1955b). Influências de grupo e a criança desajustada. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 213-225. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1955c [1954]). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: _____. **Da pediatria a psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000. p. 374-391. (Obra originalmente publicada em 1958).

_____. (1956 [1955]). Formas clínicas da transferência. In: _____. **Da pediatria a psicanálise**: obras escolhidas. Trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000. p. 393-398. (Obra originalmente publicada em 1958).

_____. (1957). A contribuição da mãe para sociedade. In: _____. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 117-122. (Obra originalmente publicada em 1986).

_____. (1958[1957]). A capacidade para estar só. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 31-37. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1959a). O destino do objeto transicional. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 44-48. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1959b). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 114-127. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1960a). Joseph Sandler: Comentários sobre On the concept of the superego. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 353-358. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1960b). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro “self”. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1961). Psiconeurose na infância. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 53-58. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1962a). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 55-61. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1962b). A criança de cinco anos. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 49-57. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1963a). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 163-174. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1963b). Moral e educação. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 88-98. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1963c [1962]). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 70-78. (Obra originalmente publicada em 1965).

_____. (1964a). C. G. Jung: Resenha de memories, dreams, reflections. In: _____. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.) **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 365-372. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1964b). As raízes da agressividade. In: _____. **A criança e o seu mundo**. Trad. Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2012. p. 262-270. (Obra originalmente publicada em 1964).

_____. (1964c). O recém-nascido e sua mãe. In: _____. **Os bebês e suas mães**. Trad. Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 29-42. (Obra originalmente publicada em 1987).

_____. (1966a). As origens do indivíduo. In: _____. **Os bebês e suas mães**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 43-49. (Obra originalmente publicada em 1987).

_____. (1966b). A criança no grupo familiar. In: _____. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 123-136. (Obra originalmente publicada em 1986).

_____. (1966c [1964]. A enfermidade psicossomática em seus aspectos positivos e negativos. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 82-90. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1967a). Pós-escrito: D.W.W sobre D.W.W. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 433-443. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1967b). A etiologia da esquizofrenia infantil em termos do fracasso adaptativo. In: SHEPEHERD, R; JOHNS, J.; ROBINSON, H. T (Orgs.) **D. W. Winnicott**: pensando sobre crianças. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 193-196. (Obra originalmente publicada em 1996).

_____. (1967c). A localização da experiência cultural. In: _____. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 133-143. (Obra originalmente publicada em 1971).

_____. (1968a). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: _____. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 187-203. (Obra originalmente publicada em 1971).

_____. (1968b). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. **Os bebês e suas mães**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2013. p. 79-92. (Obra originalmente publicada em 1987).

_____. (1968c). O ambiente saudável na infância. In: _____. **Os bebês e suas mães**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2013. p. 51-59. (Obra originalmente publicada em 1987).

_____. (1968d [1967]). A delinquência como sina de esperança. In: _____. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 81-91. (Obra originalmente publicada em 1986).

_____. (1968e). O inter-relacionamento em termos de identificação cruzadas. In: _____. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 176-186. (Obra originalmente publicada em 1971).

_____. (1969a). O uso de um objeto no contexto de Moisés e o Monoteísmo. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 187-191. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1969b [1968]). O uso de um objeto e o relacionamento através da identificações. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 171-177. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1970a [1969]). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 195-202. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1970b). A cura. In: _____. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 105-114. (Obra originalmente publicada em 1986).

_____. (1971a[1970]). Sobre as bases para o self no corpo. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 203-218. (Obra originalmente publicada em 1989).

_____. (1971b). O brincar: uma exposição teórica. In: _____. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 59-78. (Obra originalmente publicada em 1971).

_____. (1971c). Introdução à primeira parte. In: _____. **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. Trad. Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984. p. 9-19. (Obra originalmente publicada em 1971).

_____. (1984a [1968]). Sum: eu sou. In: _____. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 41-51. (Obra originalmente publicada em 1986).

_____. (1984b [1969]). Liberdade. In: _____. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 237-247. (Obra originalmente publicada em 1986).

_____. (1986). Fragmento de uma análise. In: _____. **Holding e interpretação**. Trad. Sonia Maria Tavares Monteiro de Barros. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 27-251. (Obra originalmente publicada em 1986).

_____. (1988). **Natureza humana**. Trad. Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.